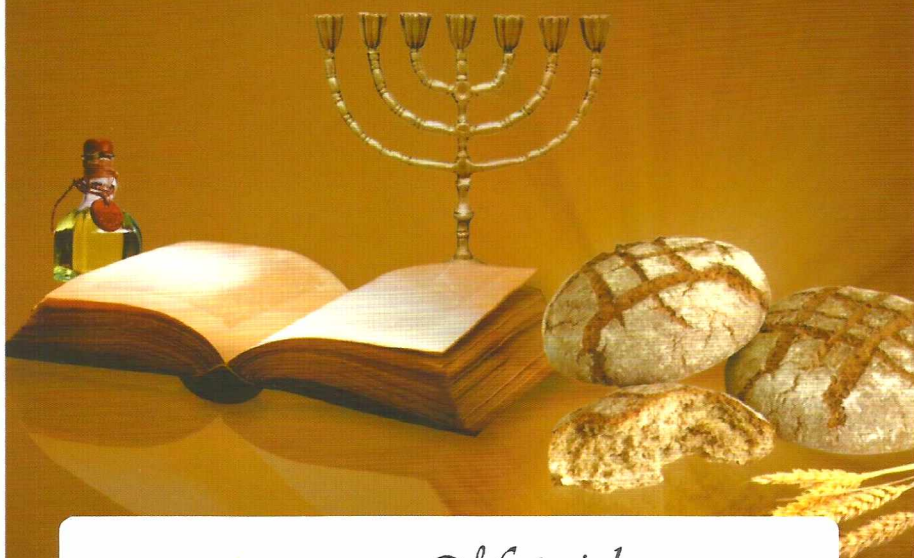




O ensino teológico além das fronteiras At. 1.8



Material

Para

Monitor

OS EVANGELHOS E ATOS



O Ensino Teológico Além das Fronteiras (Atos 1.8)

Rua Antônio José de Oliveira, 1180

Bairro São Carlos - Cx. Postal 1120

86800-472 – Apucarana – PR

Fone/Fax: (43) 3426-0003



(43) 99960-0910 (43) 99924-0708 (43) 99960-8886

(43) 98455-4830 (43) 98455-4831 (43) 98455-4832



(43) 99133-3953 (43) 99157-1462 (43) 99179-3492



(43) 98823-7070 (43) 98846-1257 (43) 98806-6976

E-mail: contato@cetadeb.com.br

Site: www.cetadeb.com.br

Aluno(a): _____

Os Evangelhos e Atos

Pr João Antônio de Souza Filho

Copyright © 2012 by Pr João Antônio de Souza Filho

Diagramação: Hércules Carvalho Denobi

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados a Denobi e Acioli Empreendimentos Educacionais.

O conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade do autor.

8ª Edição – Abr/2017

DIRETORIA E CONSELHO

Diretor

Hércules Carvalho Denobi

Vice-Diretora

Eliane Pagani Acioli Denobi

Conselho Consultivo e Teológico

Daniel Sales Acioli

Perci Fontoura

José Polini

Márcio de Souza Jardim

Ciro Sanches Zibordi

Assessoria Jurídica

Dr. Carlos Eduardo Neres Lourenço

ABREVIações

a.C. – antes de Cristo.

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ARC – Almeida Revista e Corrigida

AT – Antigo Testamento

BV – Bíblia Viva

BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje

c. – Cerca de, aproximadamente.

cap. – capítulo; caps. – capítulos.

cf. – confere, compare.

d.C. – depois de Cristo.

e.g. – por exemplo.

Fig. – Figurado.

fig. – figurado; figuradamente.

gr. – grego

hb. – hebraico

i.e. – isto é.

IBB – Imprensa Bíblica Brasileira

Km – Símbolo de quilometro

lit. – literal, literalmente.

LXX – Septuaginta (versão grega do AT)

m – Símbolo de metro.

MSS – manuscritos

NT – Novo Testamento

NVI – Nova Versão Internacional

p. – página.

ref. – referência; refs. – referências

ss. – e os seguintes (isto é, os versículos consecutivos de um capítulo até o seu final. Por exemplo: 1Pe 2.1ss, significa 1Pe 2.1-25).

séc. – século (s).

v. – versículo;

vv. – versículos.

ver - veja

SUMÁRIO

LIÇÃO I: INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS	7
O EVANGELHO DE JESUS CRISTO SEGUNDO ESCREVEU	
MATEUS	18
ATIVIDADES – LIÇÃO I.....	39
 LIÇÃO II: O EVANGELHO DE JESUS CRISTO SEGUNDO	
ESCREVEU MARCOS.....	41
ATIVIDADES – LIÇÃO II.....	62
 LIÇÃO III: O EVANGELHO DE JESUS CRISTO SEGUNDO	
ESCREVEU LUCAS	63
ATIVIDADES – LIÇÃO III.....	87
 LIÇÃO IV: O EVANGELHO DE JESUS CRISTO SEGUNDO	
ESCREVEU JOÃO	89
ATIVIDADES – LIÇÃO IV.....	111
 LIÇÃO V: O LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS.....	113
ATIVIDADES – LIÇÃO V.....	143
 APÊNDICES	145
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155

Anotações:

Lição I

Introdução aos Evangelhos O Evangelho Segundo Mateus

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

INTRODUÇÃO

Estudar os quatro evangelhos é se aprofundar na essência do ensinamento de Jesus. Estudar o livro de Atos é aprender como a igreja levou o evangelho de Jesus ao mundo conhecido da época. Neste módulo o estudante conhecerá melhor os quatro evangelhos e o livro dos Atos dos Apóstolos.

O módulo que o aluno tem em mãos foi preparado didaticamente proporcionando ao aluno um aprendizado de qualidade. As pesquisas foram feitas em obras de conceituados comentaristas bíblicos dos séculos XIX e XX proporcionando clareza e conteúdo relevantes aos alunos.

Decidiu-se incluir neste módulo uma exposição sobre a origem da literatura do Novo Testamento bem como do surgimento do cânone, porque as pessoas têm dificuldade para entender por que somente esses livros do NT se tornaram partes do rolo sagrado. Essa inclusão histórica foi necessária, apesar de aumentar o tempo de estudo.

Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas foram chamados de sinóticos pelo estudioso alemão J. J. Griesbach no final do século dezoito. Ele usou a palavra grega 'synopsis', que significa 'ver em conjunto' (do gr. Syn- "junto com" e optic "vendo") devido às semelhanças visíveis a qualquer estudioso da Bíblia entre esses três evangelhos. Até então não existia o conceito de "sinótico" como hoje.

Esses três evangelistas trazem uma sequência geográfica ao ministério de Jesus, o que os diferencia do evangelho de João. Os três primeiros evangelistas narram, praticamente, os mesmos milagres e exorcismos, enquanto João, apesar de narrar milagres significativos aborda outros milagres que não estão nos demais.

Também o comissionamento ou a ordem de ir pelo mundo pregar o evangelho, a transfiguração, o sermão profético e a narrativa da última ceia não se encontram em João. Com relação a ceia, sua narrativa não se encontra neste evangelho, porém sua menção se dá em boa parte do capítulo 13, demonstrando sua importância para todos os evangelistas. Observe ainda que na estrutura do livro de João não existe a tentação do diabo nem a agonia do deserto.

Devido a isso os primeiros três evangelhos costumam ser estudados em separado. Alguns comentaristas, no entanto, discordam da separação dos sinóticos em relação ao evangelho de João, alegando que os quatro evangelhos possuem grande unidade entre eles e seguem uma mesma estrutura, pois todos apresentam Jesus como o Único.

ORDEM DOS LIVROS NO NT

A ordem dos livros da Bíblia e do NT segue a mesma da vulgata latina, e depende unicamente do juízo arbitrário de um homem apenas, Jerônimo (382-405 d.C.).

Todas as teorias em torno da ordem dos livros que aparecem na Bíblia são humanas e não seguem nenhuma ordem espiritual.

O Novo Testamento pode ser visto em seis grupos distintos:

1. Os quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João.
2. Um livro histórico: Atos dos Apóstolos

3. Nove Epístolas paulinas: Romanos; 1 e 2 Coríntios; Gálatas; Efésios; Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses.
4. Quatro epístolas pastorais: 1 e 2 Timóteo; Tito e Filemom.
5. Oito epístolas gerais: Hebreus, Tiago; 1 e 2 Pedro; 1, 2 e 3 João e Judas.
6. Um Livro Profético: Apocalipse

A INTER-RELAÇÃO DOS EVANGELHOS

Nos quatro evangelhos Deus fala através de seu Filho (Hb 1.1). E tratam da proclamação do Rei e do Reino; mas também da rejeição do Reino e do Rei.

Sem dúvida alguma os evangelhos são interrelacionados, inda que se observe as seguintes características de cada um.

EM MATEUS, o Senhor Jesus é apresentado como rei. “eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta” (Zc 9.9). “Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra” (Jr 23.5 – ver ainda vv. 6; 33.15).

Neste evangelho a genealogia de Jesus é apresentada a partir de Abraão, passando por Davi, até chegar a José, porque os judeus precisavam de uma comprovação da linha genealógica de Jesus que o provasse como sendo o Messias esperado (Mt 1.1-17). Jesus é apresentado diante dos homens na alta posição de um Rei.

EM MARCOS, o Senhor é apresentado como o servo. “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios” (Is 42.1). Veja ainda Zc 3.8. Não se requer de um servo que apresente sua origem genealógica, e Jesus é apresentado como ele é diante do Pai (relativamente), com a mais humilde posição terreal, o servo ideal. Marcos não precisou provar a genealogia de Jesus assim como um servo não tinha genealogia naqueles tempos.

EM LUCAS, o Senhor é apresentado como o Filho do Homem. “Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; ele brotará do seu lugar e edificará o templo do SENHOR” (Zc 6.12). Por isso requer que se apresente a genealogia de maneira inversa a apresentada por Mateus. Como Filho do Homem a genealogia de Jesus retrocede a partir de José até Adão, e daí a Deus (Lc 3.23-38). Jesus é apresentado como de fato é, diante dos homens (de maneira intrínseca) o homem ideal.

NO EVANGELHO DE JOÃO, o Senhor Jesus é apresentado como sendo o próprio Senhor. “Eis aí está o vosso Deus!” (Is 40.9). “Naquele dia, o Renovo do SENHOR será de beleza e de glória” (Is 4.2). Portanto não se requer genealogia, e Jesus é apresentado como ele realmente é diante de Deus – intrinsecamente Divino! Por isso é apresentado como o Verbo de Deus encarnado entre os homens!

Os quatro evangelhos se completam e não precisariam ser explicados por nenhuma estrutura sinótica. Os quatro se propõem – e deve ter sido ideia de Deus – apresentar os quatro aspectos da vida de Cristo na terra.

A estrutura dos quatro evangelhos não é fruto da engenhosidade dos escritores. O aluno deve se conscientizar de que os evangelhos praticamente são a continuidade do AT

e não o começo de um novo. Nesses não se encontram a fundação da igreja ou o começo do cristianismo, são, isto sim, quatro diferentes apresentações do Messias e formam uma unidade entre eles. Os discursos e milagres foram selecionados para uma boa apresentação do Messias.

Talvez aí esteja a razão de certas palavras diferirem de um evangelho para outro; e de por que certas declarações de Jesus são repetidas pelos outros como se fossem pronunciadas em ocasiões diferentes. Em Mateus, por exemplo, lê-se a expressão 'reino dos céus' e nos demais evangelhos 'reino de Deus'.

A expressão Novo Testamento possui dois sentidos: O primeiro referindo-se ao Novo Testamento, ou Nova Aliança propriamente dita (Lc 22.20; 1 Co 11.25; 2 Co 3.6 etc.) e o segundo, referindo-se aos livros que compõem o cânone do Novo Testamento.

I. A ORIGEM DA LITERATURA DO NT

Para compreender bem os quatro evangelhos e o livro de Atos dos Apóstolos, como de resto os demais livros do Novo Testamento, o estudante precisa conhecer de maneira prática como os livros foram sendo reconhecidos e agregados formando a Bíblia.

Falando de maneira bem humana, pode-se afirmar que o surgimento dos livros do NT se deveu à paulatina necessidade dos primeiros cristãos de tratar os assuntos de relevância da época.

Os apóstolos foram comissionados a pregar e não a escrever. Na realidade os apóstolos precisaram colocar na mão dos primeiros cristãos as verdades do Antigo Testamento

sob a luz da Nova Aliança e os evangelhos e as epístolas continham para eles todo depósito das verdades divinas (2 Tm 3.15 etc.).

- A)** As epístolas, como tal foram escritas para responder as questões surgidas com a conversão dos gentios (At 15). Muitas delas mostram por que foram escritas, como certas partes da epístola aos coríntios em que Paulo responde às perguntas dos irmãos (1 Co 7.1; 2 Co 9.1; Gl 1.6; 2 Tm 2.1 etc.). As comunicações ou consultas formais eram comuns entre os judeus, conforme pode ser visto nos textos de Atos 9.2 e 28.21.
- B)** As narrativas das palavras e das obras de Cristo, como as descritas nos evangelhos, não eram tão necessárias nos primeiros anos, por duas razões: Primeiro, porque as pessoas anelavam pelo retorno imediato de Cristo (2 Tm 2.2) e segundo, porque as pessoas que haviam sido testemunhas do ministério de Jesus estavam vivas e ativas na igreja (At 1.22; 1 Co 15.6).

A necessidade de narrativas autênticas foi forçosamente realizada quando os primeiros apóstolos começaram a morrer (2 Pe 1.15 e ss.; 2 Tm 4.6 ss.) e pessoas irresponsáveis começaram a tentar preencher as necessidades que as pessoas tinham de conhecer mais daqueles dias (Lc 1.1 e ss.).

Sabe-se que, nas gerações seguintes os cristãos passaram a preferir as reminiscências antigas, conforme escreveu Papias e é citado por Eusébio em História Eclesiástica (Livro III capítulo XXXIX à p 116 – Edição da CPAD como ocorrido no ano 140 d.C.). Por exemplo, os evangelhos começaram a ser escritos depois de vinte e cinco anos (aproximadamente) da ascensão de Jesus.

II. A ACEITAÇÃO CANÔNICA DOS ESCRITOS DO NOVO TESTAMENTO

James Hastings afirma que a aceitação dos escritos do Novo Testamento como sendo canônicos parece haver passado por três estágios, e não existe uma data definida para se dizer que determinado bispo ou concílio declararam o que era verdadeiro ou canônico. Os livros do NT foram aceitos paulatinamente pelos irmãos dos primeiros séculos, seguindo mais ou menos a seguinte ordem:

A) Reconhecimento coletivo. Este parece ter sido o primeiro estágio de aceitação (que durou mais ou menos até 170 d.C.). Os escritores cristãos deste período têm em comum várias coisas:

1. *Linguagens semelhantes e expressões comuns do NT.* Por exemplo, Clemente de Roma (95 d.C.), Inácio de Antioquia (110 d.C.), Policarpo (116 d.C.), Barnabé (70-130 d.C.); Didaquê (90-165 d.C.) e Hermas (140-155 d.C.).
2. *Referências anônimas* – Muitos escritores usaram referências anônimas para escrever suas apologias, como era de praxe fazer em outras obras. Por exemplo: Justino Mártir (150 d.C.), Diógenes (170 d.C.), e também a segunda epístola de Clemente em cerca de 140 d.C. não especificam suas fontes.
3. *Referências diretas.* Clemente (140 d.C.) faz referências ao texto de 1 Coríntios; Policarpo menciona a epístola aos Filipenses. Papias, ainda antes de 150 d.C. e Eusébio mencionam os registros das palavras de Cristo feitas no evangelho de Marcos e Mateus. Justino menciona as 'memórias dos apóstolos e de seus seguidores' e refere-se também ao livro de Apocalipse.

4. *Recensões dogmáticas.* (É quando um manuscrito é revisto por outro autor). Tatian, cerca de 150 d.C. harmonizou os quatro evangelhos. Marcião (140 d.C.), mutilou o texto de Lucas, reconheceu como verdadeiras as nove epístolas paulinas, mas rejeitou três epístolas pastorais.
5. *Catálogo.* Exemplo disso são os fragmentos muratorianos (feitos cerca de 160 d.C.) e se constitui no primeiro “cânone” que incluiu todos os livros do Novo Testamento, exceto Hebreus. Esses fragmentos, segundo Westcott fornecem um “sumário do pensamento da igreja oriental sobre o cânone bem na metade do segundo século”.

B) Autoridade única. Este é o segundo estágio e se constitui dos seguintes valores:

1. Uma sucessão de contrastes é feita pelos próprios apóstolos:
 - (a) A opinião dos próprios apóstolos. Conforme os pais apostólicos (Clemente de Roma, Policarpo, Inácio de Antioquia).
 - (b) Registros apostólicos e tradições. Justino Mártir escreveu que as memórias dos apóstolos relatam “todas as coisas concernentes a Jesus Cristo”. “Tais palavras, segundo a observação de Westcott, marcam a presença de um novo tempo... a tradição foi definitivamente deixada de lado como fonte de informação”.
 - (c) Livros canônicos e não canônicos. Ex. Dionísio de Corinto. Eusébio em História Eclesiástica afirma que “as Escrituras do Senhor... e outras que não do

mesmo naipes...". Existem ainda as opiniões de Clemente de Alexandria, Tertuliano, Caio, Irineu, Serapião etc. Todos demonstram concordância substancial além de apresentarem variedades de detalhes.

2. Exemplos de repetição. Esses exemplos mostram que ao longo dos anos a igreja adquiriu consciência através da utilização dos livros e epístolas:

(a) Títulos descritivos. Barnabé, em sua epístola (não incluída no cânone) é o primeiro a usar a fórmula, "como está escrito", ao tomar palavras citando o NT, como o texto de Mateus 22.14. Justino Mártir em *Apologética* I-66 usa o termo evangelhos, cujo termo foi dado aos 4 evangelhos. Melito de Sárdis, mencionado por Eusébio na *História Eclesiástica* (iv – 26) refere-se "aos livros do AT" falando dos contrastes com os do NT. A última descrição é a que foi mencionada por Irineu em que afirma que os dois Testamentos são do mesmo nível. Crisóstomo teria sido o primeiro pai da igreja a usar a expressão 'Bíblia' referindo-se aos dois Testamentos como um todo.

(b) Leitura pública. Por vários anos (com variação de lugar para lugar), 'proveito' era o que se requeria para que um livro fosse lido pelos irmãos. Em outras palavras: O livro edifica? Dionísio de Corinto (170-175), citado por Eusébio em *História Eclesiástica* (iv – 23), refere-se à leitura pública da carta de Soter, bem como a conhecida epístola de Clemente de Roma. Eusébio (III-23) relata que Hermas era lido em público, porque sua epístola era útil e "fornecia instruções elementares".

A *natureza apostólica* (isto é, inspiração prática) era também um grande teste, conforme Eusébio e Cirilo de Jerusalém (340 d.C. – Catequese iv.33-36).

C) Definição formal. A perseguição à igreja movida pelo imperador Dioclécio (303-311), contra as Escrituras dos cristãos comprova que os pontos de vista dos cristãos eram do conhecimento de todo o império romano. Isto indica que os textos da época eram já diferentes das demais literaturas dos cristãos. E isto é de vital consideração. Eusébio, escrevendo no período de 313-325 resume o consenso da época (História Eclesiástica III.3,24,25) em três classes de livros: “Os livros *reconhecidos*, isto é verdadeiramente autenticados e com poder apostólico; os *duvidosos*, isto é, que careciam dessas qualidades e os *heréticos*”. O imperador Constantino (331 d.C.) preparou, sob a supervisão de Eusébio cinquenta cópias das Escrituras Divinas para serem usadas pelas igrejas de Constantinopla (cf. Eusébio, *Const.* iv.36). Isto deve ter sido padrão para a igreja grega. Deve-se acrescentar que as evidências de versões antigas, latinas, siríacas e egípcias são de grande importância. Vários concílios tratam do Cânone, especialmente o de Laodiceia (363 d.C.), e o terceiro de Cartago (397 d.C.). (Esta parte é a tradução feita pelo autor deste módulo do texto de James Hastings, (*Dictionary of Christ and the Apostles*, Vol. II pp 243-244).

A maioria dos teólogos concorda que não existe uma data ou um concílio específico que determinou quais livros do NT são canônicos ou não, e sim que o cânone foi surgindo espontaneamente até ser plenamente aceito por toda a igreja.

O livro *The Lost books of the Bible* (Os livros Perdidos da Bíblia) acrescentam mais 27 títulos de livros do período dos três primeiros séculos. O autor possui o livro, leu-os todos, e

depois concluiu que a maioria deles não condiz com a história nem com o estilo dos primeiros apóstolos, exceção feita às epístolas de Clemente, Barnabé e Policarpo. Para que o aluno tenha ideia existe o evangelho de Maria, com histórias mirabolantes, a infância de Jesus atribuindo milagres ao menino antes dos doze anos de idade; o evangelho de Nicodemos; as cartas trocadas entre Paulo e Sêneca; a história de Paulo e Tecla (Sta. Tecla) etc.

O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

Conforme A. B. Bruce, em *O Treinamento dos Doze*, Mateus ou Levi, era conhecido de Jesus havia anos. Os demais evangelistas o chamam de Levi, mas este se apresenta sempre com outro nome, Mateus.

Mateus era judeu, mas também um publicano, nome dado aos judeus que tinham escritório de cobrança de impostos para Roma. "Os publicanos tinham casas ou tendas junto às cabeceiras de pontes, na foz dos rios, na beira-mar onde cobravam 'pedágio' dos passageiros que iam e vinham. Por isso se lê sobre pontes construídas e de publicanos junto ao mar. Eles trabalhavam cobrando impostos para Roma e ficavam com trinta por cento de tudo o que arrecadavam. Mateus é visto sentado à beira-mar para cobrar impostos dos passageiros que chegavam ou saíam de barcos.

Levi foi chamado nessas circunstâncias (Mt 9.9), e depois de haver aceito ofereceu um banquete em sua casa (Lc 5.29-32).

Alguns comentaristas afirmam que Mateus escreveu seu evangelho em hebraico (aramaico) para que os judeus conhecessem o verdadeiro Messias, mas outros discordam dessa tese.

O Evangelho segundo Mateus não é o mais antigo. Enquanto Marcos foi escrito em 63, Mateus foi escrito depois de Marcos e antes da destruição de Jerusalém, no ano 70.

A tradição da Igreja o atribui a Mateus, significando que este evangelho é um eco fiel da pregação apostólica. Sabe-se com certeza que ele escreveu para os cristãos que se converteram do judaísmo, cristãos israelenses. Isto é fácil de perceber pela quantidade de vezes que Mateus cita o Antigo Testamento. Muitas vezes ele diz: “Isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura”... Ora, somente os judeus conheciam a Escritura, quer dizer, o Antigo Testamento! Outra coisa: quando Mateus fala dos costumes dos judeus nunca precisa explicá-los... Por que? Porque estava escrevendo para judeus que conheciam muito bem tais costumes.

O estudante deve entender que não havia evangelho algum escrito durante um bom tempo depois da ressurreição de Jesus. Eles pregavam a boa-nova: Cristo morreu e ressuscitou para salvar as pessoas! O Pai ressuscitou Jesus e derramou sobre ele o Santo Espírito e quem crer no nome de Jesus recebe este Espírito para a remissão dos pecados e tem a vida eterna! Um bom resumo desse Evangelho está em 1 Co 15.1-8. O Evangelho não é um livro escrito, mas uma boa notícia, uma novidade alegre de salvação, que Cristo entregou à sua Igreja, chefiada pelos Doze!

À medida em que passaram os anos a nova geração precisava ouvir sobre a Pessoa de Jesus e, então, os evangelistas começaram a escrever sobre a vida e obra de Jesus Cristo.

Pois bem, o primeiro que reuniu uma parte deste material e arrumou tudo num “evangelho” escrito foi São Marcos, lá pelo ano 63 – portanto, 33 anos após a morte e ressurreição de Jesus! Depois surgiram os outros evangelhos.

O *Comentário Bíblico Moody*, diz: “Muitos explicaram a declaração de Papias, dizendo que se referia a uma forma original do aramaico do qual se traduziu o nosso evangelho grego. Mas o nosso texto grego não tem as marcas de uma tradução, e a ausência de qualquer traço de um original aramaico lança pesadas dúvidas sobre tal hipótese. Goodspeed argumenta detalhadamente que seria contrario à prática grega dar a uma tradução grega o nome do autor do original aramaico, pois os gregos apenas se preocupavam com aquele que passava a obra para o grego.

Como exemplos (ele cita o evangelho de Pedro) e o Antigo Testamento grego, que foi denominado Septuaginta (os setenta) segundo seus tradutores, não segundo seus autores hebreus (*Comentário Bíblico Moody* vol. 4 p 1).

Outros estudiosos entendem que Papias se referia apenas a uma série de textos de prova messiânicos em hebraico ou aramaico, coligidos por Mateus e posteriormente incorporados em seu evangelho, tendo sido traduzidos para o grego; ou ainda que Papias aludira a uma anterior edição semítica de Mateus, mas não diretamente ligada à nossa edição grega.

Os evangelhos de Mateus e de Lucas podem ser classificados como sendo os evangelhos para os judeus e para os gregos, respectivamente. Por exemplo, Lucas escreveu seu evangelho para o entendimento das igrejas do Oriente apresentando Jesus para o mundo greco-romano e que tinha boas-novas para todos sem distinção de raça, sexo e cor.

Mateus, por outro lado apresenta Jesus conforme o entendimento dos judeus cristãos da Palestina. Para estes Jesus é o rei de Israel cujas boas-novas foram primeiramente apresentadas para o povo escolhido.

I. A TEOLOGIA DE MATEUS

A) Mateus apresenta Jesus como o Messias prometido de Israel, legalmente descendido de Abraão e da família de Davi (Mt 1.1). Jesus é apresentado como o ponto culminante da história de sua família. Como descendente de Davi ele recupera o poder monárquico (Mt 1.6), que durante o cativeiro havia perdido sua dignidade. Em Jesus, o rei ungido a dignidade do reino havia retornado (Mt 1.16). Nasceu como rei dos judeus (Mt 2.2). Entrou em Jerusalém aclamado rei (Mt 21.5). Foi crucificado (Mt 27.38,42). E como rei se assentará para julgar todas as nações no último dia (Mt 25.31 e ss.). Mas, não era apenas do tronco de Davi, porque, mesmo nascendo legalmente de Davi através de José em um sentido único era também o Filho de Deus. Para tanto nasceu de uma virgem e foi concebido pelo Espírito Santo (Mt 1.18-25).

Portanto ele era “Deus conosco” (Mt 1.23) e o direito de Filho o estabeleceu num relacionamento único com Deus. Ele poderia falar de Deus e dele mesmo como “o Pai” e “o Filho”, termos que só poderiam ser aplicados ao seu relacionamento com o Pai (Mt 11.27). O próprio Davi, divinamente inspirado reconheceu esta filiação divina da semente prometida ao invocar a si mesmo o nome de Senhor (Mt 22.44). O relato de seu nascimento sobrenatural era motivo de calúnias do povo judeu, mas era um fato preordenado (Mt 1.22-23). E assim como na história de Davi havia mulheres (Raabe, Bate-Seba, Tamar, Rute,) que eram caluniadas, agora muitos poderiam caluniar a virgem, fatos

esses que mostram que Deus governa soberanamente sobre todas as coisas.

Jesus era o amado (Mt 3.17; 17.5) escolhido desde a Eternidade (Mt 3.16; 12.18) a quem Deus submetera todas as coisas (Mt 11.27) e a quem tinha concedido toda autoridade (Mt 28.18). Ele era o sobrenatural Filho do Homem que regressará nas nuvens dos céus (Mt 16.28; 26.64; 24.30) e se assentará no trono de sua glória para julgar todos os homens (Mt 16.28; 19.28; 25.31).

Os eventos de sua vida foram preditos nos mínimos detalhes no AT. Isaías previu as circunstâncias (Mt 1.22-23 cf. Is 7.14) e Miquéias previu o local de seu nascimento (Mt 2.5 cf. Mq 5.2). Oséias previu a fuga para o Egito (Os 11.1 cf. Mt 2.13-15). Jeremias previu o massacre dos inocentes em Belém (Jr 31.15 cf. Mt 2.16-18) e até a cidade de Nazaré má afamada na época fora profetizada (2. 23 e Is 11.1). Apesar do texto de Isaías não falar diretamente em Nazaré, os judeus entendiam se tratar dessa cidade, por ser ele descendente de Davi. Nazaré era também conhecida como Netzer, “o ramo”, devido a quantidade de árvores que ali cresciam.

A propósito, a palavra ramo ou renovo, indicando a brotação de um ramo aparece 23 vezes no texto hebraico do AT. Esta palavra *Zemach* aparece 12 vezes, mas Lucas se refere ao renovo em relação ao Messias formando um link que conecta as quatro características de “o Renovo”, com as quatro apresentações do Messias, como aparece nos quatro evangelhos.

Em Jeremias 23.5,6 e 33.15 Cristo é apresentado como o Renovo, o Rei levantado para governar com justiça. Esta é a característica do livro de Mateus.

Em Zacarias 3.8 Cristo é apresentado como “o Renovo”, o servo levantado a serviço de Jeová. Esta é a forma ou

característica do evangelho de Marcos. Ele é visto como o servo do Senhor, que começa seu ministério ou serviço sem qualquer apresentação preliminar.

Em Zacarias 6.12 Cristo é apresentado como “o Renovo” que cresce fora de seu habitat. Esta é a característica do evangelho de Lucas, em que este crescimento tem sua forma e traz o aperfeiçoamento de Cristo como “homem perfeito”.

Em Isaías 4.2 Cristo é apresentado como o “O Renovo do Senhor” em sua intrínseca beleza e glória. Esta é a grande característica do evangelho de João.

Voltando ao estudo de Mateus, algumas profecias foram perfeitamente cumpridas e apresentadas por Mateus. João o Batista, precursor de Jesus, também foi anunciado pelo profeta Isaías (Mt 3.3 e Is 40.3). Isaías também previu o ministério de Jesus na Galiléia, Cafarnaum e outros lugares (4.14 c/ Is 9.1,2).

Seu ministério de cura está em perfeita harmonia com Isaías e os contrastes de sua obra e a oposição de seus inimigos também está de acordo com o profeta (Mt 12.17-21; Is 42.1-4). Zacarias previu sua entrada triunfante em Jerusalém (Mt 21.5 c/ Zc 9.9), profetizou a traição (Mt 26.24 c/ Sl 41.9), e a deserção dos discípulos (Mt 26.31 c/ Zc 13.7). O fim trágico de Jesus foi também profetizado (Mt 16.23; 26.54,56).

II. DATAÇÃO E LOCAL ONDE FOI ESCRITO

Alguns comentaristas sondam várias possibilidades quanto a autoria deste evangelho. Para tanto carregam o estudante de objeções quanto a ser ou não Mateus, o publicano. Atribuem a autoria a várias pessoas e a ‘retalhos’

da história que teriam sido compilados por várias pessoas ou que Mateus tenha copiado a maior parte das informações do evangelho de Marcos. No entanto, o livro, a partir do fim do primeiro século já era conhecido como o evangelho de Mateus. Alguns afirmam que Mateus escreveu seu evangelho usando o material de outros autores. Não se pode duvidar da autoria de Mateus, motivo pelo qual propomos os seguintes aspectos:

- a) Mateus era contemporâneo de Jesus em Cafarnaum.
- b) Mateus conhecera os pais de Jesus, e Maria deve ter-lhe relatado muitos dos acontecimentos que relatam seu nascimento, profecias, etc.
- c) Mateus, além de conhecer a história do Messias acompanhou a Jesus todos os anos de seu ministério.

A datação do livro não é bem certa. Alguns acham que teria sido escrito ao redor do ano 50 em pleno apogeu da igreja primitiva ou entre os anos 60 e 70 da era cristã. Se tivesse sido escrito depois do ano 70 por certo o evangelista teria feito referência a queda e destruição de Jerusalém como cumprimento das profecias de Jesus. A SSB, porém concorda com os que fixam a data em torno de 80 d.C. (Manual Bíblico SBB 2ª edição, pág.550).

III. AS PECULIARIDADES DO LIVRO DE MATEUS

O sermão do Monte, incluindo as bem-aventuranças ocupam três capítulos de Mateus e formam a espinha dorsal do estilo de vida do Reino. Jesus vê as multidões e os discípulos se aproximam dele, e “ele passou a ensiná-los”.

A multidão ouve os ensinamentos, por isso ficaram admiradas da doutrina de Jesus (Mt 8.28-29).

O quadro abaixo faz uma comparação entre as bem-aventuranças e os “ais” de Mateus: As oito beatitudes de Mateus 5.3-12 são melhor entendidas e interpretadas se forem contrastadas com os oito “ai de ti” de Mateus 23.13-33. A comparação mostrará que Mt 5.1-12 formam uma beatitude sob o tema da perseguição, e correspondem aos oito “ai de vós” de Mt 23.29-33.

As bem-aventuranças (5.3-12)	“Ai de vós” (23.13-33)
1. O reino é aberto aos pobres (v 3)	1. O reino é fechado (v 13).
2. Conforto para os que choram (v 4)	2. Os que choram são atribulados (v 14)
3. Os mansos herdarão a terra (v 5)	3. Fanáticos rodeiam a terra (v 15)
4. Fome e sede de justiça verdadeiros (v 6)	4. Falsa justiça sem finalidade alguma (vv. 16-22)
5. Os misericordiosos alcançam misericórdia (v 7)	5. Misericórdia “omitida” e “não é feita” (vv. 23-24)
6. Pureza interior e a visão de Deus (v 8)	6. Impurezas e cegueira (vv. 25-26)
7. Pacificadores, filhos de Deus (v 9)	7. Hipócritas e sem-lei (vv. 27-28)
8. Os perseguidos (vv. 10-12)	8. Os perseguidores (vv. 29-33).

Quando se compara o evangelho de Mateus com os de Marcos e Lucas, descobre-se que Mateus tem 31 seções que lhe são peculiares ou únicas – isto é, que aparecem apenas em Mateus, e todas as seções dizem respeito ao Rei e ao Reino que são os objetivos do evangelho.

A seguir uma relação de todos os acontecimentos, parábolas ou palavras que são mencionadas apenas por Mateus:

A) QUATRO EVENTOS LIGADOS À INFÂNCIA DE JESUS (CAP. 1-2).

Esses acontecimentos são registrados unicamente por Mateus:

1. A visita dos sábios do oriente (2.1-15).

A palavra grega é realmente mago, e os caldeus ou babilônios, bem como os Medos e Persas, davam este nome aos sábios, mestres, sacerdotes, médicos, astrólogos, videntes, intérpretes de sonhos, áugures, advinhadores, feitiçeiros etc. Os sábios orientais (astrólogos) que, tendo descoberto pelo surgimento de uma notável estrela que o Messias tinha nascido, vieram a Jerusalém para adorá-lo (Definição de E.W.Vine).

2. O massacre de Belém (2.16-18).**3. A fuga para o Egito (2.19-22).** A imagem de Maria montada num burrico com o menino Jesus é irreal, porque José, carpinteiro, deveria ter uma carroça para conduzir a esposa e a criança.**4. O retorno para Nazaré (2.23).** Nazaré – o ramo – foi abordado um pouco antes neste estudo.**B) DEZ PARÁBOLAS CITADAS APENAS POR MATEUS:****1. Parábola do joio (13.24-30, 36-43).** O estudante pode comparar a parábola do semeador, também apresentada no capítulo 13 com a parábola do joio. Na parábola do semeador, a semente é a palavra de Deus. Na parábola do joio e do trigo a semente são os discípulos. E, não carece de muita interpretação porque o próprio Jesus deu o sentido da parábola aos discípulos.**2. Tesouro escondido (13.44).** Esta parábola e a da pérola (13.45-46) se referem ao grande achado que é Jesus. Na parábola do tesouro escondido, o homem que o encontra

não pode se apoderar do tesouro porque, legalmente, pertence ao dono da terra. Para possuí-lo, ele tem de comprar as terras. Mas, seu interesse é o tesouro.

3. Na parábola da pérola, o homem é um negociante de jóias. Conhece uma jóia verdadeira, e está acostumado a vender falsas como sendo verdadeiras. Quando se vê diante de uma pérola de grande valor, vende tudo o que tem para poder ficar com a pérola.

4. Parábola da rede (13.47-50). Esta parábola tem a ver com o juízo final quando os anjos separarão os maus dentre os justos.

5. A declaração de Pedro.

“Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18).

“Sobre esta pedra”. Gr. *Petra*. *Petra* é feminino e, portanto, não poderia se referir a Pedro; mas, caso se refira à confissão, então concordaria com *homologia* (palavra feminina) e é traduzida como *confissão* em 1 Tm 6.12.13; Hb 3.1; 4.14; 4.14; 10.23; cp. com 2 Co 9.13. Agostinho e Jerônimo diziam tratar-se de “confissão” de Pedro que é o fundamento da igreja referindo-se a Jesus, e não a Pedro. Pedro não era o fundamento nem o construtor (um pobre construtor, v. 23), mas o próprio Cristo a quem Pedro confessara (1 Co 3.11).

As duas palavras *Petros* e *Petra* são distintas, a primeira é do gênero masculino e a segunda do gênero feminino. Esta segunda significa rocha ou rochedo, firme e irremovível. A primeira trata de um fragmento de pedra, que o viajante pode chutar para onde quiser. A palavra *petros* é o equivalente grego para a palavra hebraica *kêphās* (Cefas), uma

pedra, que era o nome de Pedro em aramaico, como também seu sobrenome Barjonas. “Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro) (Jo 1.42).

Vale destacar que somente mais uma vez (Lc 22.34) Jesus chamou Cefas de Pedro, porque nos demais casos o Senhor o tratava como Simão, lembrando a Pedro o que ele era antes de seu chamamento e de suas características humanas. O nome Pedro estava ligado ao comissionamento e ao apostolado.

Não era Pedro, o homem que seria o fundamento, pois como se afirmou *petra* é feminino e deve se referir a um substantivo feminino. E este substantivo não pode ser outra coisa senão a *homologia* que significa *confissão*. E a confissão de Pedro é o tema da revelação do Pai, confirmada por Jesus. Além de que em 1 Coríntios 3.11 existe a declaração do Espírito Santo de que “ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo”.

A mais antiga explicação ao texto de Mateus 16.18 é a de Orígenes em *Commentary* (186-253 d.C.). Ele disse: “Se afirmarmos como Pedro ‘tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’ não como uma declaração da carne e sangue, mas pela iluminação do Pai celestial, tornamo-nos como Pedro. Se você acha que a igreja foi construída por Deus sobre Pedro, o que dizer de João... ou dos demais apóstolos?”.

Existem também comentários de Jerônimo (305 d.C.) e de Agostinho (378 d.C.), e vários outros que expressam a mesma ideia de Orígenes. Resumindo o versículo Jerônimo disse: “E eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra...” e Agostinho escreveu: “Eu disse em algum lugar, a respeito de Pedro, que a igreja foi fundada sobre ele, como uma pedra ou rocha; mas também expliquei que isto se refere ao próprio Senhor, a Rocha” (Citado em *Companion Bible*, ap. 147 p 172).

6. Parábola do credor incompassivo (18.23-35).

Jesus contou esta parábola para responder aos discípulos a pergunta que eles fizeram sobre o perdão. No texto em que Lucas fala do perdão (Lc 17.3-4), Pedro não é citado, mas aqui Pedro é quem pergunta: “Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?”. Quando Jesus conta a respeito do credor impiedoso, começa assim: “Por isso...”. Jesus começa a explicar a questão do perdão contando um caso. O estudante pode tirar muitas lições a respeito do perdão, mas a mais importante está na conclusão de Jesus: “Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão” (Mt 18.35).

7. Os lavradores da vinha (20.1-16).

A figura aqui é conhecida dos brasileiros mais antigos que costumavam sair cedo para a praça, ou para o mercado da cidade e ficavam ali esperando que alguém os viesse contratar para alguma tarefa. Era assim no Pátio do Colégio na cidade de São Paulo, na década de 60. Os homens que trabalhavam por tarefas chegavam cedo ao lugar, e empresários, empresas da construção civil ou outros empreendedores vinham ali recrutar trabalhadores.

Na parábola de Jesus, na primeira hora, às seis da manhã ele contratou alguns homens para trabalharem na sua roça; as nove da manhã, encontrou alguns desocupados e os contratou, e assim sucessivamente até as quatro da tarde. Ele começou o pagamento pelos que chegaram ao fim do dia, e os que chegaram mais cedo, quando viram que os trabalhadores das 4 da tarde ganharam um denário, pensaram que o salário deles seria maior. Como receberam também um denário, reclamaram do patrão.

A lição aqui é do Senhorio de Cristo. Ninguém tem direitos perante ele, a não ser o de usufruir de sua graça. A mesma graça que é derramada sobre uma pessoa que nasceu nos caminhos do Senhor e viveu sempre na igreja é derramada, até em proporções maiores ao mais perverso pecador. Não é uma questão de correr melhor, mas de usar Deus de sua misericórdia.

“Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum! Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão. Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia” (Rm 9.14-16).

Esta última frase é importante: Não depende de quem corre ou de quem quer, mas de usar Deus da sua misericórdia! No hino 471 do Cantor Cristão o autor repete esta frase: “Não é dos fortes a vitória, nem dos que correm melhor, mas dos fieis e sinceros que seguem junto ao Senhor”.

8. Parábola dos dois filhos (21.28-32).

Em Mateus 13 Jesus explicou aos discípulos porque falava ao povo por parábolas, porque neles deveria se cumprir a profecia de Isaías 6. Ali, Jesus estava dizendo que não adiantava falar para aquela gente, porque o coração das pessoas estava endurecido.

Nesta parábola, novamente Jesus fala aos judeus, cotando-lhes uma história familiar, sobre dois filhos que recebem ordens do pai. O primeiro diz que vai, mas não foi. O segundo disse que não iria, e foi. Serviu de alusão aos judeus que o rejeitaram, confirmando que as pessoas que se consideram pecadores, como os publicanos e meretrizes

aceitarão o evangelho e serão salvos. Quando João pregou no deserto, disse Jesus, as meretrizes e os publicanos creram (Lc 3.12 ss.). Outra interpretação vem de John Gill afirmando que este “certo homem” pode se referir a Deus, e os dois filhos, os judeus e gentios. Como os judeus não obedeceram, os gentios obedeceram e foram salvos (Veja que sobre este tema Paulo fala em Rm 11, s/ a rejeição de Israel e a aceitação dos gentios. Rm 11.22-332).

9. Parábola das bodas (22.1-14).

A centralidade dessa parábola também é a rejeição dos judeus ao evangelho da salvação. As bodas ou as festas foram preparadas para eles, mas, como recusaram o convite, voltando às suas atividades e alguns até espancando os mensageiros, o dono da festa, Jesus, convidou a todos os pobres, aleijados e rejeitados a comparecerem ao banquete, com um detalhe: Todos tinham que colocar as vestes nupciais, para se identificar com o noivo. Somente entrarão nas bodas os que possuírem vestimentas divinas (Ap 19.8).

10. Parábola das dez virgens (25.1-13).

O ambiente desta parábola foge à compreensão cultural dos dias de hoje. As festas de casamento eram diferentes dos dias atuais. O noivo não ficava em sua casa, ele se ausentava por uns dias, para poder voltar com pompas. Sua noiva o aguardava em sua casa. Os amigos do noivo o cercavam, e as pessoas conhecidas dele acendiam tochas e ornamentavam o caminho por onde o noivo passava. Como algumas casas eram muradas, as virgens, amigas da noiva, também ficavam nas proximidades esperando o noivo chegar. Quando ele entrava, as virgens entravam também e as portas eram fechadas. Como o noivo se demorou demais, todas as

virgens adormeceram. Quando soou o grito da chegada do noivo as dez virgens se acordaram, mas cinco delas notaram que suas lâmpadas estavam apagadas. Como tiveram que sair para comprar azeite não assistiram à chegada do noivo e perderam a festa.

Cada comentarista tem sua própria interpretação. Uns afirmando que a centralidade aqui é ter azeite (Espírito Santo) de reserva; outros que se trata de vigilância, e alguns achavam que é uma parábola falando sobre os escolhidos que serão salvos na vinda do Senhor Jesus.

Ainda outros acreditam que o fato de dormirem se trata da morte, e que, na ressurreição, apenas um grupo de escolhidos terá acesso ao Reino. Esta última interpretação se opõe totalmente ao plano de salvação de nosso Senhor Jesus Cristo. Sempre é bom ler todos os comentários a respeito.

11. Parábola dos talentos (25.14-46).

Esta é mais uma das parábolas relacionadas com o Reino de Deus. Note que a parábola anterior – que está também em Lucas (Mt 24.45-51) diz respeito a alguém que se ausentou. Na parábola dos talentos o reino será como “um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens”.

O homem lhes delega autoridade para negociar e lucrar com seus bens, mas um deles, o que recebeu um talento o enterrou.

A parábola indica que haverá um longo tempo até que o senhor volte, e pedirá contas de tudo, julgando e condenando os obstinados e rebeldes, que não cumpriram com suas obrigações. É uma parábola que diz respeito a igreja, que deve cumprir com as ordens de seu mestre até que ele retorne.

C) DOIS MILAGRES: OS CEGOS DE JERICÓ E A MOEDA NA BOCA DO PEIXE**1. Os dois homens cegos (20.30-34).**

Deve-se deter neste episódio, porque os alunos sempre questionam se eram um ou mais cegos, porque Mateus registra que eram dois cegos; Lucas, diz que era um cego (Lc 18.35-43 e Marcos 10.46-52 fala de Bartimeu, o cego).

Comentaristas e harmonizadores concordam que se tratam de três registros sobre um mesmo caso, e alguns comentam que são três milagres diferentes durante a visita de Jesus a Jericó. Pede-se ao estudante que conclua por si mesmo analisando as seguintes particularidades:

(A) A ocasião

- (1) No milagre de Lucas “Jesus se aproximava de Jericó”.
- (2) No milagre de Marcos Jesus saía de Jericó.
- (3) Em Mateus eles haviam saído de Jericó.

(B) O cego.

- (1) O cego de Lucas não tem nome.
- (2) O cego de Marcos se chamava Bartimeu.
- (3) No registro de Mateus são dois cegos.

(C) As circunstâncias

- (1) O cego de Lucas estava pedindo esmolas.
- (2) O cego de Marcos, também.
- (3) Os dois cegos de Mateus não pediam esmolas e, aparentemente estavam aguardando o Senhor passar por ali.

(D) O conhecimento deles

- (1) O cego de Lucas quer saber por que toda aquela multidão.
- (2) O cego Bartimeu (registro de Marcos) e, parece que não fez perguntas, apenas gritou por cura.
- (3) Em Mateus os dois homens souberam que Jesus estava passando.

(E) O clamor

- (1) O cego em Lucas clama: “Jesus, Filho de Davi...”.
- (2) O cego de Marcos diz: “Jesus, Filho de Davi...”.
- (3) O cego de Mateus: “Senhor, Filho de Davi”.

(F) A forma como Jesus a eles se dirigiu

- (1) Em Lucas, o Senhor ordena que o cego seja trazido à sua presença.
- (2) Em Marcos, Jesus diz: “Chamai-o”.
- (3) Em Mateus Jesus pergunta diretamente a eles.

(G) A cura

- (1) O registro de Lucas afirma que o cego respondeu que queria ver.
- (2) O de Marcos também.
- (3) Os cegos de Mateus responderam: “Senhor, que se nos abram os olhos”.

(H) A resposta de Jesus

- (1) Em Lucas Jesus diz: “Recupera a vista; a tua fé te salvou”.

(2) Em Marcos, diz: “Vai, a tua fé te salvou”.

(3) Em Mateus diz: “Jesus tocou-lhes os olhos, e imediatamente recuperaram a vista e o foram seguindo”.

(I) O resultado dos três casos

(1) O cego de Lucas diz que ele “seguia-o glorificando a Deus. Também todo o povo, vendo isso, dava louvores a Deus”.

(2) Em Marcos Bartimeu “seguia a Jesus estrada fora”.

(3) Em Mateus, eles o seguiram em silêncio.

Conclui-se que os dois cegos registrados em Mateus eram pedintes que pediam esmolas todos os dias à porta de Jericó. A cidade, na ocasião tinha uma população de 100 mil pessoas, e certamente havia muitos cegos na cidade. Um comentarista escreveu: “As diferenças são inegáveis, e não há como harmonizar os casos entre si.

Calvino sugere que Bartimeu se encontrou com Jesus quando este entrava na cidade, e depois avisou os outros cegos, e que os dois cegos foram curados quando Jesus saía da cidade”. (Fonte Apêndice 152 da Companion Bible).

2. A moeda na boca do peixe (17.24-27). Este também é um registro feito somente por Mateus.

D) NOVE DISCURSOS ESPECIAIS.

1. O sermão do monte (5-7).

2. Convite aos fracos e cansados (11.28-30).

3. Palavras vãs (12.36,37).

4. A revelação de Pedro (16.17-19).
5. Humildade e perdão (18.15-35).
6. Jesus rejeitado por sua geração (21.43).
7. Os oito “ai de vós” (Mt 23.13-36).
8. As profecias no Monte das Oliveiras (24.1 a 25.46).
9. A grande comissão e as promessas (28.18-20).

E) OS SEIS EVENTOS LIGADOS À PAIXÃO DE CRISTO.

1. A conspiração e o suicídio de Judas (26.14-16; 27.3-11).
2. O sonho da mulher de Pilatos (27.19).
3. A ressurreição dos santos depois da ressurreição de Cristo (27.52,53).
4. O complô para mentir sobre o desaparecimento do corpo de Jesus (27.62-64).
5. A guarda do sepulcro (27.65-66).
6. O terremoto na manhã da ressurreição (28.2).

A maior parte desses eventos e palavras tem a ver com o objetivo do evangelho de Mateus. Expressões como “o reino dos céus” ocorrem 32 vezes e nenhuma ocorrência nos demais evangelhos. “Pai celestial” ou “Pai celeste” ocorrem nove (9) vezes em Mateus (Mt 5.48; 6.1, 14, 15, 26; 15.13; 18.10, 35); uma (1) em Marcos (Mc 11.25); e uma (1) em Lucas (Lc 11.13).

Um esboço pormenorizado da estrutura de Mateus proporcionará ao estudante interessando em estudar com maior profundidade é apresentado a seguir.

IV. ESTRUTURA DO LIVRO DE MATEUS

A) Nascimento e primeiros anos de Jesus (cap. 1-2).

1. Sua genealogia (1.1-17).
2. Seu nascimento (1.18-2.12).
3. Sua permanência no Egito (2.13-23).

B) Começos do ministério de Jesus (3.1-4.11).

1. Seu precursor (3.1-12).
2. Batismo (3.13-17).
3. A tentação de Jesus (4.1-11).

C) Ministério de Jesus na Galiléia (4.12-14.12).

1. Início da campanha na Galiléia (4.12-25).
2. O sermão do monte (5-7).
3. Coletânea de milagres (8-9).
4. Comissionamento dos doze apóstolos (10).
5. Ministério por toda a Galiléia (11-12).
6. Parábolas do reino (13).
7. Reação de Herodes ao ministério de Jesus (14.1-12).

D) Viagens de Jesus fora da Galiléia (14.13-15.20).

1. Na costa oriental do mar da Galiléia (14.13-15.20).
 2. Na Fenícia (15.21-28).
 3. Em Decápolis (15.29-16.12).
 4. Em Cesaréia de Filipe (16.13-17.20).
-

E) O último ministério de Jesus na Galiléia (17.22-18.35).

1. Predição da morte de Jesus (17.22-23).
2. Imposto do templo (17.24-27).
3. Sermão sobre a vida do reino (18).

F) Ministério de Jesus na Judéia e na Peréia (19-20).

1. Crítica ao divórcio (19.1-12).
2. Ensino a respeito das crianças (19.13-15).
3. O jovem rico (19.16-30).
4. Parábola dos trabalhadores na vinha (20.1-16).
5. Predição da morte de Jesus (20.17-19).
6. O pedido de uma mãe (20.20-28).
7. Restauração da vista de um cego em Jericó (20.29-34).

G) A semana da paixão (21-27).

1. A entrada triunfal (21.1-11).
2. Purificação do templo (21.12-17).
3. Últimas controvérsias com os líderes judaicos (21.18-23.39).
4. Sermão do monte das Oliveiras sobre o fim dos tempos (24 e 25).
5. Jesus é ungido em Betânia (26.1-13).
6. Jesus é preso, julgado e crucificado (26.14-27.66).

H) Ressurreição (28.1-10).

1. Os guardas subornados (vv.11-15).
2. Jesus aparece aos discípulos no monte (v 16).

I) A grande comissão (28.18-20).

ATIVIDADES – LIÇÃO I

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Estudar os quatro evangelhos é se aprofundar na essência do ensinamento de Jesus.
- 2) ☐ Os evangelhos de João, Marcos e Lucas foram chamados de sinóticos pelo estudioso alemão J. J. Griesbach no final do século dezoito.
- 3) ☐ Nos quatro evangelhos Deus fala através de seu Filho (Hb 1.1). E tratam da proclamação do Rei e do Reino; mas também da rejeição do Reino e do Rei.
- 4) ☐ Mateus era judeu, mas também um publicano, nome dado aos judeus que tinham escritório de cobrança de impostos para Roma.
- 5) ☐ Os evangelhos de Mateus e de Lucas podem ser classificados como sendo os evangelhos para os judeus e para os gregos, respectivamente.
- 6) ☐ O sermão do Monte, incluindo as bem-aventuranças ocupam três capítulos de Marcos e formam a espinha dorsal do estilo de vida do Reino.

Anotações:

Anotações:

Lição II

O Evangelho Segundo Marcos

O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

INTRODUÇÃO

O aluno terá agora a oportunidade de estudar o menor dos evangelhos, com relatos importantes, resumidos e práticos. Para esclarecer o tema e eliminar confusões, é feita uma abordagem inicial sobre a vida de João Marcos, autor deste evangelho.

O Marcos aqui abordado é o mesmo João Marcos que é citado nos Atos dos Apóstolos e nas epístolas de Paulo como primo (ARA) de Barnabé (Cl 4.10) ou como sobrinho (ARC e Contemporânea) de Barnabé, indiscutivelmente o mesmo Marcos de Atos 12.12. Existem sobre ele nove referências bíblicas (At 12.12,25; 13.5,13; 15.36 e ss.; Cl 4.10; 2 Tm 4.11; Fm 24 e 1 Pe 5.13). Contrariamente a afirmação de Papias de que Marcos “não tinha ouvido o Senhor nem o havia seguido” (veja citação abaixo) o “jovem” que aparece em Mc 14.51,52 parece ser o próprio evangelista, se bem que não exista confirmação histórica para tal afirmativa.

Conforme o costume da época Marcos tinha um nome latino e um prenome romano (veja o caso de Jesus, Justo de Cl 4.11, e refere-se a alguém que tinha o um nome latino e grego ou aramaico e grego, como Josué, que no grego é Jesus). É possível admitir, conforme o texto de Atos 12.11 e ss. que Marcos ocupava uma posição social de importância na igreja de Jerusalém, e a casa de sua mãe servia de encontro para os discípulos da cidade. Somente pessoas socialmente abastadas possuíam casas com pórticos, servas e servos e cenáculos ou

salas grandes de jantar. As demais informações que se tem a respeito de Marcos é de que era primo (ARA) ou sobrinho (ARC, Contemporânea) de Barnabé (Cl 4.10), um líder da igreja no primeiro século.

I. A RELAÇÃO DE MARCOS COM BARNABÉ E PAULO

Quando Barnabé e Paulo voltaram de Jerusalém, para onde haviam levado socorro aos necessitados, e regressaram para Antioquia trouxeram com eles João Marcos como cooperador ou assistente, talvez pelo parentesco do jovem com Barnabé (At 12.25). A palavra “auxiliar” usada para falar da participação de Marcos é *huperetes*, traduzida como assistente, auxiliar ou cooperador e tem o sentido no grego de auxiliar de remador e é traduzida como ministro em 1 Co 4.1. *Huperetes* é um serviçal que só faz o que lhe mandam, que trabalha sob ordens. Talvez o trabalho de João Marcos era administrativo; alguém que providenciava alimentação, hospedagem, estudava as rotas de viagem etc. Apesar das divergências entre Paulo e Barnabé por ocasião da segunda viagem missionária em relação a João Marcos (At 15.36 e ss.), anos depois Paulo cita o prestativo serviço de Marcos (Cl 4.10; 2 Tm 4.11).

II. A RELAÇÃO DE MARCOS COM PEDRO

Pedro faz referências a Marcos em sua primeira carta (1 Pe 5.13) e o trata de “meu filho” o que implica afirmar que Pedro conhecia bem a Marcos ou que possivelmente tenha levado o jovem ainda em Jerusalém a Cristo. Pedro era assíduo frequentador da casa da mãe de Marcos em Jerusalém (At 12) e a amizade deve ter começado naquele tempo. A citação de João Marcos por Pedro indica que os dois estavam em ‘Babilônia’, o que a maioria dos comentaristas acredita tratar-se de Roma. Outros comentaristas acreditam

tratar-se, de fato, da Babilônia, da Caldéia onde Pedro exercera seu ministério antes de seguir para Roma.

O testemunho mais antigo é o de Papias que foi bispo de Hierápolis, na Frígia até 130 d.C. citado por Eusébio em *História Eclesiástica* (325 d.C.): “Marcos tornou-se intérprete de Pedro e escreveu com exatidão tudo aquilo de que ele se lembrava, é verdade que não em ordem, das coisas ditas ou feitas pelo Senhor. Pois ele não tinha ouvido o Senhor nem o havia seguido, mas, mais tarde, de acordo com o que eu disse seguiu a Pedro que costumava ministrar ensino conforme se tornava necessário, mas não organizando, por assim dizer, os pronunciamentos do Senhor, de sorte que Marcos nada fez de errado ao pôr por escrito fatos isolados à medida que se lembrava deles. De uma coisa ele cuidou: Não deixar de fora nada do que ouvira e não fazer nenhuma afirmação falsa” (*História Eclesiástica*, edição em inglês 3.39.15 / em português - Eusébio de Cesaréia 3.39 – pág. 118, ed. CPAD; 14ª Impressão, 2012). Vale observar que João Marcos, na época do ministério de Jesus era um jovem, quem sabe, adolescente, por isso não ouvira a Jesus.

Nem todos concordam com a declaração de Papias de que Marcos não era testemunha dos primeiros acontecimentos.

III. MARCOS E SUA HISTÓRIA

A) POSIÇÃO DE MARCOS NA HISTÓRIA APOSTÓLICA

Pelo que se vê a pessoa de João Marcos está associada a três importantes líderes da igreja: Barnabé, Pedro e Paulo. Pelo texto de Atos 12.25 nota-se que Marcos é um companheiro dos apóstolos. A expressão “levando consigo” indica no grego assistente de função menor.

B) MARCOS E A TRADIÇÃO CRISTÃ

A tradição cristã tem muitos registros da vida de João Marcos, e um desses afirma que ele foi comissionado a uma missão no Egito, especialmente na cidade de Alexandria. Esse ministério é citado como tendo ocorrido no intervalo entre a história dos Atos e a cooperação dele com os demais apóstolos. A tradição afirma ter ele morrido em Alexandria onde recebeu a coroa de mártir depois de ter seu corpo mutilado.

IV. AUTORIA DO EVANGELHO DE MARCOS

No evangelho de Marcos Jesus é apresentado como “servo”. O título “segundo Marcos” deve ter sido acrescentado anos depois quando os evangelhos foram reunidos, e foi preciso diferenciar cada evangelho e seu autor. Para que se tenha ideia, lá pelo ano 125 d.C. este evangelho já era atribuído a Marcos.

Jerônimo, séculos depois identifica explicitamente João Marcos como autor do segundo evangelho. Pedro aparece com destaque em Marcos, o que sugere que Pedro tenha falado ou pregado sobre o tema que Marcos compilou (Veja Mc 11.21; 14.72). O exegeta e comentarista Charles Harold Dodd afirma que a mensagem de Marcos é muito parecida com a proclamação de Pedro.

V. DATAÇÃO

Não existe unanimidade quanto ao local onde o evangelho foi escrito, mas pressupõe-se ser em Roma ou nas regiões da Itália, o que é confirmado por Irineu e Clemente de Alexandria, citados por Eusébio em História Eclesiástica. Algumas evidências atestam para isso:

A) O USO DE LATINISMOS NO EVANGELHO

Ele menciona as duas moedas de bronze, ofertadas pela viúva que equivaliam a um quadrante que era uma moeda romana (12.42) e fala do “pátio” que, segundo Marcos era um *pretorion* ou pretório, outra palavra caracteristicamente romana (15.16). Os leitores romanos conheciam bem esses termos gregos.

O teólogo Doutor Salmon do Seminário Trinity em Dublin escreveu sobre o evangelho de Marcos:

“Marcos é simples onde os demais são complexos; pobre onde os outros evangelhos são ricos; assemelha-se a uma crônica, enquanto os demais relatam histórias; contém palavras latinas e aramaicas que foram traduzidas ou retiradas. Por exemplo, em Marcos 15.39, Marcos usa a palavra latina centurião (kenturion) enquanto Mateus e Lucas usam hekatontarches ou hekatontarchos, referindo-se a um oficial romano”.

Marcos é a coluna cervical dos evangelhos de Mateus e Lucas (Citado por James Hastings, em Dictionary of Christ and the Gospels, Vol. II à p 85).

B) A MENÇÃO DE ALEXANDRE E RUFO

Ambos filhos de Simão de Cirene, ou como é citado por Marcos, Simão Cireneu, dos quais um deles, Rufo poderia ter tido contato com Marcos em Roma (ao escrever à igreja em Roma, Paulo menciona certo Rufo (Rm 16.13 e Mc 15.21).

C) O FATO DE QUE 1 PEDRO 5.13 localiza Marcos em Roma junto com Pedro em meados do ano 60 d.C. (Introdução ao NT – Vida Nova, p 107).

VI. HISTORICIDADE DO EVANGELHO DE MARCOS

Quando se fala em manuscritos antigos, o estudante tem de entender que o mais antigo deles data do quarto século, e que alguns deles não contêm os últimos doze versículos do livro de Marcos (diz-se 'manuscrito uncial' para se referir aos papiros escritos em letras maiúsculas). No entanto, 18 manuscritos unciais e seiscentos cursivos (Apêndice X) que contêm o evangelho de Marcos, todos têm os últimos doze versículos.

Os pais da igreja, Papias (100 d.C.), Justino Mártir (151 d.C.), Irineu (151 d.C.), para citar apenas estes, tecem comentários sobre alguns desses últimos versículos de Marcos dando-lhes plena autenticidade; assim, as Bíblias que colocam entre colchetes esses últimos versículos de Marcos 16 afirmando que não se encontram em muitos originais, desprezam a autoridade histórica dos pais da igreja, e baseiam-se em alguns manuscritos, desprezando os demais.

James Hastings em *Dictionary of Christ and the Gospels*, Vol. II à p. 121 acredita que, por ser mais primitivo que os demais evangelhos, Marcos serviu de base para os demais evangelistas escreverem.

Acredita-se que tenha sido escrito em grego e tinha como alvo os leitores romanos. A teoria de que o evangelho de Marcos tenha servido de fonte para os demais evangelistas, desafia a mente daqueles que acreditam que cada evangelista teve um momento de revelação e de inspiração para escrever; bem ao contrário, eles se preocuparam em relatar, da maneira mais fiel possível cada acontecimento da vida de Jesus, e para tanto pesquisavam, perguntavam e procuravam se lembrar de detalhes da vida do Mestre.

No caso do evangelho de Lucas que não foi testemunha ocular dos acontecimentos da vida de Jesus, a pesquisa foi ainda mais profunda, como o estudante verá ao estudar esse evangelho.

VII. O CONTEÚDO DE MARCOS

Marcos, diferentemente de Mateus e Lucas não descreve o nascimento de Jesus e inicia seu evangelho relatando o ministério de João Batista (Mc 1.2-8).

“Veio Jesus de Nazaré da Galiléia e por João foi batizado no rio Jordão...”, o que indica que o batismo de Jesus não se deu no Jordão na altura da Galiléia, mas bem abaixo, nas imediações do Mar Morto, local citado por João como Enom (Jo 3.23), que hoje se situa na Jordânia, do outro lado do rio Jordão.

Em Marcos, o Senhor não anuncia sua missão messiânica; não permite que os espíritos malignos proclamem isso (Mc 1.25; 3.12 cf. 1.44 etc.), e até mesmo quando Pedro anunciou que Jesus era o Messias de Israel, Jesus proibiu os discípulos de anunciarem aos demais (Mc 8.30).

Ao pedir silêncio quanto à sua identidade e missão, Jesus não queria publicidade em torno de seu nome, porque o povo nem sempre tem maturidade para entender o cerne de uma missão espiritual. E, este era um assunto que ele revelou apenas aos Doze (Mt 13.10-17).

No início de seu ministério Jesus se apresenta como Filho do Homem (2.10), depois a multidão começa a ver em Jesus um profeta, enquanto os escribas achavam que Jesus era um louco. Não se deve imaginar que os discípulos só fossem crer que Jesus era o Messias depois da declaração de Pedro em Mateus 16.16, porque desde o início do evangelho

de João, Jesus é proclamado pelo Batista como Cordeiro de Deus e Filho de Deus, e André, Filipe e Natanael reconhecem a Jesus como o Messias (Veja João 1.29, 34,41,45,49). Portanto, a ideia de um messianismo vem desde os primeiros dias do ministério de Jesus.

Os evangelhos sinóticos, Marcos, Mateus e Lucas enfatizam o ministério de Jesus na região da Galiléia, mas o Senhor teve um ministério também na Judéia. Ora, Jesus era um judeu comum que deveria visitar Jerusalém com frequência. Afirmar que Jesus subiu para Jerusalém somente por ocasião da sua última Páscoa não confere nem explica por que Jesus tinha tantos inimigos em Jerusalém, nem tão pouco explica como Jesus tinha discípulos naquela cidade, como Judas, o Iscariotes (possivelmente de Queriot, na Judéia), José de Arimatéia, os donos da estalagem em Betfagé e o dono do cenáculo em Jerusalém, local da última ceia com os discípulos. Evidentemente que estes últimos conheciam a Jesus.

Também os apóstolos, quando se estabeleceram em Jerusalém conheciam a cidade, sua geografia e pessoas que ali residiam. Em Jerusalém, o ministério de Jesus levantou muitas controvérsias, diferentemente da Galiléia onde seu ministério cresceu de maneira gradual. Em concordância com os demais evangelistas Marcos relata detalhadamente os últimos dias de Jesus em Jerusalém.

Ao descrever a pessoa de Jesus, Marcos enfatiza a divindade do Senhor. Ele afirma que Jesus reclama a si suprema autoridade (ex. senhor do sábado em 2.28); sua vinda em glória (8.38 e 14.62 – este último em resposta à pergunta de Caifás “és tu o Cristo?”). Em 12.6 e ss. Fala do filho amado e herdeiro; e da autoridade que tinha para perdoar pecados (2.5,10 – o paralítico).

VIII. MARCOS VISTO DE MANEIRA DIDÁTICA

O sumário do evangelho de Marcos, apresentado a seguir possibilitará ao aluno estudar o evangelho de Marcos de maneira compreensível. Partimos do pressuposto de que o aluno, antes de estudar esta matéria tenha lido, pelo menos duas vezes, o evangelho de Marcos. É recomendado que o aluno abra o evangelho e visualize todo o livro, seguindo o esboço abaixo.

A) JOÃO BATISTA, O PRECURSOR (1.1-8). Os quatro pontos abaixo tratam pormenorizadamente da vida e ministério de João Batista. Os demais evangelistas falam do ministério de João, sendo que João o apóstolo é mais amplo e relata com mais detalhes o ministério de João Batista (Jo 1.19-28).

- 1.** A profecia divina a respeito de João (vv. 1-3). Esta profecia de Isaías é citada pelos quatro evangelhos. Embora Marcos cite que foi profetizado por Isaías, aqui temos uma profecia extraída de dois profetas diferentes (Malaquias 3.1 e Isaías 40.3). O que acontece é que Marcos usa um hebraísmo para complementar as duas profecias messiânicas e advoga ao profeta maior a mensagem completa.
 - 2.** João Batista e sua missão (vv. 4-5). Lucas (Lc 3) é quem fornece maiores detalhes da missão de João Batista, mas todos os evangelistas citam João como o precursor de Jesus.
 - 3.** A descrição da pessoa de João (v 6). Mateus também fala das vestimentas de João (Mt 3.4). Homem de aparência medieval, rude, vestido com pouca roupa e se alimentando de gafanhotos e mel silvestre caracteriza, de certa forma, a maneira como se vestiam os profetas
-

do AT. Ao que parece Elias também se vestia de maneira simples. Vale observar que no AT os profetas se vestiam de maneira simples e tinham uma vida excêntrica, diferente do povo.

4. João profetiza sobre a vida de Cristo (vv.7-8). Desde o início, João falava de Jesus e do Espírito Santo que haveria de descer sobre a terra. Ele que era cheio do Espírito desde o ventre materno (Lc 1.15).

B) O BATISMO DE JESUS NAS ÁGUAS (1.9-11). João não exerceu seu ministério em Jerusalém, mas pregava no deserto, contrariando aqueles que pensam que o sucesso está nas grandes cidades – se bem que o Espírito Santo costuma usar as grandes cidades como centros referenciais da obra de Deus. As pessoas iam a João no deserto, cf. Lucas 3.7; Mt 3.5. Alguns detalhes são vistos a seguir:

1. O Senhor se dirige a João e é batizado por ele (v 9). Mateus relata a conversa que João e Jesus tiveram (Mt 3.13-15). João, em seu evangelho esclarece o que aconteceu antes e depois do batismo (Jo 1.25-34).
2. Os céus se abrem (v 10).
3. A pomba repousa sobre ele (v 10).
4. A voz que se ouve vinda dos céus (v 11). A voz vinda do céu era a testificação do Pai de que aquele homem era seu Filho.

C) A TENTAÇÃO DE JESUS NO DESERTO (1.12-13).

1. Impelido pelo Espírito ao deserto (v 12). Marcos é conciso, mas acrescenta um dado: “estava com as feras; mas os anjos o serviam”.
 2. A tentação de Satanás (v 13). Mateus e Lucas fornecem mais detalhes do diálogo da tentação.
-

IX. O CONTEÚDO DIDÁTICO DE MARCOS

A) A DINÂMICA DA VIDA DE JESUS.

Uma das características de Marcos é o uso da palavra grega *euthus* “diretamente”, “em seguida” que aparece também como “logo”, “imediatamente”, “a seguir” (Mc 1.10,12 etc.) **é usada vinte e seis vezes** sempre se referindo a Jesus e ao que ele fazia, enquanto em Mateus a palavra aparece apenas seis vezes, em Lucas uma vez e em João apenas duas vezes. Esta palavra indica que Jesus estava sempre em movimento.

B) OS QUATRO ASPECTOS DO MINISTÉRIO DE JESUS NO EVANGELHO DE MARCOS (1.14 ATÉ O 14.25).

Nos quatro evangelhos o ministério de Jesus é apresentado com as obras que ele fez e não em quantos anos ele fez a obra. Porque os fatos são mais importantes que os anos. Os anos são apenas conjecturas, enquanto as obras registram sua natureza divinal.

1. O primeiro período (1.14-20). Tema central: A proclamação do Reino.

a) A proclamação do Reino (1.14-15). Tudo indica que depois que João foi preso, Jesus começou a se manifestar publicamente, e inicia seu ministério na Galiléia, cf. o estudante verá no estudo dos demais evangelistas.

b) O chamamento dos quatro discípulos (1.16-20).

(1) Dois irmãos: Simão e André (v 16). A forma como foram chamados (v 17). Sua obediência (v 18).

(2) Dois irmãos: Tiago e João (v 19). Seu chamamento (v 20) e sua obediência (v 20). Esses quatro

pescadores já haviam estado com Jesus anteriormente, mas não haviam sido definitivamente convocados, e voltavam à atividade pesqueira.

2. Segundo período (1.21 a 8.30). Tema: A proclamação do Rei. A pessoa de Jesus.

- a) Ensinamentos e milagres (1.21 a 2.12).
 - b) O chamamento de Levi (2.13-22). Os acontecimentos dos vv. 18 a 22 se dão por ocasião do jantar na casa de Levi. Mais sobre o chamamento de Mateus o estudante viu no evangelho de Mateus.
 - c) Ensinamentos e milagres (2.23 a 3.12). A questão do sábado; a cura do homem da mão ressequida; o ministério de Jesus à beira-mar. Os acontecimentos aqui registrados por Marcos ocorrem também em Mateus e Lucas.
 - d) O chamamento dos doze (3.13-19). A expressão de Marcos: “chamou os que ele mesmo quis”, abre a idéia de que trouxe para junto de si um número maior de homens, talvez os setenta, e depois, Marcos explicou o chamamento dos doze: “Então, designou doze para estarem com ele”. Este processo seletivo do discipulado mostra que havia a necessidade de compartilhar seus ensinamentos mais profundos com um grupo menor. Não se deve esquecer que dentre os doze, Jesus tinha 3 discípulos mais íntimos, e entre os três, João parecia usufruir de maior intimidade com Jesus.
 - e) Ensinamentos e milagres (3.20 a 6.6). A questão do pecado capital ou blasfêmia contra o Espírito Santo; a família de Jesus o procura; Jesus conta a parábola do
-

semeador à beira-mar e lhes explica acrescentando outras comparações: A parábola da candeia; da semente; do grão de mostarda e do por que lhes ensinava por parábolas. A tempestade no mar; a libertação e cura do gadareno; a ressurreição da filha de Jairo e a cura da mulher com fluxo de sangue, finalizando com a rejeição dos nazarenos.

Dos temas desta seção, a blasfêmia contra o Espírito Santo é o que levanta maiores questionamentos. O estudante deve entender que a declaração de Jesus veio no contexto em que Jesus foi acusado de fazer milagres em nome de Belzebu, “o maioral dos demônios” (Mt 12.24). Jesus, contudo, afirmou que ele expulsava os demônios “pelo Espírito de Deus” (Mt 12.28). Alguns comentaristas afirmam que a blasfêmia contra o Espírito Santo se dá quando se rejeita a Cristo, outros, no entanto, afirmam que ocorre quando uma pessoa atribui ao diabo um feito glorioso de Deus.

- f) A missão dos doze (6.7-30). Os discípulos são enviados às aldeias realizando milagres e libertação dos demônios. Logo depois aconteceu a morte de João Batista no dia do aniversário de Herodes. Os evangelistas colocam a morte de João Batista num *flash back* isto é, como uma reminiscência, algo que ocorrera tempos antes. Mateus faz o mesmo (14.1-12). Mateus e Marcos usam deste artifício.
- g) Ensinaamentos e milagres (6.31 a 8.30). O descanso com os discípulos e a primeira multiplicação dos pães e peixes. Jesus anda sobre o mar e vai para Genesaré. Parece que ali acorreram de Jerusalém escribas e fariseus para discutir com Jesus sobre o cerimonial

judaico. A partir dali Jesus vai para as terras dos gentios onde cura uma menina. O surdo e gago é curado. Acontece a segunda multiplicação de pães e peixes. Os fariseus pedem um sinal do céu e os discípulos não entendem a questão do fermento dos fariseus e Herodes. O próprio Jesus atestou que houve duas multiplicações de pães (Mc 8.17-21).

Quem não gostaria de descansar depois de uma jornada de trabalho? Jesus convidou os discípulos para descansar, mas o povo correu para onde Jesus estava (6.33). Depois do milagre da multiplicação, Jesus ficou sozinho, enquanto os discípulos regressavam no barco. Era madrugada quando Jesus surpreendeu os discípulos andando sobre o mar. Deve ter sido frustrante para os discípulos. Foram convidados a repousar (6.31), mas o povo não lhes deu descanso (6.33 e ss.). Depois, Jesus fica a sós (Mc 6.45-47), repousando e eles voltam a atravessar o mar para o outro lado.

3. Terceiro período (8.31 a 10.52). Tema: O Rei é rejeitado.

- a)** O primeiro anúncio de seu sofrimento (8.31 a 9.13). Prediz seu sofrimento e glória. Pedro confessa que Jesus é o Messias e depois Jesus repreende duramente a Pedro.

Mateus é mais explícito sobre a confissão de Pedro e uma explicação maior é dada ao estudar aquele evangelho. Vale observar, no entanto, que num momento pode-se ter uma revelação do Espírito, “tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” e receber uma palavra de elogio, “bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que te revelaram, mas meu Pai que está nos céus”, e instantes depois deixar que a carne se expresse e dê sua opinião. Mateus registra que Pedro o chamou à parte – ficando a sós com Jesus

– e “começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá”, e ser reprovado pelo Senhor com o termo mais duro que uma pessoa poderia ouvir: “Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mt 16.16-17, 22-23).

Simão aguentou a reprimenda, indicando que, no discipulado nem todas as coisas são como se quer, mas como o Senhor quer. Ainda hoje é possível falar pelo Espírito em um momento e no outro se deixar levar por suas próprias idéias, e não deveria ser assim, como expressou Tiago (Tg 3.8-12).

b) Segundo aviso de seu sofrimento (9.30-32).

Devido a reprimenda que Jesus deu a Pedro, quando o Senhor dizia aos discípulos que seria entregue nas mãos dos homens e que seria morto para depois ressuscitar, “não compreendiam isto e temiam interrogá-lo” (Mc 9.32).

c) Terceiro aviso de seu sofrimento (10.32-34).

Obs. Entre esses temas centrais o estudante se depara com ensinamentos, ações demoníacas, milagres e manifestações do poder de Deus.

A questão do divórcio (Mc 10.2-12 e Mt 19.3-12) é um tema amplo e deve ser estudado com maiores detalhes. É aconselhável que o aluno faça por si mesmo uma investigação do tema, já que os teólogos divergem entre si a respeito. Convém ressaltar, contudo, que no hebraico duas palavras são usadas para tratar deste assunto: Divórcio e Repúdio. Alguns tradutores traduziram repúdio por divórcio, como algumas versões o fazem em Malaquias 2.16, quando a palavra ali é repúdio. O divórcio era permitido pela lei de Moisés e a diferença do repúdio é que, uma mulher repudiada a quem o

marido não deu carta de divórcio liberando-a não podia se casar de novo, porque cometia adultério. Mas, quando o marido a liberava concedendo-lhe carta de divórcio, estava livre para casar de novo.

A palavra divórcio dos textos de Dt 24.1,3; Is 50.1 e Jr 3.8 é *kritut* e é diferente da palavra repúdio que é *shalach* que está em Mt 2.16. Aqui, a tradução correta é repúdio. Quando o esposo repudiava a mulher, mantinha-a presa com ele, inda que ela fosse morar com seus pais; quando lhe dava carta de divórcio a liberava para se casar novamente. Jesus aqui foi duro ao criticar os doutores da lei de sua época quanto a este assunto, nas palavras dele ouvimos: *“E Jesus, respondendo, disse-lhes: Pela dureza dos vossos corações vos deixou ele escrito esse mandamento; porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea. Por isso, deixará o homem a seu pai e a sua mãe e unir-se-á a sua mulher. E serão os dois uma só carne e, assim, já não serão dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou, não o separe (aparte) o homem.”* (Marcos 10:5-9).

4. Quarto período (11.1 a 14.25). Tema: O Reino é rejeitado.

Esses quatro aspectos do ministério de Jesus são agora apresentados de forma mais ampla para que o estudante tenha uma visão do evangelho de Marcos.

- a) A chegada a Betfagé (11.1-7). Os quatro evangelistas relatam o mesmo episódio da entrada triunfal de Jesus na cidade de Jerusalém. A missão dos dois discípulos para trazer o jumentinho. Conforme mencionado anteriormente, Jesus deveria conhecer o dono do jumentinho. Mateus e João (Mt 21.5; Jo 12.15) mencionam o cumprimento deste fato como profetizado por Zacarias (Zc 9.9). A chegada a Jerusalém; a hospedagem em Betânia. A partir desse período o ministério de Jesus é desenvolvido em Jerusalém e imediações.

-
- b) Entrada triunfal em Jerusalém (11.8-11).**
 - c) A purificação do templo nesta ocasião é mencionado pelos evangelhos sinóticos, o que indica que a passagem de João (Jo 2.13-22) parece indicar uma purificação feita no início do ministério de Jesus, cf. o aluno verá ao estudar o texto de João.**
 - d) Jesus entra no templo e fica observando tudo antes de se retirar (11.11). Nesta ocasião ele nada fala e retorna para Betânia (11.11 e ss.).**
 - e) Jesus sai de Betânia e retorna a Jerusalém (11.12-14). Vai ao templo e começa a pregar e a purificar o templo (11.15-18).**
 - f) Jesus retorna a Betânia onde pernoita e depois volta a Jerusalém (11.19-26). Novamente vai ao templo (11.27-12.44).**
 - g) Jesus deixa o templo e retorna a Betânia (13.1 a 14.25).**
 - h) Os acontecimentos registrados por Marcos no capítulo 13 são também registrados pelos sinóticos, com a diferença que Marcos menciona que foram Pedro, Tiago, João e André que perguntaram a Jesus em particular: “Dize-nos quando sucederão estas coisas...” (Mc 13.3-4).**
 - i) Os episódios da crucificação e ressurreição. Os temas narrados nos capítulos 14 a 16.12 estão nos demais evangelhos sinóticos. A única diferença particular de Mateus são as palavras de Jesus em 16.14-18 cuja peculiaridade foi tratada no ponto VI “historicidade do evangelho de Marcos”**
-

X. TEMAS EMPOLGANTES APRESENTADOS POR MARCOS

A) O chamamento dos doze (Mc 3.13-19). Apesar dos evangelistas Mateus e Lucas tratarem também do chamamento dos doze, Marcos sintetiza o chamamento de maneira diferente. Mateus omite como ocorreu o chamado. Lucas explica que Jesus passou a noite orando, e “quando amanheceu” chamou para junto de si seus discípulos e o texto dá a entender que dentre os discípulos ele escolheu doze. “E, quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos” (Lc 6.12-13). A expressão “escolheu doze dentre eles” indica que havia outros discípulos, mas apenas os doze foram chamados apóstolos.

Marcos diz: “Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então, designou doze para estarem com ele e para enviá-los a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios” (Mc 3.13-15). Observe o destaque que Marcos dá para o chamamento: “os que ele mesmo quis”, e mostra a intenção de Jesus: “para estarem com ele, e para enviá-los a pregar...”. O discípulo é chamado primeiramente para estar junto de Jesus. A missão é consequência.

B) O ódio de Herodias por João Batista. Marcos é o único que fala do ódio que a mulher de Herodes nutria por João (Mc 6.19). Herodes mantinha João em segurança, e Marcos relata que o rei cuidava bem de João, “sabendo que era homem justo e santo... e quando o ouvia, ficava perplexo, escutando-o de boa mente” (Mc 6.20).

C) Jesus convida seus discípulos a descansarem com ele. Este episódio se dá antes da primeira multiplicação de pães e peixes citados pelos quatro evangelistas, mas Marcos é

o único que enfatiza que os discípulos, depois de retornarem da missão que Jesus lhes dera (Mc 6.7-13) relataram para Jesus os acontecimentos (Mc 6.30) e foram convidados a descansar: “Voltaram os apóstolos à presença de Jesus e lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado. E ele lhes disse: Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto; porque eles não tinham tempo nem para comer, visto serem numerosos os que iam e vinham. Então, foram sós no barco para um lugar solitário” (Mc 6.30-32). Ficaram frustrados ao chegar do outro lado do mar e encontrar uma multidão que queria ouvir a Jesus!

Ao chegarem ao local onde deveriam descansar com seu Mestre, uma multidão estava lá esperando Jesus. Os discípulos não puderam descansar, porque no fim da tarde se deu a multiplicação dos pães. Enquanto Jesus despedia as multidões, os apóstolos entraram no barco para atravessar para o outro lado. Somente Jesus descansou (Mc 6.47-48).

D) A boa impressão que tinham de Jesus: A cura de um surdo e gago, tem uma característica diferente, pois Jesus pôs os dedos no ouvido do surdo e lhe tocou a língua com saliva. “Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: Tudo ele tem feito esplendidamente bem; não somente faz ouvir os surdos, como falar os mudos” (Mc 7.37). Marcos é o único que registra esse elogio a Jesus como alguém que fazia tudo perfeito! Um bom exemplo deixado por Jesus aos discípulos e aos crentes!

Sempre é bom que o obreiro se pergunte se a obra que está fazendo é como a de Jesus “esplendidamente bem”. Jesus era perfeito até mesmo nas obras que praticava. Talvez as palavras do profeta Jeremias precisam ser sempre lembradas: “Maldito aquele que fizer a obra do Senhor relaxadamente!” (Jr 48.10).

E) Cura do cego em Betsaida (Mc 8.22 - 26). O relato da cura deste cego só é feito por Marcos. Alguns aspectos devem ser considerados: **a)** Jesus conduz o cego pela mão para fora da aldeia; **b)** Jesus coloca saliva nos olhos do cego e impõe as mãos sobre ele. Ao ser perguntado se via alguma coisa, o cego respondeu: “Vejo os homens, porque como árvores os vejo andando”. Jesus, então, impôs-lhe a mão uma segunda vez e aí, sim, o cego passou a ver claramente “e tudo distinguia de modo perfeito”. **c)** O cego morava fora da aldeia, porque Jesus o mandou “embora para casa, recomendando-lhe: Não entres na aldeia”.

F) A figueira sem fruto (Mc 11.12-14, 20-25). O estudante certamente se pergunta por que não lhe deram comida em Betânia – e ele usualmente ficava na casa de Marta, Maria e Lázaro. Não existe explicação para isto. E qual a culpa da figueira não ter fruto? A resposta à esta segunda pergunta está no próprio texto: “porque não era tempo de figos” (Mc 11.13). Ora, se não era tempo de figos, a figueira não deveria ter folhas, porque figos brotam juntamente com as folhas no fim da primavera e início do verão. Como tinha folhas, deveria ter frutos. Era, portanto, uma figueira enganosa. Tinha aparência de “verdade”, mas era de mentira! Jesus usou o exemplo da figueira, que depois de amaldiçoada secou, para ensinar aos discípulos a lição da fé.

G) A ascensão de Jesus (Mc 16.19-20). Marcos destaca duas coisas que aconteceram com Jesus e com os discípulos. “De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus. E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam.

1. Jesus foi recebido no céu;

2. Assentou-se à mão direita de Deus;

3. Os discípulos saíram a pregar e o Senhor confirmava o que eles diziam operando milagres (sinais).

CONCLUSÃO

Como se vê, Marcos é conciso, dinâmico e direto no que tem de apresentar sem entrar em muitos detalhes. Talvez por isso os pais da igreja achavam que o evangelho de Marcos tenha servido de base ou de fonte de informação para os demais evangelistas.

ATIVIDADES – LIÇÃO II

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ João Marcos é citado nos Atos dos Apóstolos e nas epístolas de Paulo como primo (ARA) de Barnabé (Cl 4.10) ou como sobrinho (ARC e Contemporânea) de Barnabé.
- 2) ☐ *Huperetes* é um serviçal que só faz o que lhe mandam, que trabalha sob ordens.
- 3) ☐ Pelo que se vê a pessoa de João Marcos está associada a três importantes líderes da igreja: Barnabé, Pedro e Paulo.
- 4) ☐ 1Pedro 5.13 localiza Marcos em Roma junto com Pedro em meados do ano 60 d.C.
- 5) ☐ Marcos, assim como Mateus e Lucas não descreve o nascimento de Jesus e inicia seu evangelho relatando o ministério de João Batista.
- 6) ☐ Apesar dos evangelistas Mateus e Lucas tratarem também do chamamento dos doze, Marcos sintetiza o chamamento de maneira diferente.

Lição III

O Evangelho Segundo Lucas

O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

INTRODUÇÃO E ORIENTAÇÃO AO ALUNO

O estudante verá que o estudo do livro de Lucas aqui apresentado tem uma apresentação com didática diferente dos demais livros anteriores. Recomendamos que o livro de Lucas seja lido de uma só vez, o que demandará tempo do aluno e depois estudado conforme o esboço apresentado mais adiante. No ponto II e III algumas seções precisarão serem esclarecidas historicamente e um esboço minucioso do livro exigirá que cada versículo seja analisado e estudado.

Sabe-se pelos pais da igreja, que harmonizaram os evangelhos, que Lucas é o autor do evangelho que leva o seu nome e também o autor dos Atos dos Apóstolos, apesar de nenhum dos evangelistas ter posto seu nome nos livros.

O nome Lucas era estranho para a época e historiadores afirmam que era nome dado a animais de estimação. Na realidade é o diminutivo do nome latino *Lucanus* e sugere o nome de pessoas nativas do sudoeste da Itália. E também era nome de um poeta latino, sobrinho de Sêneca, filósofo romano. Mas, nenhuma dessas hipóteses consegue traçar a ancestralidade do autor do terceiro evangelho.

Taylor Caldwell, escritora inglesa que escreveu a magnífica obra *Médico de Almas* (Editora Record), diz ter lido

juntamente com seu esposo cerca de mil documentos da época de Lucas. Em seu romance Taylor Caldwell fala que Lucas era Grego, descendente de um escravo alforriado e que estudara medicina na maior universidade da época em Alexandria, no Egito. Lucas ouvira dos acontecimentos em Israel e empreendeu uma viagem de pesquisas tendo-se encontrado com vários apóstolos e com os parentes de Jesus em Israel, inclusive com Maria mãe de Jesus. Por isso começa o livro dando seu próprio testemunho: “Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado...” (Lc 1.2).

Depois de estar em Israel e de pesquisar os acontecimentos Lucas saiu à procura de Paulo, o apóstolo dos gentios e o encontrou em Trôade, porque, só a partir daí é que o autor de Atos emprega o plural “nós”, o que confirma a tese de que encontrou a Paulo e começou a fazer parte do grupo (At 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1 a 28.16).

Não existem dúvidas entre os comentaristas de que Lucas é o autor deste evangelho e do livro dos Atos dos Apóstolos. Ficou conhecido como “o médico amado” e seu nome aparece pela primeira vez em Colossenses Cl 4.14 como cooperador de Paulo (Fm 24). Escritores antigos, como Irineu (180 d.C) e o Cânon Muratoriano (170 d.C.), confirmam este fato.

A propósito é preciso esclarecer o aluno sobre este cânone.

O Cânone de Muratori [também conhecido por fragmento muratoriano ou fragmento de Muratori é o documento mais antigo que se tem a respeito do cânon bíblico do **Novo Testamento**, por ter sido escrito por volta do ano 150, uma vez que cita o nome de Pio, bispo de Roma de 143 à 155, irmão de Hermas, autor de "O Pastor".

Foi descoberta na Biblioteca Ambrosiana de Milão por **Ludovico Antonio Muratori** (1672 – 1750) e publicada em 1740. O manuscrito encontra-se mutilado no início e no fim, mas permite distinguir quatro espécies de livros usados pela igreja no primeiro século:

1. Os que são lidos publicamente na Igreja.
2. Os que algumas pessoas querem que sejam lidos publicamente na Igreja.
3. Os que são lidos particularmente.
4. Os que devem ser desprezados.

O terceiro livro do Evangelho é o de Lucas.

Os livros canônicos mencionados na lista são aproximadamente os mesmos que se consideram hoje como canônicos neo-testamentários, com algumas variações.

O *Cânone de Muratori* aceita **quatro evangelhos**, dos quais dois são o Evangelho de Lucas e o Evangelho de João, não se conhecendo os outros dois, pois falta o começo do manuscrito, onde estariam os nomes dos dois primeiros. A lista segue com os Atos dos Apóstolos e com 13 epístolas de Paulo (não menciona a epístola aos Hebreus).

Considera-se falsificações as epístolas supostamente escritas por Paulo aos laodiceanos e a escrita aos alexandrinos. Nele só se mencionam duas epístolas de João, sem as descrever. Figura também no fragmento o Apocalipse de Pedro, ainda que com certas reservas ("*o qual alguns dos nossos não permitem que seja lido na Igreja*").

O Livro da Sabedoria, do Antigo Testamento (que está na Bíblia Católica) também é citado como sendo canônico.

DESTINATÁRIO

O Evangelho de Lucas foi escrito para uma pessoa amiga de Lucas de alta posição social em Roma, que o autor usa a palavra *excelentíssimo* sempre que trata com autoridades do governo; e Paulo empregou este mesmo termo com os governantes (At 24.3; 26.25). Teófilo quer dizer “aquele que ama a Deus” e, possivelmente, por sua posição social se tornou um patrocinador de Lucas fazendo cópias do livro para serem distribuídos na época.

DATAÇÃO

Considera-se a possibilidade de haver sido escrito entre 59-63 d.C. (conf. Robert H. Gundry em Panorama Bíblico do Novo Testamento págs 270 e 271), época do término do Livro dos Atos dos Apóstolos e também do martírio do apóstolo Paulo.

Lucas tinha notável domínio da língua grega, com um vocabulário amplo e rico, e se parece em estilo ao grego clássico.

I. ASPECTOS DIFERENCIADOS DO EVANGELHO DE LUCAS

A) Como Lucas apresenta seu evangelho.

O propósito divino do evangelho de Lucas é apresentar o Senhor Jesus, como o Filho do Homem, ou o homem ideal: “Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; ele brotará do seu lugar e edificará o templo do SENHOR” (Zc 6.12). Mateus apresentou Jesus como o rei de Israel, o Messias e Marcos como o servo do Senhor.

1. Lucas apresenta o Senhor como amigo de “publicanos e pecadores”, pessoas desprezadas pela sociedade (Lc 5.29; 7.29,34, 37; 15.1 e ss.; 18.9; 19.7 etc.).

2. Apresenta-o como pessoa de profunda piedade, compaixão e que entendia os dramas da vida humana (Lc 7.13; 13.1 e ss.; 19.41 e ss.; 23.28 etc.).
3. Lucas mostra que Jesus conseguiu ir além dos preconceitos que a nação de Israel tinha sobre os demais povos (6.6,27; 10.30 e ss.; 13.1; 14.1; 17.11 etc.).
4. Somente Lucas cita a parábola do bom samaritano (10.30 etc.).
5. E apenas Lucas destaca que um dos leprosos curados que voltou para agradecer era samaritano (17.16,18).
6. Lucas, com frequência cita mulheres que, conforme a cultura judaica eram deixadas de lado e Jesus as menciona tecendo-lhes elogios. Isabel, Ana, a viúva da cidade de Naim (7.11-15); a mulher pecadora (7.37 e ss.), as mulheres que seguiam a Jesus e o ajudavam (8.2 etc.); as filhas de Jerusalém (23.27 e ss.); Marta (10.38-41); Maria de Betânia (10.39,42) e Maria Madalena (24.10).
7. Como homem ideal o Senhor é apresentado por Lucas como alguém que dependia do Pai, em oração (3.21; 5.16; 6.12; 9.18,29; 11.1; 18.1; 22.32, 41; 23.34,46). Em seis ocasiões específicas Jesus aparece orando, e pelo menos sete vezes lê-se a frase “glorificando a Deus”, em relação aos milagres e atos de Jesus, o que é um tipo de oração de agradecimento (2.20; 5.25; 7.16; 13.13; 17.15; 18.43; 23.47).

B) Quatro cânticos são mencionados por Lucas: O *Magnificat* de Maria (1.46-55); O *Benedictus* de Zacarias (1.68-79); o *nunc dimittis* (oração de despedida) de Simeão (2.29-32) e *Gloria in Excelsis* dos anjos (2.14).

C) Os seis milagres referidos por Lucas – todos com as características da apresentação do Senhor são:

1. A grande pescaria (5.4-11).
2. A ressurreição do filho da viúva em Naim (7.11-18).
3. A mulher com um espírito de enfermidade (13.11-17).
4. O hidrópico (14.1-6). Popularmente “barriga d’água”.
5. Os dez leprosos (17.11-19).
6. A cura da orelha de Malco (22.50,51 cf. Jo 18.10).

D) Dez parábolas peculiares de Lucas, todas significativas:

1. Os dois devedores (7.41-43).
2. O bom samaritano (10.30-37).
3. O homem rico e seu celeiro cheio (12.16-21).
4. A figueira estéril (13.6-9).
5. A dracma perdida (15.8-10).
6. O filho perdido (filho pródigo) (15.11-32).
7. O administrador infiel (16.1-12).
8. O rico e Lázaro (16.19-31).
9. O juiz iníquo e a viúva importunadora (18.1-8).
10. As orações do fariseu e do publicano (18.9-14).

E) Tendo como base essas peculiaridades convém esclarecer ao estudante dúvidas comuns aos temas apresentados nos evangelhos:

-
1. Na pesca maravilhosa de Lucas 5 três esclarecimentos devem ser feitos.
 - a) Com respeito a Jesus falar de dentro de um barco, no lago, virado para a praia. Conversando com especialistas em acústica e som descobriu-se que o mar servia de acústica conduzindo as palavras de Jesus até a praia – assim como falar de um alto monte, para os que estavam mais abaixo levava a voz aos que estavam mais distantes, como em Mateus 5.1 e ss. Não se pode desprezar a sabedoria e conhecimentos de nosso Senhor Jesus Cristo!
 - b) O peixe pode ser ligado ao chamamento dos discípulos. Aqui, viram o milagre da pesca, depois que Jesus ordenou que voltassem ao mar para pescar, e se prostraram diante do Senhor. A partir daí, Pedro e Tiago, sócios na empresa de pesca, deixaram tudo com Zebedeu e seguiram a Jesus. O peixe também está no centro da confirmação do chamamento em João 21. Desanimados depois da tragédia da crucificação de seu Senhor, Pedro e os demais discípulos se puseram no mar a pescar. Pescadores que eram, só sabiam pescar. E ali, sob as ordens do Senhor trouxeram para a praia 153 grandes peixes (Jo 21.11). Foi preciso dois milagres: Um no início do chamamento, e o segundo para confirmar que eram chamados!
 - c) Na primeira pescaria as redes se rompiam (Lc 5.6), mas na última pescaria, “não obstante serem tantos, (peixes) a rede não se rompeu (Jo 21.11). A confirmação do chamamento sempre acontecerá com um milagre ainda maior! Assim também na vida dos discípulos de Cristo, hoje. Os milagres que o
-

discípulo experimenta podem ser indicativos de que Deus esteja querendo lhe dizer alguma coisa! Um chamamento com um milagre fará o servo do Senhor perseverar até o fim.

2. O filho da viúva de Naim. Naim não era o nome do marido da viúva, e, sim da aldeia em que ambos moravam. Já ouvimos pregadores despreparados falarem que o marido da viúva seria Naim. A ideia de um caixão de defunto tem de ser deixada de lado. Os mortos eram enfaixados – como Lázaro o foi (Jo 11.44 e Jesus (Jo 20.5-7) e levados para o sepulcro numa padiola.
3. A mulher com um espírito de enfermidade (13.11-17). Era uma mulher corcunda devido a sua enfermidade que a deixava encurvada, e Jesus afirmou que Satanás a “trazia presa há dezoito anos”. Nem toda enfermidade é resultado da ação direta de Satanás ou de um espírito de enfermidade. Existem enfermidades como resultado normal da decadência do corpo, ou de desgastes físicos.

Paulo pregava a palavra e era acometido por algum tipo de enfermidade (2Co 12.7), alguns chegam a afirmar que era nos olhos (Gl 4.13). Timóteo, seu discípulo, tinha problemas de enfermidades no estômago (1 Tm 5.23). Epafrodito “adoeceu mortalmente”, mas foi restabelecido por Deus (Fp 2.25-27). Não se tem nas Escrituras do NT referência alguma desses homens de que sofriam ataques de Satanás, por isso estavam enfermos.

Algumas pessoas ficam enfermas por não cuidarem direito de seu corpo: comem demais, alimentam-se com excessos de gordura e carboidratos

(massas, arroz etc.), e outras pessoas adoecem porque o modo de vida da sociedade e os alimentos industrializados e a quantidade de pesticidas usados na lavoura são causadores de enfermidades. Nem sempre o diabo age diretamente, mas ele pode também trazer enfermidades, como fez com Jó.

4. O hidrópico (14.1-6). Popularmente “barriga d’água”, cientificamente chamado de hidropisia e ocorre quando o líquido se acumula por debaixo da pele e nas cavidades do corpo, geralmente inchando o abdômen.

A hidropisia é causada por distúrbios na circulação do sangue. À hidropisia geral dá-se o nome de anasarca.

A hidropisia é mais comum no abdômen, no peito, no encéfalo, nos rins, nas pernas e em torno dos olhos. Pode ser reconhecida pela formação de pequenas depressões que persistem quando se faz pressão sobre a parte afetada.

5. Os dez leprosos (17.11-19). Os leprosos não podiam viver dentro de cidades muradas, e faziam suas choças ou palhoças fora da aldeia ou da cidade. Sempre que alguém se aproximava deles deveriam gritar “imundo, imundo!” (Lv 13.43-46).

Certamente gritaram avisando que eram imundos. Noutro episódio, Jesus tocou no corpo de um leproso, o que se constituía num grave perigo de contágio (Mt 8.2).

6. A cura da orelha de Malco (22.50,51 cf. Jo 18.10). O evangelista João é o único que diz o nome do homem que teve a orelha direita decepada pela espada de Pedro e de que era empregado do sumo sacerdote.

F) Dez parábolas peculiares de Lucas, todas significativas:

1. OS DOIS DEVEDORES (7.41-43).

Apenas Lucas registra o jantar de Jesus na casa de um fariseu chamado Simão. Uma mulher pecadora, certamente uma prostituta “sabendo que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento”. A mulher pecadora chorava aos pés de Jesus; o fariseu ponderava consigo que a mulher era pecadora, e Jesus nada sabia a respeito de quem lhe tocava. Jesus, que sabia o que o fariseu pensava, contou-lhe o caso de dois homens que deviam uma soma de dinheiro a um prestador. Um devia 500 denários e o outro 50 denários, e como nenhum dos dois pudesse quitar a dívida, o credor os perdoou. Jesus, virando-se para Simão lhe perguntou: “Qual deles amará mais o credor perdoador?”. A resposta é óbvia: A pessoa cuja dívida era maior, haverá de amar muito mais que o outro cuja dívida era menor.

O pecador que reconhece ser o “principal dos pecadores” (1 Tm 1.15) é mais agradecido pela graça de Deus derramada sobre sua vida.

2. O BOM SAMARITANO (10.30-37).

A parábola do bom samaritano é outro registro único de Lucas, e Jesus a contou porque um intérprete da lei queria provar a Jesus e lhe perguntou o que deveria fazer para herdar a vida eterna. O escriba conhecia bem a lei e respondeu corretamente a Jesus. Querendo provar ainda mais o Senhor, o escriba fez outra pergunta: “Quem é o meu próximo?”. E novamente Jesus envolve um samaritano em sua história, porque estes eram desprezados pelos judeus. O sacerdote passou de largo; o levita, “vendo-o” também passou de largo, mas um samaritano que passava por ali se compadeceu do homem ferido e o ajudou.

Esta parábola é interessante, porque nos dias de hoje os que deveriam socorrer os necessitados – pastores e líderes da igreja, passam de largo – e aquelas pessoas sem valor para eles são os que mais socorrem os necessitados.

3. O HOMEM RICO E SEU CELEIRO CHEIO (12.16-21).

Jesus contou este caso, a propósito do pedido de um homem que queria que Jesus ordenasse que repartisse com ele a herança. Este caso mostra que as pessoas buscam o Senhor Jesus para resolver seus interesses pessoais, e sua busca pela riqueza. Jesus declarou ao homem, que “a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui”, e lhe contou sobre o próspero empresário do agronegócio que produziu tanto grão que precisou construir mais silos e armazéns.

Gloriando-se de que, a partir de então poderia descansar, comer e se divertir, ouviu de Deus uma voz que lhe dizia: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus”.

O que é ser rico para com Deus? A partir desta pergunta o estudante poderá estudar a questão das riquezas e de sua aplicação no reino de Deus.

4. A FIGUEIRA ESTÉRIL (13.6-9).

A lei judaica diz que um homem deve esperar até o terceiro ano para aproveitar do fruto de uma árvore, porém se esta em três anos não lhe rendeu nada, este pode arrancá-la sem mais demora. Isto nos ensina que pela lei o Eterno Deus estava com plenos direitos de arrancar o ser humano do mundo e extirpá-lo, mas Jesus na figura do hortelão entrega-se por todos e assim dá-nos uma nova oportunidade.

Eis aí um pouco de ensinamento sobre como levar uma árvore a produzir fruto. O dono do pomar queria que arrancassem a figueira, porque fazia três anos que ele esperava que desse fruto. E deu ordens ao hortelão que arrancasse a árvore, mas este pediu clemência, pedindo que a deixasse por mais um ano, porque ele haveria de escavar ao redor, adubaria a terra e daria uma chance à árvore.

Esta parábola mostra o coração clemente de Deus que sempre dá uma oportunidade de salvação. Não é isto que falou a Ezequiel e que Pedro também menciona? (Ez 18.23,32; 2Pe 3.9).

5. A DRACMA PERDIDA (15.8-10).

Em Lucas 15 Jesus contou três casos de perda. Uma ovelha que se perdeu sozinha; uma dracma perdida por uma mulher e um moço que voluntariamente se perdeu. Ele contou os casos porque os fariseus e os escribas não gostavam de ver Jesus comendo com publicanos e pecadores. Então lhes contou três casos que revelam o coração do Pai.

a) O Pai busca até encontrar (vv. 4,8,20).

b) O Pai se alegra (vv. 5, 9, 24).

c) O céu fica em festa (vv. 7, 10, 32).

Quando o Pai reencontra o que se perdeu o céu se alegra!

Uma dracma pode parecer insignificante, mas sem ela ficaria faltando uma parte que completaria o valor da peça.

6. O FILHO PRÓDIGO (15.11-32).

Muitos pregadores confundem “pródigo” com perdido, mas pródigo conforme o Dicionário Aurélio é adjetivo: que ou aquele que dissipa seus bens, gasta mais do que o necessário;

gastador, esbanjador, perdulário, ainda pode ser lido como Generoso, liberal. Ou ainda o que produz em abundância: terra pródiga.

Este é um dos episódios que mais geram sermões na igreja. Alguns sermões também abordam o filho que ficou em casa, que estava tão ou mais perdido do que seu irmão que saíra de casa.

7. O ADMINISTRADOR INFIEL (16.1-12).

O patrão daquele homem elogiou a capacidade do administrador infiel, “porque os filhos deste mundo são mais hábeis na sua própria geração dos que os filhos da luz” (16.8). “E elogiou o senhor o administrador infiel porque se houvera atiladamente, porque os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz” (16.8).

Quem elogia aqui, não é Jesus que falou a parábola, como dão a entender certas versões. Os “filhos do mundo”, podem referir-se ao povo judeu.

O v 9, sim, é Jesus quem fala. O melhor entendimento pode vir da versão da NTLH da SBB: “— E o patrão desse administrador desonesto o elogiou pela sua esperteza. E Jesus continuou: — As pessoas deste mundo são muito mais espertas nos seus negócios do que as pessoas que pertencem à luz. Por isso eu digo a vocês: usem as riquezas deste mundo para conseguir amigos a fim de que, quando as riquezas faltarem, eles recebam vocês no lar eterno”.

8. O RICO E O POBRE LÁZARO (16.19-31).

Ao contar esta parábola Jesus confirma que os justos vão para um lugar de descanso, enquanto os injustos para um local de tormento. De nada adianta ficar especulando sobre o texto; é melhor aceitar como palavras definitivas de Jesus sobre a eternidade.

9. O JUIZ INÍQUO E A VIÚVA IMPORTUNADORA (18.1-8).

Esta parábola Jesus contou aos discípulos “sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer”, portanto, é um tratado sobre a oração. E o tema central não é a importunação, mas sim a perseverança conf. o versículo 7: “Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?”.

10. AS ORAÇÕES DO FARISEU E DO PUBLICANO (18.9-14).

Esses dois homens que oraram no templo representam o fariseu, um tipo do crente legalista, cumpridor de seus deveres, rígido consigo mesmo, que não admite erros e que se gloria de sua santidade; o outro, um publicano, que reconhecia seu pecado e arrependido apenas dizia: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador”.

O estudante poderá fazer um estudo minucioso de Lucas seguindo e observando a seguinte estrutura do livro:

II. A CHEGADA DE JESUS E OS ASSUNTOS PRÉ-MINISTERIAIS (1.1 A 2.52).

A) Introdução (1.1-4).

Lucas destaca que muitos haviam relatado os acontecimentos da vida de Jesus. O que pode indicar a existência escrita de muitos documentos da época, hoje perdidos e, que podem ter servido de fontes para o escritor, além das entrevistas que fizera com Maria, mãe de Jesus, os apóstolos e pessoas que andaram com o Senhor.

B) Pré-Natal (1.5 a 2.5).

1. A concepção de João (1.5-25). Isabel era descendente das filhas de Arão, as descendentes femininas sempre se casavam com sacerdotes.
-

2. Os pais de Jesus (1.26-52). João Batista era seis meses mais velho que Jesus.
3. Circuncisão de João (1.57-80). No oitavo dia a criança era circuncidada conforme a orientação de Deus a Abraão (Gn 17.9-14).
4. Os pais de Jesus (2.1-5). Quirino. Seu nome completo era Públio Suplício Quirino, conhecido também como Cireno. Houve um segundo recenseamento registrado em Atos 5.37. Um papiro que está no museu britânico indica que Herodes agiu sob ordens do governo de Roma.

C) Pré-ministerial (2.6-52).

1. O nascimento de Jesus (2.6,7). Veja que Lucas por ser médico usa o termo “enfaixar”, mostrando que uma cinta de pano foi colocada na altura do umbigo de Jesus.
2. A confirmação dos céus (2.8-20). A região de Belém onde Davi pastoreava e por onde Samuel ministrou (1 Sm 16.11-12).
3. A apresentação de Jesus (2.21-24). Os “dias da purificação” (v 22) eram 40 dias depois do nascimento.
4. A confirmação na terra (2.25-38). Havia muitos homens e mulheres piedosos que esperavam a redenção de Israel (Veja Gn 49.18; Is 49.23). José de Arimatéia também esperava por isso (Mc 15.43). Foi assim que se expressou Ana (Lc 2.38). Paulo falou sobre isto (At 28.20 cf. Is 40.1 e ss.). Os judeus tinham uma saudação que dizia: “Que possamos ver a consolação de Israel”, e quando queriam confirmar um juramento, afirmavam: “Que eu não veja a consolação de Israel se eu estiver mentindo”.

A expressão de Simeão “alvo de contradição” (v 34) é o mesmo que pedra de tropeço (Is 8.14. Cp. Com Mt 21.42,44; At 4.11; Rm 9.33; 1 Co 1.23; 1 Pe 2.4-8). Note que, para os que creem, a pedra é de edificação; para os descrentes, a pedra serve de tropeço.

5. O crescimento do menino Jesus (2.39-52). “Ele será chamado Nazareno” (Mt 2.23). Nazaré, quer dizer, “ramo”, cf. o aluno viu no ponto I do estudo de Mateus.

III. A DINASTIA HERODIANA (3.1-20)

A) Herodes, o tetrarca (3.1,2).

Augusto faleceu no ano 14 d.C., mas Tibério César ficou a ele associado por dois ou três anos mais, assim, o décimo quinto ano de Tibério César seria ao redor do ano 26 d.C. Quando Jesus iniciou seu ministério este Herodes governava. Herodes, o Grande, que perseguiu a semente da Promessa matando todos os inocentes de Belém morreu enquanto Jesus estava exilado no Egito (Mt 2.19-23).

Herodes Antipas, meio-irmão de Filipe I que tomou a esposa de seu irmão (Filipe), chamada Herodias e com ela se casou. Este é o Herodes sob cujo governo Jesus foi condenado e julgado. Herodes se tornou uma dinastia, em que reis usavam o mesmo nome, assim como os Faraós, uma dinastia, Assuero etc. Para que o estudante não se confunda, Herodes, o Grande (Mt 2.1; Lc 1.5) que construiu o templo de Jerusalém, chamado de Templo de Herodes (Lc 21.5) teve quatro esposas vindo daí a linhagem herodiana. Elas eram: Mariane I, Mariane II, Maltace e Cleópatra, gerando Aristóbulo, Herodes Filipe I (Mt 14.3; Mc 6.17; Lc 3.19), Arquelau, Herodes Antipas e Herodes Filipe II respectivamente.

Esta é a primeira menção de Pôncio Pilatos indicado como o sexto procurador da Judéia no ano 25. Depois de deposto voltou a Roma. Conforme Eusébio se suicidou no ano 36.

Existem relatos de que João, o Batista foi criado no deserto na comunidade de Qumram – local onde foram encontrados os manuscritos do Mar Morto – depois que seus pais, velhos, morreram.

IV. O BATISMO EM ÁGUAS (3.21-38)

- A) O batismo do Senhor (v 21).
- B) A genealogia divina. O Pai fala desde os céus (vv. 21-22).
- C) A idade do Senhor (v 23). Este texto define com clareza a idade em que nosso Senhor começou seu ministério.
- D) A genealogia de Cristo terreal (3.23-38).

V. A TENTAÇÃO NO DESERTO (4.1-14)

Lucas descreve que, logo depois de ser batizado (4.1) Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto – certamente de maneira sobrenatural como Elias, que o Espírito do Senhor o levava por todos os lados (Veja 1 Rs 18.12 cf. o que disseram os profetas em 2 Rs 2.16). Jesus foi tentado três vezes aqui: Pela fome (2-4); pela glória do mundo (6,7) e pela fama (9-13). Este quadro de tentação costuma ser analisado também à luz de 1 João 2.15-17: Concupiscência da carne, dos olhos e a soberba da vida.

VI. O REINO – PROCLAMADO (4.14-5.11)

- A) O primeiro período ministerial.

O ministério de Jesus, conforme Lucas, começa efetivamente depois dos quarenta dias de jejuns e da tentação

no deserto. Note que o mesmo Espírito que o levou para o deserto, esteve com ele ali, pois o v 14 diz que “no poder do Espírito, regressou para a Galiléia”. Nenhum ministério pode começar sem uma confrontação com os poderes das trevas, sem consagração e sem o acompanhamento do Espírito de Deus.

A pregação em Nazaré, e os milagres relatados neste trecho mostram a proclamação do Reino.

VII. O REI – PROCLAMADO (5.12 A 9.21)

A) O segundo período ministerial do Senhor Jesus.

Neste trecho de Lucas o estudante se confronta com o Rei sendo anunciado. Jesus manifesta o poder que recebeu de Deus para chamar discípulos, enviá-los a pregar e mostra também o tempo que Jesus gastou para treinar os Doze.

Jesus sai a pregar e realiza milagres (5.12-26); vai a Cafarnaum e desafia Levi, o publicano a segui-lo. Sai outra vez a evangelizar e os fariseus levantam a contenda sobre a guarda do sábado (6.1-11).

A seguir chama os Doze (6.12-16) e os separa dentre os muitos discípulos que o seguiam: “escolheu doze dentre eles”.

Sai a evangelizar novamente curando e ensinando (6.17-8.56). Lucas destaca o serviço das mulheres ao lado de Jesus (Lc 8.1-3) indicando que essas sempre a acompanharam durante os anos de seu ministério até a sua ressurreição.

Como parte do treinamento dos discípulos o Senhor os comissiona e ouve deles o relato do que aconteceu com eles (9.1-10).

Depois da atividade, Jesus os convida a descansar (Lc 9.10), mas foram impedidos pela multidão.

VIII. O REI – REJEITADO (9.22 A 18.43)

A) Terceiro período do ministério de Jesus.

1. O primeiro anúncio do seu sofrimento (9.22-36). Jesus fala aos discípulos da glória que virá depois do sofrimento (vv. 22-27); e leva três deles ao monte para que tenham ideia do que será a glória futura depois do sofrimento (vv. 28-36). E o que Jesus mostrou no monte da Transfiguração deveria servir de alento aos que sofrem perseguições e morte por pregarem o evangelho do Reino.
 2. Como parte do treinamento, e para que os três discípulos “aterrissassem” e se dessem conta da realidade do mundo, pois a tendência era a de ficar usufruindo as delícias da experiência do céu, ele cura o menino lunático (9.37-43). Lição que deve ser aprendida por todos quantos têm revelação do céu, e que ainda têm uma missão na terra.
 3. O segundo aviso de seu sofrimento (Lc 9.43-45). Quando os discípulos estavam maravilhados com a libertação do menino, Jesus traz a notícia de que sofrerá e morrerá. Desta feita, eles não entenderam (v 45).
 4. Os discípulos são orientados quanto a vida daqueles dias (9.46-62).
 5. O Reino está próximo. Os discípulos voltaram entusiasmados. Algumas versões afirmam que eram 70 outras 72 discípulos.
 6. Parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37). Novamente aqui Jesus mostra o preconceito racial dos judeus, e destaca o serviço de um samaritano, desprezado por eles.
-

-
7. Nova jornada de Jesus e os discípulos (10.25-37).
 8. Jesus ensina os discípulos a orar (11.1-13).
 9. Milagres sucessivos (11.14-13.9).
 10. Jesus na sinagoga e a questão do sábado (13.10-17).
 11. Comparações com o Reino (13.18-21).
 12. A entrada no Reino (13.22-35).
 13. Jesus na casa de um dos fariseus. A questão do sábado e milagres (14.1-24).
 14. Parábolas (14.25-17.4).
 15. O pedido dos discípulos. A questão da fé (17.5-10).
 16. Jornada (17.11-19).
 17. A demanda dos fariseus (17.20).
 18. O reino está perto (17.20-24).
 19. Anúncio do sofrimento pela terceira vez (17.25).
 20. Jesus instrui os discípulos quanto ao futuro (17.26-18.20).
 21. Sofrimentos. Quarto aviso de Jesus (18.31-34).
 22. Milagres. O cego (18.25-43).

IX. O REINO – REJEITADO (19.1 A 22.38)

A) O quarto período do ministério de Jesus. O Reino é rejeitado.

Acompanhe, a seguir a dinâmica das últimas semanas de Jesus em Jerusalém. Observe que, em primeiro vem o “local” e, depois, o evento, ou acontecimento naquele local:

Local	Evento
Jericó para Jerusalém (19.1)	Chamamento de Zaqueu (19.2-10). No v 10 está a centralidade do ministério do Senhor
Perto de Jerusalém (19.11)	Parábola das minas (19.12-27)
Prosseguindo para Jerusalém (19.28,29)	A missão dos dois discípulos em busca de um jumentinho (19.29-35)
Monte das Oliveiras próximo a Jerusalém (19.36-37).	Progresso da jornada (19.37-44)
O templo em Jerusalém (19.45)	Purificação do templo (19.45-46)
Templo. Ensinando (19.47).	Conspiração (19.47-48)
Templo (20.1)	Confrontando os inimigos. Parábola dos lavradores maus e a questão da ressurreição com os saduceus (20.1-47)
Templo. Ofertório (21.1)	A oferta da viúva pobre (21.1-4).
Templo. Continuação (21.5)	O discurso profético (21.5-36)
Templo. Ensinando e a noite dormindo no monte das Oliveiras (21.37,38)	A última páscoa (22.1-38)

X. A AGONIA NO JARDIM (22.39-46)

A) Exortação à oração (22.39-40).

1. Afastando-se para orar sozinho (v 41).
2. Clamando ao Pai (vv. 41,42).

3. Ministração dos anjos (v 43).
4. Orando ao Pai (v 44).
5. Jesus volta para onde estão os discípulos (v 45).
6. Os discípulos são exortados a orar (v 46).

XI. O BATISMO DE SOFRIMENTO (MORTE, SEPULTAMENTO E RESSURREIÇÃO) (22.47 A 24.12)

A) Eventos ligados à morte de Jesus (22.47-23.49).

1. A conspiração começa (22.47-65).
 - a) Traição de Judas e prisão do Senhor (22.47-54).
 - b) Na casa do sumo sacerdote (v 54).
 - c) Pedro nega a Jesus (vv. 55-62).
2. Jesus é levado para ser julgado (22.66-23.23).
3. A sentença de Pilatos (23.24,25).
4. Conspiração realizada (23.33-49).

B) Sepultamento (23.50-56).

1. José de Arimatéia (23.50-52).
2. Guardando o corpo de Jesus (v 53). O fim do sábado.
3. As mulheres observam o local onde Jesus foi sepultado e preparam ungüentos para ungir o corpo de Jesus (23.55,56).

C) Ressurreição (24.1-12).

1. As mulheres retornam ao sepulcro (24.1).
2. Perplexidade (vv. 2-4).
3. O Senhor não está ali (vv. 4-6).

4. Não acreditaram nas palavras do Senhor (vv. 7,8).
5. As mulheres procuram os apóstolos (9,10).
6. Falam de sua perplexidade (v 10).
7. Não creram nas mulheres (v 11).
8. O Senhor não está no sepulcro (v 12).

XII. Os SUCESSORES (24.13-49)

A) A jornada para Emaús (24.13-22).

1. A caminho da vila de Emaús, pequena vila a dez quilômetros de Jerusalém. Conversavam sobre os últimos acontecimentos (24.13-16).
2. O Senhor Jesus instruiu os dois discípulos (24.17-27). Lucas menciona Cleópas como um dos discípulos, certamente um dos setenta do grupo maior.
3. O Senhor se revela aos dois (24.28-32).

B) O retorno dos discípulos para Jerusalém (24.33). Certamente esses dois discípulos caminharam naquele dia 20 quilômetros – ida e volta – porque tinham urgência em relatar que viram o Senhor aos demais discípulos.

Os discípulos estavam reunidos numa sala e comentavam que Jesus aparecera a Simão, quando apareceram Cleópas e seu amigo contando sua experiência.

C) Os Onze e os demais (23.33-49).

1. A reação dos onze discípulos (34-36).
2. A aparição de Jesus aos discípulos reunidos (36-43). Jesus lhes apresenta a prova de que havia ressuscitado. O corpo glorificado de Jesus é o tipo de corpo que os crentes terão na ressurreição dos mortos. Jesus comeu

peixe com os discípulos, e lhes mostrou seu corpo de carne (vv. 39-43).

3. A instrução e esclarecimento aos discípulos (vv. 44-49).

XIII. PÓS-MINISTERIAL. A ASCENSÃO (24.50-53)

A) Jesus os levou a Betânia (v 50).

1. Ali os abençoou.

2. Abençoava-os e subia para o céu simultaneamente (v 51).

3. Os discípulos adoraram a Deus (v 52).

4. A alegria que tomou conta dos discípulos.

Paulo, anos depois, menciona que cerca de quinhentos irmãos viram o Senhor Jesus ressuscitado de uma só vez, possivelmente nesta ocasião (1 Co 5-8).

CONCLUSÃO

O estudante deve ter notado a observação na introdução de que antes de estudar o livro de Lucas deveria ler o evangelho de uma só vez, o que deve ter facilitado o estudo deste livro conforme o esboço apresentado.

ATIVIDADES – LIÇÃO III

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Sabe-se pelos pais da igreja, que harmonizaram os evangelhos, que Lucas é o autor do evangelho que leva o seu nome e também o autor dos Atos dos Apóstolos, apesar de nenhum dos evangelistas ter posto seu nome nos livros.

Lição IV

O Evangelho Segundo João

O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

“Eis aí está o vosso Deus!” (Is 40.9)

INTRODUÇÃO

O aluno estudará agora o quarto evangelho, escrito por João, o apóstolo e, antes de se aprofundar no livro conhecerá a vida de João, o seu chamamento junto ao mar da Galiléia e seu ministério ao lado do Senhor Jesus. Optamos por trazer neste curso informações que não estão disponíveis no texto de João e buscamos nos melhores comentários, testemunhos, interpretações e informações a respeito do homem que era o mais íntimo de todos na relação pessoal com Jesus, nosso Senhor.

Diferentemente dos demais evangelhos, não seguiremos a ordem do livro, mas informaremos o estudante sobre temas importantes e exclusivos do quarto evangelho. Apenas na última parte, colocamos um esboço do livro para que o estudante, se assim o quiser, estude passo a passo este evangelho.

O evangelho de João é de fácil entendimento, porque o evangelista sempre liga algum fato que Jesus falou a determinadas profecias da Bíblia. Ex: Jo 7.39: “Isto ele disse com respeito...”. O capítulo mais difícil de ser entendido é o seis que requer estudo, pesquisa e iluminação espiritual para compreender como o Verbo vivo se tornou o Pão que desceu do céu, e de como o cristão pode “comer” da carne e do Pão que é Jesus.

Afora este capítulo de difícil compreensão, o evangelho de João é de fácil compreensão, por isso, sempre é bom recomendar a leitura deste evangelho aos principiantes na fé que queiram conhecer os caminhos do Senhor.

I. CONHECENDO O FILHO DE ZEBEDEU

Antes de conhecer o evangelho de João é preciso conhecer melhor o autor do livro, e as melhores referências sobre ele e seu irmão Tiago estão nos primeiros três evangelhos, já que João fala pouco de si mesmo em seu evangelho e em suas epístolas, apenas cita a si próprio no livro de Apocalipse (Ap 1.1,9). Seu nome nem é citado no final do evangelho de João, mas mencionado como “os dois filhos de Zebedeu” (21.2).

Os filhos de Zebedeu são citados em três passagens dos evangelhos sinóticos e o chamamento dos dois se encontra em Marcos 1.16-20; Mateus 4.18-22 e Lucas 5.1 e ss. Depois de chamar André e Simão, Jesus continuou pela praia e se deparou com João e Tiago consertando as redes em seu barco, juntamente com o pai e os empregados. Respondem ao convite de Jesus imediatamente deixando o pai e os empregados no barco, e partem com Jesus. Os relatos de Mateus e Marcos são idênticos, com a exceção de que Marcos cita os empregados, uma característica desnecessária para alguns.

Nesses relatos o chamamento dos quatro discípulos é o primeiro acontecimento registrado depois do início do ministério de Jesus, seguido de sua ida a Cafarnaum e o ensino na sinagoga. Lucas registra esses acontecimentos como ocorrendo mais tarde, depois dos eventos em Nazaré e Cafarnaum. Esses detalhes, contudo, não carecem de

aprofundamento por parte do estudante, a menos que queira se deter em longas pesquisas de autores que trataram do assunto no passado (Uma explicação detalhada encontramos em *Dictionary of the Apostolic Church*, Scribners, Vol. I p 626).

O horário registrado pelo apóstolo indica que a tarde chegava ao fim (v 39), às quatro da tarde (pelo horário dos judeus que começava às seis da manhã como a primeira hora).

A) OS FILHOS DE ZEBEDEU ACOMPANHANDO O MINISTÉRIO DE JESUS

Filho de Zebedeu, João provavelmente morava em Betsaida, na Galiléia e ajudava seu pai na indústria da pesca. A mãe de João se chamava Salomé e tudo indica que era uma das mulheres que serviu a Jesus durante os seus anos de ministério, cf. Lucas 8.1-3; Mt 27.56 e Mc 15.40.

No dia seguinte ao encontro com Jesus, João o acompanhou até a Galiléia e estava com Jesus na festa de casamento em Caná (Jo 2.1-11). Dali seguiram para Cafarnaum, quem sabe preparando-se para subirem a Jerusalém para a festa da páscoa. Foi nesta primeira páscoa em Jerusalém que Jesus fez a purificação do templo, realizou “sinais” (2.11, 23) e conversou com Nicodemos (2.13-3.21).

Jerusalém não estava preparada para o que Jesus pretendia fazer, por isso ele se retirou para a região da Judéia instando o povo ao batismo de arrependimento como João fazia (3.23-30).

João esteve durante esses sete meses com Jesus pela Judéia e, sem dúvida ajudava Jesus a batizar as pessoas – se bem que o próprio Jesus não batizava (4.1-2). Depois deste tempo Jesus retornou para a Galiléia passando por Samaria e no caminho se encontrou com a mulher junto ao poço, cena tão-bem descrita pelo evangelista (4.1-42).

Dali Jesus retornou outra vez a Caná, onde curou o filho do oficial do rei (Jo 4.46-54; Mc 1.14; Jo 1.35; Jo 3.24). Por algum tempo João se sentiu em casa e deve ter voltado à atividade da pesca. No entanto, a prisão de João Batista serviu de sinal para que Jesus se lançasse com mais ousadia em sua missão e apareceu à beira-mar convocando definitivamente esses homens que já o conheciam e que lhe haviam prestado ajuda (Mc 1.16-20; Mt 4.18-22; Lc 5.1-11).

A partir daí João entrou no segundo estágio do discipulado que o prepararia para a longa missão apostólica.

Os registros de eventos mostrando Jesus realizando milagres e pregando nas aldeias e cidades da Galiléia são os registros deste treinamento (Veja Marcos 1.21 a 2.22). Mais tarde quando João foi escolhido para o apostolado (Mc 3.13-19; Mt 10.2-4 e Lc 6.12-19), apenas foi confirmado para o cargo que exercia anteriormente, ditando definitivamente sua missão. Nesta ocasião Jesus chamou a João e seu irmão Boanerges (Mc 3.17).

A partir de então a experiência dos Doze era comum, mas vale à pena destacar aquelas em que João e mais dois discípulos estavam com Jesus.

1. Com Pedro e Tiago, estava presente na ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.37; Lc 8.51).
2. Esses três estavam com Jesus no monte da Transfiguração (Mc 9.2; Mt 17.1 e Lc 9.28).
3. Foi João quem disse: “Mestre, vimos certo homem que, em teu nome, expelia demônios e lho proibimos, porque não segue conosco” (Mc 9.38 e Lc 9.49).
4. Ele e Tiago quiseram fazer descer fogo do céu sobre uma aldeia de samaritanos que não quis receber Jesus (Lc 9.54).

-
5. A ambição de querer sentar-se ao lado de Cristo em seu reino é de João (Mc 10.35-37; Mt 20.21). Mateus fala que a mãe deles pediu esse favor a Jesus.
 6. João e os outros dois tomaram a iniciativa de perguntar a Jesus sobre o final dos tempos (Mc 13.3).
 7. Ele e Pedro foram enviados para preparar a última ceia (Lc 22.8).
 8. Na ceia é ele que se reclina em Jesus e pergunta quem é o traidor (Jo 13.23-25).
 9. No jardim do Getsêmani estava com Pedro e Tiago próximo do Senhor (Mc 14.33; Mt 26.37).
 10. Fugiu com os demais discípulos na hora em que Jesus foi preso (Mt 26.56), mas logo se recuperou do susto e seguiu Jesus até a casa do sumo sacerdote (Jo 18.15).
 11. Sendo conhecido do sumo sacerdote foi-lhe permitido entrar para o pátio com Pedro (v 16).
 12. Fiel até o último dia acompanhou Jesus até o Calvário. Próximo à cruz Jesus o viu e lhe recomendou que cuidasse de sua mãe (Jo 19.26-27).
 13. Na manhã da ressurreição Maria Madalena avisou a João e a Pedro que o sepulcro estava vazio, e os dois correram para o local onde Jesus estava sepultado (Jo 20.2-3). João foi mais rápido que Pedro!
 14. Quando Jesus apareceu a seus discípulos na Galiléia os filhos de Zebedeu têm especial destaque (Jo 21.2-7).
 15. Depois, no encerramento de seu evangelho o registro de que ele não morreria tão cedo é correto, pois João viveu até perto dos cem anos de idade (Jo 21.22-23).
-

- 16.** Sabe-se que é João, porque no fim de seu evangelho ele diz: “Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro” (Jo 21.24).
- 17.** Depois ouve-se pouco de João e ele é pouco mencionado no livro de Atos em que aparece na companhia de Pedro (At 3.1); a prisão dele e de Pedro (At 4.1-3), e anos depois (cerca de onze anos depois de Pentecostes, dizem alguns comentaristas) quando ele e Pedro foram a Samaria orar pelos convertidos no ministério de Felipe para que recebessem o Espírito Santo (At 8.14-15). Lá pelo ano 50 ele é visto em Jerusalém quando Paulo visita os apóstolos para discutir a questão da conversão dos gentios ao evangelho (Gl 2.9).
- 18.** A próxima menção dele é em Apocalipse 1.4-9.

II. O TESTEMUNHO DA TRADIÇÃO

A) A respeito de haver residido em Éfeso. Do tempo em que se encontrou com Paulo em Jerusalém até sua permanência em Éfeso pouco se sabe. Nicéforo, citado por Eusébio em História Eclesiástica afirma que Maria viveu com João em Jerusalém por onze anos depois da morte do Senhor.

A tradição diz que a residência de João era na Galiléia (Jo 19.27), e que depois do Pentecostes mudou-se para Jerusalém, motivo pelo qual possivelmente esteve presente na primeira visita de Paulo a Jerusalém. Anos depois quando a cidade de Jerusalém estava sob ameaça de destruição os cristãos fugiram para Pela em 68 d.C. (História Eclesiástica de Eusébio Livro III cap. 5 – CPAD). É possível que João tenha ido para Éfeso pela importância geográfica e comercial da cidade

para as atividades missionárias, porque neste tempo o centro religioso da igreja era Éfeso. (Antes era Jerusalém, depois Antioquia).

Os pais apostólicos Irineu, Polícrato e Clemente de Alexandria falam dessa residência de João em Éfeso. O testemunho de Irineu:

“... João, o discípulo de Cristo que se inclinava em seu seio, publicou seu evangelho enquanto residia em Éfeso. Policarpo não apenas foi instruído pelos apóstolos e teve encontros com muitos que viram o Senhor Jesus, mas foi estabelecido pelos apóstolos como bispo da igreja de Esmirna, na Ásia. ‘Nós conhecemos Policarpo quando éramos jovens, porque ele viveu muitos anos, morrendo bastante velho, martirizado de maneira heróica, e sempre ensinando o que aprendera dos apóstolos’. A igreja de Éfeso começada por Paulo, na qual João viveu até a época de Trajano (98-117 d.C.), ‘é testemunha da tradição apostólica’. Numa carta a Florino, parte da qual foi preservada por Eusébio, Irineu fala de sua lembrança de Policarpo... discípulo de João” (Citado em Dictionary of Christ and the Gospels, Vol. I à p 867 (tradução do autor)).

B) A respeito do exílio de João em Patmos. É ideia comum que João foi exilado à força em Patmos, mas não existe comprovação histórica no testemunho dos pais da igreja. O melhor registro que se tem é o do próprio João no Apocalipse, afirmando que estava em Patmos “por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus”, o que não implica afirmar estar ali por ser perseguido, mas por estar anunciando o evangelho. Vale a pena transcrever aqui o que afirma James Hastings: “As referências que mencionam a presença de João em Patmos são numerosas nas citações dos pais apostólicos e começam com Clemente de Alexandria (190 d.C.). Tertuliano, Orígenes, Eusébio, Epifânio e Jerônimo citam este fato, mas

não concordam entre si quanto a época. Epifânio afirma que o exílio se deu na época de Cláudio e Jerônimo afirma ter sido sob o reino de Domiciano”

“Se João estava em Patmos isto significa que ele decidiu sair de Éfeso e ir além, quem sabe para pregar o evangelho ou fugir da perseguição”.

C) A respeito da morte de João. Conforme o testemunho de Irineu (que conheceu Policarpo discípulo de João), João permaneceu com seus discípulos na Ásia até o tempo do imperador Trajano. É tido que morreu bastante velho e tranquilamente na cidade de Éfeso.

Sabe-se pelo Apocalipse que João estava lúcido e ativo o que lhe permitiu registrar cada palavra de Jesus às igrejas da Ásia e relatar cada detalhe de sua visão do céu.

Agora que o estudante viu um pouco sobre a historicidade de João, é conveniente conhecer um pouco do quarto evangelho.

III. PROPÓSITO DO EVANGELHO

O propósito principal do evangelho de João é apresentar o Senhor Jesus como Deus. Esta peculiaridade faz que o evangelho de João seja diferente dos outros três. O estudante pôde observar que os três primeiros evangelhos apresentam Jesus como Rei de Israel (Mateus); o servo de Deus (Marcos); e o homem ideal (Lucas); e que palavras e acontecimentos foram colocados em cada livro conforme a característica de cada um deles.

O propósito do Espírito Santo através de João em sua apresentação do Messias é o de anunciar “Eis aí está o vosso Deus”, e sua deidade pode ser observada através deste

evangelho em citações que o apresentam como Filho de Deus (Veja Jo 1.3,14,33,34,49; 3.13,14; 5.23,26; 6.51,62; 8.58; 13.33 e etc.). Esta ênfase se encontra na primeira e na última referência (1.1 e 20.28,31). O mesmo propósito e objetivo são vistos na apresentação do Senhor como tendo atributos de onisciência. Isto não é completamente ausente nos outros evangelhos, mas ele prevalece no quarto evangelho. E é apresentado com muito mais referências.

Jesus é apresentado nos primeiros três evangelhos em sua humanidade perfeita. Este fato conecta os três livros, e é a razão de serem chamados sinóticos, o que os diferencia do evangelho de João.

Os acontecimentos registrados por João e também pelos demais evangelistas são estes:

1. O ministério de João Batista;
2. A última ceia;
3. A unção em Betânia;
4. A Páscoa;
5. A ressurreição;
6. Os dois milagres da multiplicação de pães; e
7. Jesus caminhando sobre o mar.

Todos estes relatos estão nos quatro evangelhos.

Nos demais evangelhos os milagres são chamados de “obras poderosas”, enquanto em João são chamados de “sinais”, porque foram registrados não pelos acontecimentos em si mesmos, mas pelo número deles e seus significados. E o ministério é focado maiormente em Jerusalém e na Judéia, e não na Galiléia. Por isso a presença de Jesus nas festas em

Jerusalém têm menção especial (2.13-3.21; 5.1; 7.10; 10.22; 11.55 etc.), enquanto o ministério de Jesus na Galiléia é mencionado, mas não descrito (6.1; 7.1; 10.40).

Essas diferenças existem, não pelas condições religiosas da época, mas pela apresentação do Senhor Jesus Cristo.

Em João a Pessoa do Senhor Jesus é apresentada, e não suas obras.

A) AUTOR: João, apóstolo.

A maioria dos comentaristas concorda que, de fato, o “discípulo amado” é o autor do quarto evangelho (Jo 13.23; 19.26; 20.2; 21.7,20,24). O autor conhecia bem os costumes judaicos (1.20,21; 7.40-42), a rivalidade entre judeus e samaritanos (4.9), a circuncisão ao oitavo dia como sendo mais importante do que a proibição de se trabalhar nos sábados (7.22). Conhecia a geografia da Palestina (1.18 – 4 km) e mencionado Caná que nenhum dos outros evangelistas menciona (2.1; 21.2).

B) DATAÇÃO:

Alguns comentaristas datam o livro ao redor do ano 85 d.C., mas pesquisadores mais recentes discordam, do contrário João teria mencionado o cumprimento da profecia da destruição de Jerusalém que ocorreu no ano 70 d.C., por Vespasiano e Tito. Por isso a data mais aceita seria depois dos anos 50 e não depois dos anos 70. Por exemplo, João sempre menciona que determinada palavra de Jesus foi dita para cumprimento de outra. Ex Jo 7.38-39; 17.12; 18.32.

Vários documentos antigos, tanto os aceitos pelos primeiros cristãos como os agnósticos falam do quarto

evangelho e o citam, inclusive Teófilo de Antioquia (181 d.C.) bem como Taciano, aluno de Justino Mártir, Cláudio Apolinário (bispo de Hierápolis) e Antenágoro, citam o quarto evangelho.

C) PECULIARIDADES NO USO DE PALAVRAS GREGAS.

A mensagem de João é mais atraente aos gregos, porque, ao falar de Verbo usa termos comuns aos filósofos gregos que falavam do verbo ou da palavra que teria dado início a tudo.

Nesta ligação, a apresentação do Senhor como Deus, requer palavras especiais as quais não são necessárias e não são encontradas nos demais evangelhos.

João usa mais palavras sobre um mesmo assunto do que os demais evangelistas.

As características das palavras usadas e a quantidade delas podem ser vistas no quadro abaixo.

O NUMERO DAS OCORRÊNCIAS				
As palavras características são:	Mt	Mc	Lc	Jo
Acabar = teleioō	-	-	2	19
Amar (Verbo) = agapaō	7	5	13	37
Amar (Verbo) = philēō	5	2	2	13
Amor (subst.) = agapē	1	-	1	7
Carne = sarx	5	4	2	13
Conhecer = ginōskō	20	13	28	56
Crer; Fé = pistēuō	11	15	9	99
Dar a sua vida	-	-	-	6
Dar vida a = zōopoieō	7	4	6	36
Enviar = pempō	4	1	10	33
Glória = doxa	8	3	13	19

Glorificar = doxazō	4	1	9	23
Habitar = menō	3	2	7	41
Judeus = loudaioi (incluindo Marcos 1.5 e João 3.22)	5	7	5	71
Juízo ou julgamento = krinō	6	-	6	19
Conhecer/Saber = oida	18	13	41	71
Luz = phōs	7	1	6	23
Meu Pai, usado pelo Senhor	14	--	4	35
Mundo = kosmos	9	3	3	79
Ó Pai = ho Patēr (usado sobre Deus).	44	5	17	121
Obra = pl. de ergon	5	2	2	27
Parábola = paroimia	-	-	-	4
Sinais = sēmeion	13	7	11	17
Testemunha = martureō	1	-	2	33
Testemunha = marturia	-	3	1	14
Verdade = alētheia	1	3	3	25
Verdadeiramente = alēthos	3	2	3	10
Verdadeiramente, verdadeiramente	-	-	-	25
Verdadeiro = alēthēs (fiel)	1	1	-	13
Verdadeiro = alēthinos (genuíno)				
Vida = zōē	7	4	6	36
Viver = zāo	-	-	-	3

Fonte: Companion Bible p 1511.

Não é apenas o uso de certas palavras que caracterizam esta apresentação especial do Senhor, mas a ausência de outras é também instrutiva. Em Mateus e Lucas Jesus é sempre citado como “Senhor”, o que não ocorre com frequência em Marcos, pois neste Jesus é sempre apresentado como o servo do Senhor.

Em João o Senhor não é apresentado orando ao Pai como nos demais evangelhos, mas sempre falando e se dirigindo diretamente ao Pai.

Esta é a característica principal do quarto evangelho, harmonizado com seu propósito. Por outro lado, orar é requerido da parte de um rei (como em Mateus), como parte de sua autoridade delegada.

D) DE TODAS AS PALAVRAS ACIMA VALE DESTACAR ALGUMAS:

1. Vida (Zoé). É apresentada aqui em relação ao Logos, a palavra. A vida estava no Logos. LOGOS era uma palavra muito conhecida pela filosofia de Platão e segundo este o logos era a expressão pela qual o homem poderia tornar-se perfeito e sábio. Através do logos, o homem ultrapassa os limites racionais, as barreiras éticas e sociais e se relaciona com o mundo físico e metafísico. O logos de Platão elevaria o homem a uma nova dimensão.

João usa a palavra Logos – palavra comum aos gregos – talvez por residir entre eles em Éfeso e ouvir constantemente sobre a filosofia deles. O logos é o princípio vital do qual todas as vidas procedem da vida. Em resumo, o logos como vida é um princípio cósmico e toda a vida procede do Pai e do Filho. “A vida estava nele” (Jo 1.4).

A ideia de que todas as coisas pré-existiram na mente de Deus fazia parte da cultura religiosa dos judeus, mas João apresenta um enfoque mais grego, indicando que as coisas da vida procedem, não importa a realidade, de uma esfera mais elevada e real além do tempo e local. É nesse mesmo tom que a vida é mencionada. Em João 6.33-56 Cristo se declara o pão que desceu do céu para dar vida ao mundo. A ideia de vida permeia o Evangelho (Jo 10.10; 11.25; 14.6; 17.3 etc.). Assim, a vida não é algo escatológico, mas presente, porque quem nele crê tem a vida eterna (Jo 3.36; 5.24).

2. Verdade (Aletéia). O uso que João faz desta palavra não tem paralelo nos sinóticos, mas é uma palavra usada

pelos apóstolos Tiago, Pedro e Paulo em suas epístolas. A verdade começa a ser citada em Jo 1.17; 8.32; 14.6; 16.13; 17.7 etc..

3. Testemunho (Marturia – martírio). Outra palavra ligada à verdade é testemunho. Esta é uma ideia prevalecente especialmente no início do Evangelho, porque cada evento na história e cada experiência tem valor quando se dá testemunho da verdade (Jo 5.31 – ver ainda: 15.26 cf. 1 Jo 5.6).

4. Luz (Phos). É na 1ª epístola que João afirma que Cristo é a luz (1 Jo 1.5). O que confere com sua epístola (Jo 1.4-5). Em linguagem moderna isto quer dizer que esta é a natureza de Deus para se comunicar com o homem.

5. Glória. A luz converge para um ponto e brilha como glória – outra palavra interessante. Cristo estava na glória com o Pai antes do mundo existir (17.5). Ele encarnou para glorificar o Pai na terra (17.5), e portanto foi também glorificado (13.31; 14.13).

6. Julgamento (krisis). Assim como na criação Deus separou a luz das trevas, na encarnação a humanidade é separada, condenando aqueles que não querem receber a luz. Este é o julgamento (Jo 3.19).

7. Mundo (cosmos). É interessante que João sempre fala do mundo como kosmos, usando uma palavra grega, enquanto nos sinóticos várias vezes a palavra para mundo é aramaica “aion”. Os gregos conseguiam captar melhor a mensagem com “kosmos”, que lhes dava a idéia de espaço, já para os judeus, “aion” apresentava a forma de tempo. A palavra “mundo” é a somatória de tudo o que existe. As coisas “de baixo”, como opostas das coisas celestiais (Jo 8.23).

O conceito é abstrato, sem existência, porque o mundo é sustentado pelo Logos, que não é deste mundo. Pela encarnação Cristo entrou no mundo, e estará nele até a morte e ressurreição.

8. Crer (Pisteuo). A palavra crer é a mesma que fé, porque no grego *fé* pode ser substantivo e verbo, enquanto que no português é somente substantivo. Na maioria dos textos o estudante se depara com “crer” e suas variações sem entender que na realidade a palavra foi usada no latim para substituir a palavra fé (Jo 1.12; 6.40 etc.).

Para um entendimento desta palavra, sugerimos ao aluno que leia e opine sobre o tema escrito pelo teólogo e filósofo brasileiro Huberto Rhoden sobre Paulo e a fé:

Sendo que as epístolas de Paulo de Tarso foram escritas em língua grega, a palavra fé (*fides* em latim) aparece como *pistis*, cujo verbo é *pisteuein*. Infelizmente, não existe em latim um verbo derivado do substantivo *fides*, e assim, os tradutores latinos se viram obrigados a recorrer a um verbo de outro radical para designar o ato de “ter fé”. Este verbo latino vem do radical *credere*, que em português deu “crer”.

Mas o sentido de “crer” não coincide com o de “ter fé”. “Crer” designa algo vago, incerto, nebuloso, ao passo que ter fé, *fides*, é ter fidelidade, estar harmonizado, sintonizado. *Pisteuein*, ter fé, designa um estado de alta fidelidade ou harmonização entre a alma humana e o espírito de Deus – que é a idéia do ajustamento. Neste sentido, é exata a expressão “o justo vive de fé”, mas não no sentido de “crer”. “Quem crer será salvo, quem não crer será

condenado”, isto é absurdo e blasmo, se traduzirmos *pisteuein* por “crer”, como é de praxe. Mas é razoável se dissermos “quem tem fé”, ou fidelidade, porque o ajustamento é a salvação.

Além disto, a palavra grega *dikaio syne*, em latim, *justitia* não coincide com a nossa palavra justiça, nem a palavra *justificatio* equivale a “justificação”, que, em nossa língua, representam um processo meramente legal ou social. *Justificatio* é o ato de estabelecer uma atitude de justeza ou correto ajustamento entre o homem e Deus.

O equívoco sobre “ter fé”, e “crer”, a confusão entre “justificação” e “ajustamento” originaram uma verdadeira tragédia espiritual através dos séculos.

Aqui se verificou mais uma vez que “a letra mata, mas o espírito dá vida”; a tradução literal matou o sentido espiritual.

(Texto extraído do livro *Paulo de Tarso*, de Huberto Rohden, Editora Martin-Claret, página 262. A melhor biografia sobre Paulo, o apóstolo).

9. Amar (agapao – como verbo; e ágape, subst.). Este é o novo mandamento (Jo 13.34). Amor é a cola ou grude que une o Filho ao Pai, os discípulos ao Filho, e os discípulos uns com os outros (Jo 15.9).

IV. OS MILAGRES REGISTRADOS POR JOÃO

Como observado anteriormente, João dá nome aos milagres de “sinais” (semeion). Sinais, na linguagem de João apontavam sempre para Cristo e não para os milagres em si.

Um sinal é indicativo de que uma coisa concreta existe, e Cristo era a “coisa concreta” em que deviam crer, e não nos milagres. Quando as pessoas dizem “eu creio em milagres” referem-se aos acontecimentos sobrenaturais; quando João fala de “sinais” aponta para o Senhor como fonte de tudo.

Alguns episódios merecem um comentário à parte. O encontro de Jesus com a mulher samaritana e o discurso de Jesus depois de realizar a multiplicação dos pães. Os demais evangelistas falam apenas do milagre, enquanto João comenta o verdadeiro sentido daquele “sinal”.

A) JOÃO 4 E A MULHER SAMARITANA (Jo 4.1-42).

O texto de João 4 está estreitamente ligado ao capítulo 6, porque no capítulo 4 Jesus fala em beber da água que ele dará e no cap. 6 em comer do pão que é sua carne.

É junto a fonte de Jacó (4.6) que se dá o diálogo de Jesus com a mulher samaritana. Note que Jesus estava só, descansando, quando a mulher foi buscar água (v 6). Era meio-dia, a hora sexta. O estudante tem diante de si três questões: Por que os judeus não se davam com os samaritanos, o conceito de que em Samaria era o lugar de adoração, e o que significa a água que Jesus oferece. Dois conceitos são históricos e um espiritual.

1. A briga histórica entre judeus e samaritanos. Os samaritanos eram também israelitas, mas rejeitados por estes porque a raça havia se mesclado por ocasião da invasão do reino da Assíria. Salmaneser, rei da Assíria invadiu o território do norte e levou cativo para a Assíria. A história deste episódio pode ser lida em 2 Reis 17.3-41. O rei da Assíria fez uma troca de população, comuns aos reis e ditadores e enviou para habitar em Samaria gente de seu país. A partir daí houve uma mistura de raça e de culto, e os israelitas passaram a desprezar os habitantes de Samaria.

O aluno pode ver este fato também em Esdras (4.1-2) e Neemias (4.1-2). Portanto, nos dias de Jesus os samaritanos eram desprezados pelos judeus que não os aceitavam como sendo da mesma raça. Jesus conversou com uma mulher samaritana e isto implicava ir contra a cultura da época e em quebrar o código religioso e de ética dos israelitas.

2. Conceito errado de que para se adorar a Deus deve-se ir a um local ou lugar. Esta ideia errada que os samaritanos e os judeus tinham de que para adorar a Deus era preciso ir a Sicar ou a Jerusalém persiste nos dias de hoje, apesar do ensinamento de Jesus e do conceito de igreja apresentado pelos apóstolos nas epístolas.

Em resposta à pergunta da mulher (4.20), Jesus disse: “Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (VV. 23-24).

O que significa que adoração é estilo de vida, de devoção, de santidade e de compromisso com Deus e não é necessário música ou cânticos.

Estes podem servir na adoração, mas não se precisa de cânticos ou de música para adorar ao Pai, porque adoração é vida, e estilo de vida não se recebe por um toque ou um milagre, mas por compromisso com os mandamentos de Deus.

Achar que para adorar a Deus deve-se ir ao culto da igreja ou ao templo é ignorar o verdadeiro sentido do que Jesus quis dizer. O culto é o encontro dos irmãos para o serviço a Deus, a adoração é sempre individual, nunca coletiva.

3. A água que Jesus oferece é ele mesmo. No NT a água pode se referir à purificação pelo batismo, e a vida que emana da Rocha. Ao falar sobre “rios de água viva” em Jo 7.37-39 Jesus se referia ao Espírito Santo, mas em Jo 4 se referiu a si próprio como Salvador. Veja Efésios 5.26; Hb 10.22; 1 Pe 3.20; 1 Jo 5.8. Paulo comparou Jesus à Rocha da qual saiu água no deserto (1 Co 10.4).

B) A CARNE DE JESUS DE JOÃO 6.22-66.

Depois da multiplicação dos pães, João é o único que acrescenta um discurso de Jesus proferido no dia seguinte (Jo 6.22). O povo, no dia seguinte ao da multiplicação voltou ao local à procura de Jesus, na realidade, de mais comida.

Por isso, tomando barcos o povo atravessou para o outro lado do lago Galiléia e perguntou a Jesus: “Mestre, quando chegaste aqui?” (Jo 6.25).

A partir desta pergunta o texto descreve a resposta de Jesus e a reação do povo, e dois tópicos serviram de murmuração. A afirmativa de Jesus dizendo “Eu sou o pão que desceu do céu” (v 41) e “como pode este dar-nos a comer a sua própria carne?”.

Jesus, então explicou que, assim como o Maná desceu do céu, ele é o Maná espiritual, o pão que desceu do céu, e aquele que comer da sua carne e do seu sangue terá parte com ele (vv.48-58).

Esta explicação não foi dada à beira-mar, mas na sinagoga de Cafarnaum (v 59). Devido a este ensinamento de Jesus existem três posicionamentos doutrinários quanto a participação da carne e do sangue de Jesus. Os católicos romanos criaram a doutrina de que ao consagrar o vinho e o pão, estes elementos se tornam, naquele momento, o sangue literal e a carne literal de Jesus.

Trata-se da transubstanciação que o catolicismo impôs, e, durante séculos a igreja condenou à fogueira todos os que discordavam desta doutrina. O estudante pode ler mais a respeito no livro de John Foxe, O Livro dos Mártires, escrito ao redor de 1590. Para os católicos, o poder da transformação reside apenas na missa e só pode ser feito por um sacerdote romano.

Lutero discordou do catolicismo e criou a consubstanciação, doutrina em que a Presença de Cristo está nos elementos, vinho e pão. Quando se consagram os elementos eles não se transformam em carne e sangue, mas contêm a Presença de Cristo, e no outro extremo, os que tomam a ceia apenas como um memorial religioso. As três doutrinas têm seus excessos. A doutrina da transubstanciação é inaceitável; a consubstanciação não é aceita pela igreja pentecostal, e tomar a ceia apenas como memorial pode levar a pessoa a fazer parte apenas de uma liturgia, sem sentido algum, em que se come do pão e se bebe do vinho apenas como um quesito ou apêndice do culto. Como disse a esposa de um obreiro, a ceia é só um detalhe do culto.

O estudante deve pensar, então: Como a carne e o sangue de Cristo podem ser comidas? Vivendo-se a vida de Cristo, morrendo a vida de Cristo e ressuscitando a vida de Cristo, isto é, total comprometimento com o Salvador em todas as demandas do Reino, sem exceções. Cristo passa a ser o Supremo-bem acima de todas as coisas, e por ele o discípulo morre, sem jamais negá-lo. Por isso, na igreja, o pão e o vinho eram distribuídos nos lares e não era preciso um ritual de consagração dos elementos; mas um rito de compromisso e declaração de fé.

Esses dois pontos careciam de uma explicação maior. O restante pode ser visto no encerramento do livro de João:

“Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (Jo 21.24-25).

Um esboço do livro facilitará ao aluno um estudo mais aprofundado deste livro.

V. ESBOÇO DO LIVRO DE JOÃO

I. Introdução (1.1-18).

II. Início do ministério de Jesus (1.19-51).

A. O ministério do seu precursos (1.19-34).

B. Jesus fica conhecendo alguns dos futuros discípulos (1.35-51).

III. O ministério público de Jesus: sinais e discursos (2-11).

A. A transformação da água em vinho (2.1-11).

B. A purificação do templo (2.12-25).

C. A entrevista com Nicodemos (3.1-21).

D. O ministério paralelo com João Batista (3.22-4.3).

E. Viagem por Samaria. A mulher junto ao poço (4.4-42).

F. A cura do filho do oficial (4.43-54).

G. Visita a Jerusalém para uma festa anual (cap. 5).

H. A multiplicação de pães para 5 mil e o sermão sobre o pão da vida (cap.6).

I. Jesus na festa das Cabanas ou Tabernáculos (Caps. 7-8).

J. A cura do cego de nascença (9).

- L. Parábola do bom pastor (10.1-21).
 - M. Debate na festa da Dedicação (10.22-39).
 - N. O ministério na Peréia (10.40-42).
 - O. A ressurreição de Lázaro (11).
- IV. A semana da paixão (12-19).
- A. A unção dos pés de Jesus (12.1-11).
 - B. A entrada triunfal (12.12-19).
 - C. A chegada dos gregos (12.20-36).
 - D. A incredulidade dos judeus (12.37-50).
 - E. Os discursos de despedida (13-17).
 - 1. Discurso da última ceia (13-14).
 - 2. Discurso a caminho do Getsêmani (15-16).
 - 3. A oração intercessória de Jesus (17).
 - F. Jesus é traído e preso (18.1-12).
 - G. Os julgamentos de Jesus (18.13-19.15).
 - H. A crucificação e o sepultamento (19.16-42).
- V. A ressurreição (20.1-29).
- VI. Declaração de propósito (20.30-31).
- VII. Conclusão (cap. 21).

ATIVIDADES – LIÇÃO IV

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Filho de Zebedeu, João provavelmente morava em Betsaida, na Galiléia e ajudava seu pai na indústria gráfica.

- 2) ☐ No dia seguinte ao encontro com Jesus, João o acompanhou até a Galiléia e estava com Jesus na festa de casamento em Caná (Jo 2.1-11).
- 3) ☐ É ideia comum que João foi exilado à força em Patmos, mas não existe comprovação histórica no testemunho dos pais da igreja.
- 4) ☐ O propósito do Espírito Santo através de João em sua apresentação do Messias é o de anunciar “Eis aí está o vosso Deus”.
- 5) ☐ Jesus é apresentado nos primeiros três evangelhos em sua humanidade perfeita. Este fato conecta os três livros, e é a razão de serem chamados sinóticos, o que os diferencia do evangelho de João.
- 6) ☐ Palavra ligada à verdade é testemunho.

Anotações:

[illegible]

Lição V

O Livro de Atos dos Apóstolos

O LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS

INTRODUÇÃO

O livro cobre um período histórico de 33 anos que vai de 29 d.C. a 62 d.C. abrangendo o tempo dos imperadores Tibério, Calígula, Cláudio e Nero (veja no apêndice III o quadro cronológico de datas). A narrativa começa com a ascensão de Cristo e termina com a primeira prisão de Paulo na cidade de Roma.

O livro de Atos mostra a igreja emergente ainda se estabelecendo na terra, buscando conhecer o propósito de sua existência; o conteúdo de sua doutrina e, por isso, o estudante, ao ler o livro se depara com conceitos mesclados de uma busca pela doutrina correta em cada acontecimento histórico. São relatos dos acontecimentos que se seguiram à ascensão de Jesus, os dez dias de espera no cenáculo, a descida do Espírito Santo, o início da igreja, as perseguições, a fuga do povo cristão de Jerusalém e a mensagem do evangelho levada pelos fugitivos a outras cidades. A morte de Herodes, a conversão de Saulo, a importância da igreja de Antioquia e as viagens missionárias merecem destaque.

Alguns acreditam que o livro de Atos não pode ser usado como base doutrinária, porque o que se experimentava naqueles dias era um mover do Espírito visando o estabelecimento da igreja em todo o mundo conhecido da época, e que o ensinamento ou doutrina saíram da pena e do pastoreio dos apóstolos, conforme mencionado nas epístolas.

Conduziremos o aluno por uma senda didática e prática, esclarecendo as informações mais obscuras e trazendo comentários sobre fatos que precisam ser esclarecidos. Em alguns trechos será necessário comentar versículo por versículo, enquanto noutros basta-se ver o texto como um todo.

O TÍTULO

Ao que parece, quando o autor escreveu o livro teria colocado como título apenas *praxeis*, ou prática, **Atos**, como aparece no código sinaítico.

A AUTORIA

Não se pode negar sua autoria a Lucas “o médico amado” (Cl 4.14). As antigas tradições confirmam isto. Eusébio (ao redor do ano 330 d.C.), em *História Eclesiástica*, diz: “Lucas... o médico, nos deixou dois livros inspirados... um dos livros é o evangelho... O outro é o Atos dos Apóstolos que ele escreveu, não tanto pelo que ele ouviu dos demais, mas do que ele mesmo presenciou” (Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*, Livro 3, capítulo 4, CPAD, p 80).

O livro tem a mesma apresentação do Evangelho de Lucas (At 1.1 c/ Lc 1.3), porque foi escrito para um amigo de nome Teófilo, e recomeça a história a partir do relato do terceiro evangelho, com detalhes da ascensão de Jesus. O livro de Atos continua também o relato de Marcos 16 e registra a descida do Espírito Santo conforme predita por Jesus (Lc 24.49).

A escritora Taylor Caldwell, autora de *Um Glorioso Médico* ^{NA} que romanceia a vida de Lucas, afirma que ela e seu

^{NA} O livro vem sendo relançado com o título *Médico de Almas*. A edição que utilizamos aqui é de 1978, da Editora Hemus.

esposo leram mais de mil livros examinaram documentos sobre Lucas, do tempo em que ele viveu. Concluiu ela que Lucas era filho de um escravo alforriado em Roma. Teria se formado em medicina pela Universidade de Alexandria no Egito, a mais avançada daquele tempo.

Como Paulo, Lucas teve uma revelação pessoal de Jesus Cristo, sem conhecer o evangelho. Um ano depois da morte de Jesus teria ido a Israel para ouvir diretamente dos apóstolos e da mãe de Jesus os relatos que colocou em ordem no seu evangelho.

Anos depois saiu ao encontro de Paulo e o encontrou em Trôade. Dalí em diante os registros de Atos passam a ser na primeira pessoa do plural, “nós” (At 16.10).

Em momento algum Lucas se refere a si mesmo, mas o “nós” a partir do capítulo 16.10-17 indica a presença dele na equipe apostólica (20.5-15; 21.1-18; 27.1-28.16).

O PROPÓSITO DE TODA A NARRATIVA

Está claro que o escritor não quis colorir a história, e dá aos acontecimentos sua interpretação dos fatos. Isto fica evidente por sua declaração na introdução ao evangelho de Lucas. Certamente Lucas desejou convencer Teófilo da veracidade das “coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar”. Em outras palavras ele quer contar a história do cristianismo dos primeiros anos para dar provas do ensinamento cristão.

Quem sabe, Lucas queria mostrar que a igreja cristã era fruto da presença do Espírito Santo que Jesus prometera enviar sobre seus discípulos (A 1.5 ss. Cf. Lc 3.16; 24.48 e ss.). O Espírito Santo se manifestou com *glossolalia* (línguas), com manifestações de curas, no surpreendente crescimento da igreja.

Um segundo aspecto era o de mostrar a oposição e ódio dos judeus, enquanto os oficiais romanos davam apoio ou nem perseguiam. Sendo que o Estado romano não permitia a existência de seitas, Lucas mostrou que o cristianismo não era uma seita. Uma evidência disso é a descrição do cenário em que a igreja se reuniu em Trôade em que Lucas fala que “havia muitas lâmpadas no cenáculo onde estávamos reunidos” (At 20.8). Ora, como era proibido reuniões secretas pelo império, Teófilo precisava saber que os cristãos em Trôade não estavam se reunindo em secreto. As muitas lâmpadas ou tochas podiam ser vistas de quem passasse por ali bem como o que as pessoas faziam.

O LIVRO – UMA VISÃO GERAL

O livro registra os “atos” do Espírito Santo, através de “testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus” (At 10.41), por ocasião da última oferta dos filhos de Israel, da restauração e obediência. No AT a oferta era feita pelo Pai, como Jeová, através dos profetas (Hb 1.1), mas a oferta foi rejeitada (Zc 7.12-14). Nos evangelhos a oferta foi renovada pelo Filho e através do Filho, e novamente rejeitada (Mt 23.37-39). Atos registra a terceira e última oferta feita pelo Espírito Santo que foi rejeitada totalmente pela nação (At 28.25-28; Rm 11.25 ss). Dessas “testemunhas escolhidas” nenhuma menção é feita das obras dos demais discípulos, a não ser de Pedro e João, do grupo dos Doze, e por Paulo.

O livro parece apontar para o reino milenar de Cristo (2.17-20; 3.19-21; 8.12; 14.22; 20.25; 28.23,31). A pergunta dos apóstolos a Jesus (At 1.6) direciona o livro de Atos.

É interessante observar que no livro de Atos Jerusalém ainda é o centro da vida da igreja; a lei mosaica continua a ser observada, cf. o pedido que Tiago fez a Paulo para se purificar

no templo (22.17-26), Pedro e os demais apóstolos são vistos continuamente no templo.

Paulo prega nas sinagogas, “para que a palavra de Deus fosse pregada primeiramente” aos judeus (13.46). Ele guarda as festas (18.21; 20.16). Faz votos (18.18; 21.23,26) e de maneira ordeira cumpre a lei (21.24). Os gentios ocupavam o segundo lugar (26.22-23), mas não eram mais tratados como prosélitos (10.44; 11.3). Depois o evangelho foi levado aos judeus da Dispersão.

Observações: Até o fim do primeiro século a igreja ainda mantinha certas práticas judaicas, mas depois, ao longo dos anos os discípulos deixados por Paulo passaram a divergir dos discípulos de João. Os discípulos de Paulo permitiram que a igreja fosse totalmente gentílica, deixando de se associar ao judaísmo.

A seguir o estudante pode conferir com mais calma, em seu estudo particular as 18 pregações contidas nos Atos dos Apóstolos:

A) Sete proferidas por Pedro:

1. Aos que estavam congregados (1.15-22).
2. No dia de Pentecostes (2.14.40).
3. No templo (3.12-26).
4. Diante do sinédrio (4.8-12).
5. Idem (5.29-32).
6. Na casa de Cornélio (10.28-43).
7. No concílio de Jerusalém (15.7-11).

B) Um discurso de Tiago (15.13-21).

C) Um discurso de Estêvão diante do sinédrio (7.12-53).v

D) Sete discursos de Paulo:

1. Na sinagoga de Antioquia (13.16-41).
2. Em Listra (14.15-17).
3. No areópago, ou monte de Marte (17.22-31).
4. Em Mileto (20.18-35).
5. Nas escadarias diante do castelo (22.1-21).
6. Diante de Félix (24.10-21).
7. Diante de Agripa (26.2-29).

E) Discursos menores de Gamaliel (5.35-39) e de Tértulo (24.2-8).

Com mais calma ainda, o estudante pode passar um pente fino observando os paralelos entre os milagres realizados por Pedro e os de Paulo (3.2-8 c/ 14.8-10; 5.12,15-16 c/ 19.11-12; 9.36-42 c/ 20.9-12).

Seguindo a sequência de estudos, a partir daqui o aluno estudará o livro por partes.

I. PRIMEIRA PARTE (1.1 A 12.24)

A) Introdução (1.1-5).

Tudo indica que o mesmo autor do evangelho de Lucas é também o autor dos Atos dos Apóstolos. O autor dos registros de Atos se refere ao primeiro livro que escreveu relatando o ministério de Jesus, e faz uma transição ou ponte entre o final do ministério de Jesus e o começo da igreja. Lucas 24.43-50 mostra Jesus comendo com os discípulos e Jesus conversando com eles sobre acontecimentos futuros e

imediatos. O texto de Lucas 24.49 tem forte ligação com o de Atos 1.4-5. “Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneço, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lc 24.49). “E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias” (At 1.5).

B) Transição. O autor faz uma ponte também entre o momento da ascensão de Jesus em Lucas com sua introdução ao livro de Atos. Na conclusão do evangelho de Lucas Jesus abençoa os discípulos em Betânia (Lc 24.50-51) e em Atos os “varões vestidos de branco se puseram ao lado deles” e lhes dá a mensagem do retorno de Cristo (At 1.10-11).

C) Uma missão de poder. Atos 1.8 tem sido um versículo chave para incentivar as pessoas a receberem o poder do Espírito Santo e evangelizar o mundo. Na versão corrigida, *dunamus* é traduzido como “virtude” e na Revista Atualizada como “poder”. Na realidade, a tradução que mais condiz com *dunamus* é poder. A palavra é usada para falar de habilidade, capacitação e de autoridade no sentido de poder.

D) O regresso para Jerusalém e o encontro no cenáculo. Os textos de Atos 1.12-14 mostram os discípulos regressando para Jerusalém e entrando num cenáculo ou salão de jantar amplo.

E) No cenáculo I (At 1.15-26). Enquanto estão esperando a descida do Espírito Santo em oração, os discípulos também estão tomando decisões e, reúnem cerca de 120 pessoas que ali estavam escolhendo um substituto para Judas, que havia traído a Jesus.

Nesta primeira parte do livro de Atos pode-se notar o conhecimento que os discípulos possuíam das Escrituras,

porque encontraram nas palavras de Davi a profecia que identificava e esclarecia os acontecimentos com Judas, que se enforcara. As pessoas hoje possuem Bíblias comentadas, chaves bíblicas e indicação de textos paralelos, e a Bíblia que têm em mãos foi esmiuçada versículo por versículo, mas aqueles primeiros apóstolos se esmeraram em oração e no estudo da palavra de Deus para encontrar respostas aos seus questionamentos. Encontraram dois textos. Um no Salmo 69.25 e o outro no Salmo 109.8. Ora, o estudante de hoje deve saber que naquele tempo as Escrituras não tinham a divisão de capítulos e versículos como hoje, e os Salmos eram divididos em apenas cinco livros, conforme é mostrado nas divisões da maioria das Bíblias.

1. A escolha de Matias. José e Matias estiveram presentes desde o início, conheceram a João Batista, estiveram com Jesus, mesmo não sendo dos Doze, e preencheram os quesitos apostólicos para ocupar a vaga deixada por Judas. Apesar de haverem escolhido Matias, é Barsabás, ou José que é visto colaborando na igreja nos anos seguintes.

F) No cenáculo II - Pentecostes.

Dez dias depois da ascensão de Jesus, era o dia de Pentecostes, uma data celebrada por ordem de Deus conforme a lei de Moisés.

Era chamada também de Festa das Primícias, quando os primeiros grãos que brotavam na lavoura eram oferecidos a Deus, ainda verdinhos em agradecimento pela colheita futura. Pentecostes era uma das três festas estabelecidas por Deus e ocorria cinquenta dias depois da páscoa. – As festas anuais começavam com a páscoa, chamada também de festa dos Pães Ázimos, pois logo após a Páscoa que apenas durava um dia, seguia-se a festa dos Ázimos que perduraria por sete dias e a Festa das Semanas, cinquenta dias depois era celebrada a

feita das primícias ou pentecostes, e depois em setembro/outubro as festas da expiação seguida imediatamente pela festa da colheita, chamada também de festa das palmeiras, Sucote ou Tabernáculos.

Tão importante para um judeu era Pentecostes que Paulo fazia planos de estar em Jerusalém nesse dia (At 20.16). E, no dia de Pentecostes “estavam habitando em Jerusalém...” (At 2.5), mostrando que havia gente de todos os países civilizados da época, que geralmente vinha para Jerusalém participar da páscoa e ficavam para o pentecostes, antes de voltarem para seus países.

A morte de Jesus ocorreu numa sexta-feira, a Pessach ou páscoa. Cinquenta dias depois, veio Pentecostes. Por isso, a abertura do capítulo dois começa assim: “Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar”. Deus deu um toque especial à festa daquele ano enviando o Espírito Santo para a terra.

G) No cenáculo III - A descida do Espírito Santo.

O estudante pode analisar, a seguir, o capítulo 2 que é importante para a igreja.

Deus escolheu o dia de Pentecostes como estratégia para comunicar seu plano e propósito aos judeus e prosélitos vindos de todo mundo e que estavam em Jerusalém. Se a descida do Espírito Santo se desse numa data qualquer ou num dia qualquer da semana não alcançaria tanta gente. No dia de Pentecostes multidões enchiam as ruas de Jerusalém. Por ser Pentecostes uma festa dos primeiros frutos, pode existir neste fato uma analogia com os primeiros frutos da igreja.

“Estavam todos reunidos no mesmo lugar”, indica que havia pelo menos 120 pessoas (At 1.15). Paulo, anos depois mencionou que mais de quinhentas pessoas viram o Senhor

Jesus de uma só vez – quem sabe no dia da ascensão (1 Co 15.6). Um bom número de irmãos perseverou!

“Veio do céu um som, como de um vento impetuoso”. Note que não foi um vento, e sim um som parecido como o de um vento. Caso fosse um vento apagaria as chamas de fogo que repousavam sobre a cabeça de cada um.

“Passaram a falar em outras línguas” (2.4).

E o que falavam em línguas? A resposta está no mesmo texto: Falavam das grandezas de Deus (At 2.11). O mesmo aconteceu quando o Espírito Santo veio sobre os gentios na visita de Pedro à casa de Cornélio e quando desceu sobre os 12 homens na cidade de Éfeso (At 10.46; 19.6). Nem sempre uma língua “estranha” é uma profecia; pode ser um louvor a Deus, uma oração e até mesmo uma mensagem a alguém que precisa ser interpretada.

O que aconteceu depois de Pentecostes? Os discípulos se tornaram mais ousados na proclamação do Nome de Jesus; perderam o medo de falar e revolucionaram a cidade de Jerusalém.

H) No cenáculo IV. O discurso ou esclarecimento de Pedro.

Não se tem ideia de quanto tempo os discípulos ficaram falando em línguas glorificando a Deus, o único registro de tempo que se tem é a menção que Pedro faz da hora da manhã em sua pregação: “Terceira hora do dia” (At 2.15) ou nove horas da manhã.

À pergunta, “que quer isto dizer?” Pedro respondeu com uma exposição bíblico-histórica convincente e esclareceu biblicamente a descida do Espírito Santo, a morte e ressurreição de Jesus.

O discurso de Pedro é uma amostra do que o Espírito Santo pode fazer quando se tem a palavra de Deus no coração. Pedro não teve tempo de analisar o que estava ocorrendo à luz das Escrituras buscando os textos bíblicos, mas o Espírito Santo foi lembrando a Pedro de tudo, exatamente como dissera Jesus: “O Espírito Santo... vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.26).

Durante décadas, temos ouvido no meio pentecostal que “basta abrir a boca e Deus a encherá” (Sl 81.10). Na realidade, o coração deve estar cheio de boas palavras de Deus, e o Espírito se encarregará de lembrar de cada uma delas. Davi disse: “De boas palavras transborda o meu coração. Ao Rei consagro o que compus; a minha língua é como a pena de habilidoso escritor” (Sl 45.1). Para fluir em conhecimento bíblico como Pedro é preciso encher o coração da palavra de Deus (Cl 3.16).

À conclusão de Pedro no v 36 segue-se a reação do povo: “Que faremos, irmãos?” (v.37). E Pedro fecha seu discurso interrompido pela reação do povo, conclamado-os ao arrependimento e ao batismo para que sejam cheios do Espírito Santo. Àqueles que pregam que o falar em línguas era só para aqueles dias, Pedro respondeu: “Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus chamar” (v 39). Definitivamente o enchimento do Espírito Santo é para todos os povos em todas as épocas!

Quase três mil pessoas se converteram na manhã de Pentecostes (At 2. 41).

I) Os dias seguintes ao Pentecostes (At 2.42-47).

Nesse texto o autor faz um resumo de como era a vida dos discípulos nos primeiros tempos da igreja. A ideia

defendida por alguns de que se deve viver em comunidade como naqueles dias, não encontra respaldo nos anos seguintes da igreja, como se deduz do restante do livro. Alguns comentaristas propõem que aqui os cristãos celebraram o jubileu de cinquenta anos, esquecido pelos judeus, e entregaram suas terras – a terra é de Deus e não podia ser propriedade particular, mas podia ser arrendada por qualquer pessoa durante cinquenta anos cf. Lv 25 – e se desfizeram das terras extras. Prova disso é que Maria não vendeu sua casa na cidade de Jerusalém onde a igreja se reunia (At 12.12).

O importante é que os irmãos obedeciam aos apóstolos, “perseveravam na doutrina dos apóstolos”, e mantinham sua vida de devoção (v 46). A palavra doutrina que aparece no v 42 é *didaquê*. O *didaquê* consistia de ensinamentos que os apóstolos estabeleceram para a igreja, na contramão da cultura do mundo. Consistia de ensinamentos práticos sobre a fé e o viver diário dos discípulos. Exemplo de doutrina apostólica pode ser visto em Tito 2.1-10; Ef 4.25 a 6.9 e incluía também o ensinamento sobre verdades espirituais como em Colossenses 1.13 a 4.6 só para citar alguns textos.

J) A rotina de prisões e de manifestação do poder de Deus (3.1 a 5.42).

1. A cura do coxo e a reação das autoridades (3.1-4.4).

Os milagres sempre estiveram presentes na vida da igreja, especialmente quando uma nova igreja é estabelecida, como aqui no Brasil com os pioneiros suecos. Deus se manifesta com algum prodígio para chamar a atenção do povo para si e para a Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Até aqui o estudante pôde observar duas coisas na igreja primitiva: Manifestações do

poder de Deus e estilo de vida de santidade. Duas coisas que andavam juntas.

Pedro e João enfrentaram a prisão, enquanto o número dos fiéis aumentou (4.4).

A prisão dos dois apóstolos foi uma tentativa das autoridades de calarem a pregação do evangelho, “ressentidos por ensinarem eles o povo e anunciarem, em Jesus, a ressurreição dentre os mortos” (4.2).

Mais adiante no capítulo 5.12-16 tem outra referência de milagres e manifestações de poder, e tais acontecimentos geraram inveja nas autoridades religiosas porque o povo não mais os procurava e vinha de todas as cidades para serem curados pelos apóstolos (5.16). Isto resultou na prisão de todos os apóstolos, que foram soltos pela ação sobrenatural dos anjos. Os anjos mandaram que os apóstolos se apresentassem novamente no templo. A frase de Pedro, “antes, importa obedecer a Deus do que aos homens” estabeleceu definitivamente um corte nas relações com as autoridades. Obs. Anjos e suas aparições permeiam todo o livro de Atos, indicando a ação de Deus na igreja.

2. Gamaliel, um homem sábio (5.33-42). Este mestre da lei, respeitado por todo o povo se levantou em defesa dos apóstolos, solicitando que os deixassem de lado, porque toda obra que vem dos homens perecerá. Anos depois, Paulo, em sua defesa perante as autoridades religiosas de Jerusalém se defende argumentando ter sido treinado aos pés de Gamaliel (At 22.3). Daí a importância desse mestre na formação religiosa dos judeus, incluindo Paulo.

Quem eram Teudas e Judas a que se refere Gamaliel? O historiador Josefo fala de um homem que se autodenominou profeta e levou muita gente a segui-lo,

afirmando que deveriam segui-lo até o Jordão com todos os seus pertences. Às margens do Jordão daria ordens e dividiria as águas do rio para que passassem a pés enxutos. Mas, Cuspius Fadus, que administrava a Judéia enviou tropas que o pegou desprevenido. Matou muitos deles e entrou triunfante na cidade de Jerusalém exibindo a cabeça de Teudas. Este relato fecha com as palavras de Gamaliel divergindo apenas quanto a época.

O outro líder é Judas, que fez um levante contra Roma nos dias do recenseamento, possivelmente na época do nascimento de Jesus. Josefo menciona este Judas: “Existiu um homem na Galiléia, chamado Judas, que levou o povo a se rebelar, declarando que era uma maldade fazer o povo pagar impostos aos romanos, citando as leis de Deus.”

Outro escritor judeu disse a respeito de Judas Galileu e seu partido político-religioso: “Esta a razão que os judeus se rebelaram contra os romanos, afirmando que não era justo os judeus obedecerem homens, mas apenas a Deus, e que ninguém deveria se chamar de senhor, a não ser Deus. Cirene é o mesmo que Quirino, governador da Síria, estabelecido por César como juiz da nação e chefe de estado. Judas, o gaulonita (o mesmo Judas da Galiléia) se rebelou e Sadoque com ele, afirmando que tais ordens serviam para escravizar o povo, e exortou a todos a reivindicar sua liberdade” (fonte: Bíblia On Line, comentário de John Gill, em inglês).

3. A resposta de João e Pedro às autoridades que os prenderam

O tribunal religioso foi convocado para julgar os apóstolos. Estavam ali as autoridades da cidade, os líderes do povo (anciãos), os escribas ou intérpretes da lei e o sumo sacerdote com sua equipe ministerial, e perguntaram: “Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?” (At 4.7).

“Então, Pedro, cheio do Espírito Santo...” (v 8). É preciso estar cheio do Espírito para confrontar o sistema religioso e político, e a resposta de Pedro foi concisa e objetiva (vv. 8-12). Mediante a resposta dos apóstolos, as autoridades reconheceram que Pedro e João estiveram com Jesus (vv. 13-14) e decidiram entre si que nada poderiam fazer, a não ser ameaçá-los (vv.15-21). Aquelas autoridades conheciam o coxo havia anos, pedindo esmolas na entrada do templo, pois “tinha mais de quarenta anos aquele em que se operara essa cura milagrosa” (v 4.22).

4. Um novo enchimento do Espírito (4.23-31).

A oração que os irmãos fizeram foi curta e baseada na palavra de Deus. Os irmãos falaram a Deus que o Senhor Jesus é quem estava sendo perseguido e que Deus deveria interferir a favor de seu Filho. A aprovação de Deus à oração deles veio através de um terremoto, de um novo enchimento do Espírito e de intrepidez ou ousadia para pregar a palavra de Deus. Qualquer manifestação do Espírito que não conduza à evangelização e à santidade deve ser questionada. Obs. Atos apresenta dois terremotos ligados à manifestação de Deus. O outro está em 16.26.

5. A divisão dos bens (4.32-5.11).

Os textos de 2.42-47 têm sua continuidade no capítulo 4.32-51. O aluno deve ter percebido que os primeiros doze capítulos não estão em ordem de acontecimentos. O autor de Atos vai incluindo aleatoriamente os acontecimentos dos primeiros anos sem uma ordem específica, como estes dois textos que se complementam.

(a) A oferta de Barnabé (4.36-37). José deveria ser tão importante na vida da igreja dos primeiros anos que os apóstolos mudaram o nome dele para Barnabé. Este homem

se tornaria um dos grandes apóstolos da igreja. Depois da perseguição que assolou os cristãos, ele foi enviado pelos apóstolos para Antioquia para cuidar da igreja recém começada (11.19-26) e, dali enviado pelo Espírito Santo aos gentios (13.1-3). Tema que o estudante verá mais adiante.

(b) Ananias e Safira (5.1-11). A morte de Ananias e sua mulher Safira serviram para trazer temor de Deus à igreja (v 11). Eles tinham todo direito de ficar com o dinheiro da venda, mas não deveriam ter mentido ao Espírito Santo. Os alunos costumam perguntar se foram salvos ou não, mas esta é uma questão entre Deus e eles que em nada edifica o cristão. O certo é que o Espírito se ressentiu das mentiras, e marcou sua posição na igreja.

K) Estêvão desafia as autoridades. A perseguição (6.1 a 8.40).

1. Os acontecimentos do capítulo seis desencadearam um mover do Espírito Santo na igreja. Watchman Nee afirmou que esses acontecimentos se deram cerca de 11 anos depois do início da igreja e, trabalhando com cálculos, chegamos à mesma conclusão. Com uma multidão para pastorear, os apóstolos decidiram dividir as tarefas com alguns irmãos. Nesse tempo houve uma trégua na perseguição à igreja, e a murmuração tomou conta de alguns irmãos, por isso os apóstolos decidiram que a congregação deveria escolher líderes que os ajudassem na distribuição do alimento diário, pois as viúvas dos gregos reclamavam que estavam sendo esquecidas da distribuição diária (6.1).

As regras para o estabelecimento de diáconos e suas esposas, ou diaconisas – e aqui existem divergências – foram estabelecidas anos depois por Paulo (1 Tm 3.8-13). No texto de Atos 6 escolhem-se homens para ajudar na distribuição do

alimento aos necessitados, e a palavra servir é a tradução de *diakonos* (um servo ou um serviçal). A argumentação dos apóstolos de que deveriam se dedicar a oração e ao estudo é boa, mas o Espírito Santo decidiu que era hora da igreja obedecer as ordens de Jesus de sair pelo mundo. Fazia já anos que a igreja estava apenas em Jerusalém e arredores, e nem sequer chegara a Samaria.

É opinião deste autor que o Espírito Santo não concordou com a decisão dos apóstolos de ficarem só estudando e orando, e não mais se envolvendo com o povo, e por isso encheu os escolhidos para servir às mesas com seu poder, e levando-os a fazer o que os apóstolos haviam deixado de fazer. Um desses homens era Estêvão cuja história se dá na continuação do capítulo 6 e 7. Esses dois capítulos se explicam por si mesmos.

2. Uma perseguição com o apoio dos céus. A perseguição daqueles dias empurrou a igreja para fora de Jerusalém (At 8.1-40) e a continuidade do que aconteceu naqueles dias está em 11.19-26. O autor do livro de Atos encaixa a conversão de Saulo dentro deste período de perseguição (8.1,3; 9.1-2). Como numa peça de teatro são cenas que se abrem dentro num mesmo palco. Saulo que estava consentindo com a morte de Estêvão e cuidando das capas e túnicas dos que apedrejavam o mártir, conseguiu cartas das autoridades para perseguir, prender e matar os cristãos (8.3 c/ 9.2). No caminho para Damasco se converteu (9.11-25).

3. Pedro sai de Jerusalém para pregar (9.32-11.18). Tudo indica que, devido a perseguição, Pedro que não havia sido expulso da cidade com os demais apóstolos e, sem muitos cristãos em Jerusalém – ou porque estavam escondidos pela cidade e nas vilas ao redor, decidiu também viajar para pregar.

Nesta andança aconteceram os episódios em Lida (At 9.32-35); a ressurreição de Dorcas em Jope (9.36-43); a visita a Cesaréia (10.1-48); e os esclarecimentos que precisou prestar aos irmãos de Jerusalém sobre haver visitado a casa de gentios (11.1-18).

4. Paulo se converte e visita Jerusalém pela primeira vez (9.1-30). Depois que se converteu e de pregar nas sinagogas de Damasco, Paulo, sob ameaça da morte fugiu da cidade descendo o muro dentro de um cesto. O estudante pode entender melhor a fuga e esses acontecimentos lendo os textos paralelos de Atos 22.1-21; 24.10-21; 26.1-30 sobre o testemunho de sua conversão; e sua visita a Jerusalém (Gl 1.13-24).

Na primeira visita a Jerusalém, os apóstolos, com medo, se esquivavam de Paulo, e um irmão chamado Barnabé o levou ao encontro dos apóstolos – que certamente estavam escondidos com medo da perseguição. Paulo, imediatamente começou a pregar o evangelho em Jerusalém, mas a presença dele causava problemas para os apóstolos e para alguns cristãos, por isso, os apóstolos o enviaram para Cesaréia e dali para a cidade natal de Paulo, Tarso. Em outras palavras, com Saulo na cidade, haveria mais perseguição!

Sem ser aceito pelos apóstolos, em Tarso Paulo voltou à sua profissão de fazedor de tendas, até que algum tempo depois, o mesmo amigo que o levava aos apóstolos, o visitou convidando-o para ficar com ele na igreja de Antioquia. Barnabé (At 11.25-26).

5. O estabelecimento da igreja entre os gentios (11.19-26). Enquanto Pedro realizava seus milagres ao redor do país, depois da perseguição, Saulo se convertia em Damasco e os cristãos expulsos de Jerusalém estabeleciam uma igreja em Antioquia.

Acreditamos que esta transição, movida por uma perseguição teve a permissão do Espírito Santo para que a igreja saísse de Jerusalém e, cumprindo o mandamento de Jesus fosse à Judéia, Samaria e até os confins da terra. Esta opinião se baseia no fato de que, sempre que havia perseguições, os primeiros a serem presos eram os líderes ou apóstolos. Agora, o povo fugiu e os apóstolos sequer foram incomodados, porque não se constituíam uma ameaça às autoridades e estavam “estudando e orando”. Apóstolos e profetas são homens em movimento.

Com isto, o Espírito Santo paulatinamente levantou outra liderança – Saulo e Barnabé – e estabeleceu o centro operacional da igreja em Antioquia. Obviamente que a igreja de Jerusalém continuou sendo o referencial, mas os acontecimentos mundiais se centralizaram em Antioquia.

“Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus” (At 11.19-20).

6. A missão humanitária (At 11.27-30; 12.25). Alguns profetas desceram de Jerusalém a Antioquia, e Ágabo lhes profetizou que uma grande fome viria por todo o mundo – e o autor do livro de Atos deu materialidade à profecia, esclarecendo que a grande fome veio nos dias do imperador Cláudio (11.20 – veja o apêndice IV sobre as datas e nomes de imperadores romanos. Cláudio governou entre os anos 41 a 54 d.C.).

A igreja de Antioquia levou suprimentos para os irmãos de Jerusalém através de Barnabé e de Paulo, verdadeiros

apóstolos que não ficaram sentados em gabinetes, mas estavam no meio do povo ensinando (11.26) e socorrendo os necessitados.

O capítulo 12.1-24 é um parêntesis no relato do escritor dos Atos dos Apóstolos. Assim, o estudante deve ler o último versículo de Atos 11 e pular para Atos 12.25 a fim de concluir o raciocínio. A prisão de Pedro, a morte de Tiago, irmão de João, a forma como Pedro foi liberto e a morte de Herodes podem ser lidas no capítulo 12.

II. SEGUNDA PARTE (13.1-15.40)

A partir do capítulo 13 os relatos se relacionam com a obra missionária entre os gentios, e esses últimos dezesseis capítulos mostram o evangelho sendo levado a toda terra. O livro se encerra com a prisão de Paulo em Roma no ano 61. Paulo ainda teria feito uma quarta viagem missionária, depois de ser liberto em Roma, e voltado à prisão anos depois, de onde saiu para ser martirizado.

O livro de Atos deve ter sido publicado por este tempo, ao redor de 62-63 d.C.

A primeira parte deste estudo aconteceu entre os anos 29 ao ano 44 d.C. Esta segunda parte, parece se iniciar na festa de Pentecostes, e os acontecimentos se dão até o ano 61 d.C. no império de Nero, - período este que cobre as demais partes deste estudo.

A) O Espírito Santo no controle da obra missionária (At 13.1-14.28).

Depois que Barnabé trouxe Paulo para Antioquia, os discípulos foram apelidados de cristãos, pela primeira vez. Conhecido antes como os do Caminho, os da Seita os Nazarenos ou apenas como discípulos, em Antioquia

exerceram tanta influência que receberam o apelido de *christianos* ou pequenos Cristos. Pequenos ungidos.

O capítulo 13 abre uma nova página na história da igreja, mostrando os ministérios de Barnabé e de Saulo, acompanhados de João Marcos, primo (ARA) de Barnabé (Cl 4.10) ou sobrinho (ARC e Contemporânea) de Barnabé, que descera com eles quando voltaram de Jerusalém para onde haviam levado socorro aos necessitados saíram a evangelizar outras cidades. João Marcos, não acompanhou os apóstolos para a outra Antioquia – da Síria – e retornou para Jerusalém (13.13).

É claro que não existem registros das atividades de Pedro, a partir daí nem dos demais apóstolos, como João, porque não havia entre eles um pesquisador e organizador de atividades como Lucas. Nesta viagem missionária Paulo foi apedrejado, arrastado para fora da cidade e dado como morto, mas teve forças para continuar a missão, e voltar para Antioquia.

B) O primeiro concílio da igreja (At 15.1-35).

1. A questão da circuncisão. Quando os dois apóstolos regressaram a Antioquia encontraram os discípulos no meio de uma contenda, porque alguns irmãos que vieram de Jerusalém começaram a ensinar que os gentios convertidos precisavam obedecer a lei e se circuncidar. Paulo e Barnabé discutiram fortemente com eles, então a igreja decidiu que os dois deveriam subir a Jerusalém para tratar deste assunto com os apóstolos.

Os dois apóstolos relataram aos irmãos da igreja em Jerusalém como os gentios estavam se convertendo, abandonando os ídolos e seguindo a Jesus, mas alguns convertidos que eram da seita dos fariseus, insistiam que os gentios tinham de ser circuncidados (15.5).

Paulo, apesar de ser judeu havia entendido que não era preciso circuncidar cada novo discípulo gentio, e uma reunião foi convocada para ouvirem a Paulo e Barnabé e decidir a questão para toda a igreja. A discussão foi acirrada (v 7). Pedro explicou como Deus o levou a pregar o evangelho aos gentios, e a centralidade de seu argumento foi: “Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós?” (v 10).

Paulo e Barnabé relataram a conversão dos gentios. Tiago, irmão de Jesus, bispo em Jerusalém fez uma exposição bíblica sobre o sentido da restauração da casa de Davi e explicou que Deus havia se proposto a levantar um povo dentre os gentios que glorificassem o seu nome (vv. 15-18).

2. A decisão final. Os apóstolos escolheram dois homens para levar às igrejas dos gentios a decisão do concílio: Judas, chamado Barsabás e Silas. Barsabás, que não fora escolhido em Atos 1.23 para ocupar a vaga de Judas continua ativo e é aqui mencionado, enquanto nada se ouve no livro de Atos sobre Matias. E a decisão tinha a chancela do Espírito Santo: “Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...” (v 28).

3. O Espírito Santo, sábio como é, decidiu que a circuncisão não seria mais necessária, mas este tema ainda daria muitas dores de cabeça ao apóstolo Paulo. Este autor imagina assim: Caso a circuncisão fosse mantida, os missionários e pastores nos dias de hoje teriam que se formar em medicina, primeiramente, e estabelecer uma clínica para cortar a carne do prepúcio de cada homem que se convertesse! Isso seria um impedimento ao avanço da igreja.

C) A primeira contenda apostólica (15.36-40).

O Espírito havia unido Barnabé e a Paulo; o temperamento deles os separou. A partir daí a história de Atos

dos Apóstolos segue em frente apenas tendo Paulo como protagonista, pois nada se ouve de Barnabé. Não que ele tenha desistido, é que Paulo a partir de Trôade foi acompanhado de um médico, Lucas, nas próximas jornadas missionárias, e este fez um relato das atividades de Paulo a partir das experiências do apóstolo.

Alguns defendem a divisão como meio de expandir a igreja; tal pensamento não procede de Cristo, mas da carne. Sabe-se que Barnabé continuou sua missão e treinou muito bem a João Marcos, que depois era solicitado pelo próprio Paulo como grande ajudador. Tão útil se tornou Marcos que Paulo e Pedro reconhecem nele um grande ajudador (Cl 4.10; 2 Tm 4.11; Fm 1.24 e 1 Pe 5.13).

Entre alguns livros canônicos que não foram incluídos no NT existe a epístola de Barnabé, uma carta com ensinamento cristão e sadio para a igreja, que pode ser encontrada na Internet. Mas, cuidado para encontrar a carta verdadeira!

III. TERCEIRA PARTE DO LIVRO DE ATOS (16.1 A 18.26)

Esta terceira parte do estudo do livro não trata de assuntos doutrinários e relata as duas viagens missionárias que Paulo fez na companhia de sua equipe ministerial.

A) O Espírito Santo no controle da obra missionária com Paulo.

1. Paulo encontrou o jovem Timóteo, gostou dele e o levou consigo nas viagens como ajudante. Durante a viagem entregavam às igrejas as decisões tomadas em Jerusalém a respeito da circuncisão (15.1-5).

2. A visão em Trôade (16.6-10). De alguma maneira o Espírito Santo impediu a Paulo de continuar sua viagem,

apesar de suas tentativas, até que, durante a noite teve a visão de um varão macedônio que lhe rogava: “Passa a Macedônia e ajuda-nos”. A partir dali o ministério de Paulo se concentraria na Grécia. Paulo sabia distinguir quando era o Espírito Santo que lhe fazia oposição e quando era Satanás (1 Ts 2.17-18). Veja o apêndice IX sobre as ações do Espírito Santo em Atos.

3. A conversão de Lidia em Filipos (16.11-15). Quando não havia sinagoga numa cidade, os judeus costumavam se reunir aos sábados numa praça ou à beira de um rio (v 13). Lidia, a vendedora de Púrpura era de Tiatira e a tradição diz que ela teria começado a igreja em Tiatira (Ap 2.18-29).

4. A libertação da jovem adivinhadora (vv. 16-18).

5. Paulo e Silas são presos (vv. 19-26).

6. A conversão do carcereiro (vv. 27-34).

B) Paulo e seu discurso intelectual em Atenas (17.16-31).

Vale observar que nenhuma igreja ficou estabelecida em Atenas. Nas demais localidades, apesar da oposição à pregação do Evangelho e da perseguição dos judeus, igrejas eram iniciadas. Talvez a razão esteja nas palavras de Paulo quando fala da mensagem que pregava (Veja Rm 15.18-20; 1 Ts 1.5; 2 Co 12.12). Não existem registros de prodígios em Atenas, e os milagres eram a digital ou o *print* do Espírito Santo no início de cada igreja.

C) Corinto. Paulo encontra o casal Áquila e Priscila (18.1-17).

Em Corinto, Paulo encontrou um casal que fora expulso de Roma e passou a morar com os dois. Tanta era a perseguição movida contra ele que quase desistiu de pregar, mas o Senhor lhe apareceu numa visão e lhe disse: “Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou

contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade. E ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus”. Novamente se vê o Espírito Santo no controle da obra missionária. A partir daí o casal Áquila e Priscila fizeram parte da equipe de Paulo estabelecendo-se em Éfeso.

D) Paulo regressa a Jerusalém e Antioquia (18.18-23).

1. Paulo era verdadeiramente apóstolo, um homem em movimento. Fundava as igrejas, entregava-as aos cuidados dos novos obreiros e partia para novas empreitadas espirituais. Ao que parece os autodenominados “apóstolos” de hoje vivem sentados no conforto de suas mega-igrejas, e não sujam os pés com a lama da periferia das cidades, quanto mais em viagens missionárias entre os pobres.

IV. QUARTA PARTE: ÉFESO, O NOVO CENTRO DA IGREJA (18.23-20.38)

A dinâmica do Espírito Santo na vida da igreja pode ser vista no estabelecimento da igreja em centros diferenciados. Primeiramente, Jerusalém, depois Antioquia e, por último Éfeso.

“Nesse tempo chegou a Éfeso um judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo, homem eloqüente e poderoso nas Escrituras. Era ele instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus, conhecendo apenas o batismo de João” (18.24-25).

Apolo, um convertido do tempo de João, conhecedor de Jesus Cristo precisava também experimentar um batismo de poder. Áquila e Priscila, atentos, lhe expuseram “com mais exatidão o caminho de Deus” (v 26).

Apolo parece haver angariado, em Corinto (19.1) muito respeito, por isso Paulo escreveu sobre os ministérios em 1 Co 3.1-9.

A) Doze homens cheios do Espírito (19.1-7).

1. Esses homens, discípulos de Cristo, assim como Apolo, conheciam apenas o batismo de arrependimento de João Batista e precisavam experimentar o batismo de Jesus e o enchimento do Espírito Santo. E, Paulo, imediatamente os batizou em águas, impôs sobre eles as mãos e os doze ficaram cheios do Espírito Santo, falando em línguas e profetizando (v 6). Alguns estudantes inquirem por que em Atos todos os batismos eram feitos em “nome de Jesus” em clara diferenciação do que foi ordenado por Jesus, “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Isto se deve ao entendimento apostólico de que em Jesus residia toda a plenitude do Pai e do Espírito (Gl 4.4; Ef 1.10; Cl 1.19; 2.9).

Esses mesmos homens, ao que parece, tornaram-se líderes da igreja porque Paulo, de Mileto, mandou chamar os presbíteros de Éfeso, assunto que o estudante verá em seguida no capítulo 20.

2. Paulo deve ter ficado em Éfeso durante dois anos (At 19.10). Primeiramente alugou a escola de Tirano, onde por três meses deu intenso treinamento aos discípulos. Na Grécia e no império romano as escolas funcionavam apenas pela manhã, e à tarde, devido ao calor, não havia aulas. Paulo aproveitou as horas vagas da escola de filosofia e alugou o prédio no turno da tarde.

3. O Espírito Santo tinha razão. O aluno deve ter observado que em 16.6-10, Paulo tentava ir para o norte, quem sabe fugindo da perseguição de seus compatriotas. Ele pensava em se embrenhar nas regiões onde viviam povos mais

rudes e pobres, mas o Espírito Santo o impediu. A estratégia do Espírito estava nos grandes centros, cidades por onde cruzavam rotas de caravanas e de navios.

Éfeso era a mais importante cidade a oeste da Ásia Menor, onde atualmente está a Turquia. O porto da cidade ficava no rio Caister que deságua no mar Egeu. Em tempos remotos o rio chegava às portas da cidade, mas gradualmente o rio foi sendo aterrado e a cidade passou a ficar uns 8 km do mar. A cidade tinha cerca de 300 mil habitantes na época de Paulo. Servia a cidade de rota comercial para o mundo da época. Na cidade foi construído um imponente templo dedicado a deusa romana Diana a mesma Artêmis, cf. Atos 19.23-31. Já naquela época uma rodovia costeando o rio Caister ligava a Sardes e uma ramificação ia para Esmirna.

Serviu de centro de evangelização para Paulo durante dois anos (At 19.10). Paulo, a partir da experiência de Trôade passou a usar as grandes cidades como centros estratégicos, visto que para esses centros afluía gente de toda parte (Ex. Antioquia da Síria, Tessalônica, Éfeso, Atenas e Corinto).

Quando Éfeso foi alcançada com a mensagem do evangelho mantinha toda sua pompa de cidade efervescente. Sua religião, a cultura grega, o governo romano e seu intenso centro comercial fizeram da cidade o centro de comerciantes do mundo da época, além das peregrinações religiosas dos gregos que vinham visitar Artêmis ou o templo de Diana.

Em Éfeso as pessoas eram livres para pensar, e foi a cidade de Tales e Hieráclito. Havia ali uma rica cultura e uma profunda filosofia, fruto de pensadores que buscavam conhecer a verdade. Era a cidade dos asiarcas, crentes ligados aos cultos de Roma e ao imperador, e aceitaram a mensagem de Paulo com simpatia (At 19.31). Por ser uma cidade aberta a novas ideias, o cristianismo floresceu ali (At 19.26).

A pregação de Paulo tinha um apelo moral e ético muito forte para a sociedade grega. E ele era bem visto por todos, inclusive alguns deles saíram em defesa de Paulo na confusão da adoração a Diana (At 19.37).

B) O Espírito Santo avisa Paulo das adversidades que encontraria em Jerusalém (20.1-21.16).

1. Em Mileto Paulo fez seu discurso de despedida, porque estava disposto a ir para Jerusalém (vv.17-38). Ele mesmo alertou os irmãos que o Espírito Santo o avisava que o esperavam cadeias e tribulações (v 24).

2. O versículo 20 é chave: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue”. O estudante tem neste texto uma fonte de pesquisa. Paulo chamou os presbíteros (20.17), dirigiu-se a eles como sendo bispos, e falou que eles pastoreavam a igreja de Deus. Porque, no NT o presbítero é também bispo e pastor. Hoje as igrejas criaram nomenclaturas e ordens eclesásticas diferentes, talvez para poderem organizar a questão da autoridade na igreja.

3. A caminho de Jerusalém (21.1-16). Novamente o aviso do Espírito a Paulo (v 4, 10-14).

4. Pagando votos em Jerusalém (21.17-26). Aconselhado por Tiago e pelos presbíteros de Jerusalém a mostrar aos judeus que não era contra a lei de Moisés, Paulo raspou a cabeça e com outros quatro irmãos se submeteu aos rituais da lei de Moisés, para provar que “andas também, tu mesmo, guardando a lei” (v 24). Dos vv. 27-40 vê-se Paulo envolvido numa encenação religiosa, porque o acusaram de introduzir gentios no templo.

5. O conselho de Tiago e dos presbíteros (21.1 a 22.30). A partir daí Paulo, para se defender, novamente dá seu testemunho de como o Senhor Jesus o encontrou a caminho de Damasco, mas o povo judeu estava tão enfurecido que, para se livrar dos açoites Paulo teve que mostrar às autoridades suas credenciais de cidadão romano.

Paulo foi solto, uma boa oportunidade para fugir (22.30), mas decidiu comparecer perante o sinédrio. Devido ao alvoroço do povo que o queria morto, o comandante levou Paulo para a fortaleza.

6. Paulo soube tirar proveito das divisões entre fariseus e saduceus, e dividiu os judeus que o queriam matar (23.1-10).

7. Levado à fortaleza da cidade, Deus apareceu a Paulo, dizendo-lhe: “Coragem!” (23.11). A partir daí os judeus tentaram matar a Paulo e chegaram a fazer juramento sob pena de serem mortos, se não matassem a Paulo (23.12).

8. Preso, Paulo precisou se defender dos argumentos apresentados contra ele (23.12-35). E, se passaram dois anos! Foram dois anos na prisão esperando ser julgado! (24.27).

9. Apelando para César, Paulo teria que ser julgado em Roma. Depois de dois anos tendo seu julgamento adiado por várias circunstâncias que o estudante pode ver nos capítulos 23 a 26.32 – revendo inclusive o testemunho e os objetivos de Paulo.

10. A viagem para Roma (27.1 a 28.31).

O estudante deve ler atentosamente o relato da viagem, os transtornos, o mar agitado, o naufrágio, o tempo em que ficou na ilha de Malta, como ação direta do Espírito Santo, para mostrar o seu poder e seu controle sobre a situação.

Tudo indica que depois de dois anos residindo em Roma, numa casa alugada, recebendo os judeus em sua casa (28.30), Paulo foi julgado e solto. Certamente que Lucas não o acompanhou nessa possível quarta viagem, por isso os acontecimentos não foram registrados no livro de Atos.

Depois de uma quarta viagem missionária Paulo foi preso novamente, julgado e condenado em Roma. Nesta ocasião ele escreveu as cartas pastorais a Timóteo, Tito e Filemom.

Pregadores e comentaristas costumam afirmar que a história dos Atos dos Apóstolos continua a ser escrita até os dias de hoje.

ATIVIDADES – LIÇÃO V

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ O Livro de Atos dos Apóstolos cobre um período histórico de 33 anos que vai de 29 d.C. a 62 d.C.
- 2) ☐ O livro de Atos mostra a igreja emergente ainda se estabelecendo na terra, buscando conhecer o propósito de sua existência.
- 3) ☐ Não se pode negar sua autoria do Livro de Atos a João “o médico amado” (Cl 4.14).
- 4) ☐ Está claro que o escritor não quis colorir a história, e dá aos acontecimentos sua interpretação dos fatos. Isto fica evidente por sua declaração na introdução ao evangelho de Lucas.

- 5)  É interessante observar que no livro de Atos Jerusalém ainda é o centro da vida da igreja; a lei mosaica continua a ser observada, cf. o pedido que Tiago fez a Paulo para se purificar no templo (22.17-26), Pedro e os demais apóstolos são vistos continuamente no templo.
- 6)  A partir do capítulo 13 de Atos dos Apóstolos, os relatos se relacionam com a obra missionária entre os gentios, e esses últimos dezesseis capítulos mostram o evangelho sendo levado a toda terra.

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

APÊNDICE I

SOBRE ATOS DOS APÓSTOLOS

As possíveis fontes empregadas para o livro de Atos

Tipo	Fonte	Comentário
Testemunho ocular	Lucas	Em três seções de Atos (16.10-17; 20.5-21.18; 27.1-28.16) o autor muda a linguagem “ele”, “dele”; “eles”, “deles” para a 1ª. pessoa do plural, “nós”, “nosso”. Parece que Lucas se encontrou com Paulo a partir de Trôade.
Escrito	Decretos apostólicos enviados de Jerusalém	Uma cópia dos decretos do concílio de Jerusalém pode ter sido guardada em Antioquia (At 21.25) e pode ter sido utilizada por Lucas.
Escrito	Arquivos em Jerusalém	Conforme a escritora Taylor Cladwell, em Lucas, o Médico Amado, Lucas entrevistou a mãe de Jesus e os discípulos em Jerusalém. Pode também ter copiado dados dos arquivos da igreja.
Oral	Manaém	Enquanto viveu em Antioquia, Lucas pode ter coletado informações de Manaém sobre a dinastia herodiana. Manaém, cristão de Antioquia fora membro da corte de Herodes, o Tetrarca (At 13.1). Isso pode ser explicado o fato de Lucas detalhar melhor a família herodiana do que os demais escritores.
Oral	Paulo	O conhecimento íntimo que Lucas tinha de Paulo, como companheiro de viagem dele, teria permitido coletar informações sobre a vida pregressa e o trabalho de Paulo.
Oral	Filipe, o evangelista	Quando Lucas estava em Cesaréia ficou hospedado na casa de Filipe, o evangelista (At 21.8) de quem pode ter conseguido dados sobre a nomeação dos sete diáconos (At 6.1-6) e sobre a experiência de Filipe com o oficial etíope no deserto (At 8.26-40).
Oral	Mnason, de Chipre	At 21.16 declara que Lucas ficou com Mnason, de Chipre, de quem poderia ter obtido informações sobre a igreja em Chipre, a qual, até onde sabemos, ele nunca visitou.

Oral	Tiago, irmão de Jesus	Quando Lucas esteve em Jerusalém teve ampla oportunidade de visitar a Tiago, de quem poderia ter obtido informações sobre o concílio apostólico (At 15.1-29), além dos acontecimentos do ministério de Jesus, que <u>relata em seu Evangelho</u> .
Oral	Timóteo, Silas e outros líderes da igreja primitiva.	Paulo, em suas epístolas (Colossenses e Filemon) mostra que Silas e Timóteo estavam na companhia de Paulo quando Lucas estava presente. Lucas poderia obter desses dois homens muitas informações.

Adaptado de: *O Novo Testamento em Quadros*, H. Wayne House, Editora Vida.

APÊNDICE II

Cronologia do período de Atos (I)

A.m.*	d.C.	Imperadores Romanos	Governadores e procuradores da Judéia e os Herodes	Base bíblica
4033	29	Tibério (18º ano)	Pôncio Pilatos, procurador (3º Ano)	Lc 3.1,23; At 1.4 a 2.13
4034	30			
4035	31			
4036	32			2.14-8.1
4037	33			
4038	34			
4039	35			7.59 a 8.4; 8.5-40
4040	36			9.32-10.48
4041	37	Morte de Tibério – Calígula	Pilatos deposto; Caifás deposto	9.1-19; Gl 1.17
4042	38			10.1-48; 11.1-18
4043	39			
4044	40			9.26; Gl 1.18; 9.30
4045	41			Gl 1.21
4046	42	Cláudio		
4047	43			
4048	44		Herodes Agripa, rei da Judéia	11.26-28
4049	45			11.30
4050	46			12.24 a 13.3
4051	47			13.4-15.1
4052	48		Fado, procurador; Herodes Agripa morre	
4053	49			
4054	50			

* Anno Mundi – Refere-se à contagem dos anos desde a Criação

4055	51	Morte de Cláudio. Nero Imp.	Fome, mencionada em	15.2; Gl 2.1
4056	52		Tibério Alexandre, procurador	15.41-18.22
4057	53			
4058	54			
4059	55		Herodes Agripa II	18.23 a 20.1
4060	56		(At 25-26).	20.1-2;
4061	57		Comano,	20.2-3
4062	58		procurador.	21.15
4063	59			23.33;24.27
4064	60			27.1-2, 27-44;
4065	61		Félix, procurador	28.16
4066	62		Herodes Agripa II,	28.30
4067	63		Tetrarca de	Fp 2.24;Fl 22;
4068	64		Traconites	
4069	65	Nero morre. Galba Oto Vitélio Vespasiano ¹		
4070	66			
4071	67			
4072	68			1 Tm 1.3
4073	69			
			Pórcio Festo	
			Albino. Morte de Festo	
			Roma incendiada. Termina a perseguição 4 anos depois de Nero	
			Guerra judaica, cf/ Josefo	

¹ Jerusalém é tomada por Vespasiano e mais tarde por Tito

APÊNDICE III

Cronologia do período de Atos (II)

Eventos Principais do Período

D.C.	Eventos principais registrados no período dos Atos dos Apóstolos
29	Morte de Jesus (3 de abril). Ressurreição (7 de abril). Ascensão (13 de maio). Pentecostes (23 de maio).
30	
31	
32	Ministério de Pedro e João e de outros às nações. Em Jerusalém.
33	
34	
35	Morte de Estêvão. Dispersão dos cristãos. Filipe em Samaria. Resultados.
36	Ministério de Pedro em Israel.
37	Conversão de Paulo. Arábia (40 dias?). Retorno a Damasco (Gl 1.7). Fuga de
38	Damasco (At 9.25; 2 Co 11.33). Pedro e Cornélio. Discussão em Jerusalém
39	sobre Pedro entrar em casa de gentios.
40	Paulo vai pra Tarso. No ano seguinte a Jerusalém
41	1ª viagem de Paulo a Jerusalém para ver a Pedro. Êxtase no templo (At
42	22.17). Vai pra Tarso. Síria e Psídia.
43	
44	Barnabé enviado a Antioquia. Arrebatamento de Paulo (2 Co 12.1-4)?
45	Barnabé vai a Tarso à procura de Paulo. 1 ano em Antioquia.
46	Epístola de Tiago aos irmãos dispersos.
47	2ª viagem de Paulo a Jerusalém com Barnabé levando socorro aos irmãos.
48	Retornam a Antioquia.
49	Missão do Espírito Santo. Paulo e Barnabé enviados. Paulo faz a 1ª viagem
50	missionária.
51	Voltam a Antioquia onde permanecem longo tempo com os discípulos
52	(14.26).
53	
54	
55	3ª viagem de Paulo a Jerusalém p/ o Concílio c/Barnabé e Tito. Ministério
56	associado aos Doze.
57	Antioquia, Psídia.
58	Começam as Epístolas de Gálatas, 1 e 2 Ts
59	Visita Atenas e Corinto de onde escreve aos Hebreus. Éfeso onde fica 2 anos
60	(19.10).
61	Encerra as pregações públicas sobre o reino (19.20). Epístolas de João.
62	
63	Na primavera em Éfeso escreveu 1 Coríntios (primavera); 2 Coríntios
64	(outono)
65	Gálatas, no inverno. Deixa a Grécia e vai para a 5ª visita a Jerusalém
66	(Pentecostes). Preso. Romanos (escrita a partir de Corinto). 2 anos preso em
67	Cesaréia.

68 69	Enviado pra Roma por Festo (agosto). Epístolas de Pedro (?). Naufrágio em Malta Chega a Roma (primavera). Preso primeira vez em Roma (61-63). Escreve aos Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon. Depois de julgado vai pra Macedônia (?). Publicação de Atos Da Macedônia ou Trôade escreve 1 Tm; de Corinto escreve a Tito Da prisão em Roma escreve 2 Timóteo. Decapitado.
----------	---

Extraído de *The Companion Bible*, Bagster, apêndice 180 por João A. de Souza filho

APÊNDICE IV

Imperadores romanos no período do NT

Imperador	Datas do reinado	Relação com a Narrativa do Novo Testamento
César Augusto (Otaviano)	27 a.C a 14.d. C.	Nascimento de Jesus; realização do censo; início do culto do imperador pelos quais os cristãos eram perseguidos (Lc 2.1).
Tibério Julio César Augusto	14-37	Jesus desenvolveu seu ministério público e morreu durante o reinado desse imperador.
Gaio Júlio César Germânico (O Calígula)	37-41	Exigiu ser adorado; ordenou que sua estátua fosse colocada no templo de Jerusalém, mas morreu antes da ordem ser cumprida.
Tibério Cláudio César Augusto Germânico	41-54	Expulsou os judeus residentes de Roma, entre eles Priscila e Áquila (At 18.2) por causa dos distúrbios e disputas em torno do nome de um certo Cresto (At 11.28).
Nero Cláudio César Augusto Germânico	54-68	Primeira perseguição real de Roma contra os cristãos, embora somente em Roma. Pedro e Paulo martirizados (At 25.10; 28.19).
Sérvio Galba imperador César Augusto	68	O cerco de Jerusalém foi durante seu reinado e dos dois imperadores que o seguiram.
Marcos Oto César Augusto	69	

Aulus Vitélio imperdor Germânico Augusto	69	
César Vespasiano Augusto	69-79	Foi general encarregado de sufocar a rebelião em Jerusalém no final dos anos 60, mas com a morte de Nero foi para Roma e se tornou imperador deixando a tarefa nas mãos de seu filho Tito, o qual sitiou Jerusalém e a destruiu no ano 70 d.C.
Tito César Vespasiano Augusto	79-81	Foi o General que conquistou Jerusalém lutando contra os Zelotes no ano 70 d.C.
César Domiciano Augusto Germânico	81-96	Perseguiu a igreja; exigia ser chamado de Senhor e Deus. As perseguições foram o pano de fundo para a relação do livro de Apocalipse como encorajamento aos cristãos.

Fonte: *O Novo Testamento em Quadros*, H. Wayne House, Editora Vida.

APÊNDICE V

As viagens missionárias de Paulo

Primeira Viagem Missionária

Local	Data	Referência Em Atos	Acontecimentos Significativos
Chipre	47-48	13.1-12	O falso profeta Bar-Jesus fica cego. Conversão do procônsul Sérgio Paulo. Saulo é chamado de Paulo.
Perge, na Panfília Atioquia da Psídia	48-49	13.13 13.14-52	Retorno de João Marcos pra casa. Paulo e Barnabé pegam para judeus e gentios na sinagoga. Judeus arrumam confusão e os expulsam dali.
Ícônio		14.1-5	Grande número de judeus e de gentios crê, judeus incrédulos causam divisão na cidade.
Listra		14.6-20 14.20-21	Barnabé identificado com Zeus; Paulo com Hermes. Paulo é apedrejado. Um grande número de discípulos conquistado para Cristo.

Derbe		14.21-23	Fortalecimento e incentivo dos discípulos e nomeação de bispos
Listra		14.24-25	Para Panfília, Perge e Atália
Icônio			
Antioquia da		14.26-28	Relatório de como o evangelho foi
Psídia			aceito pelos gentios.
Panfília			
Perge, Atália			
Antioquia			

APÊNDICE VI

Concílio Apostólico Em Jerusalém

Local	Data	Referência Em Atos	Acontecimentos Significativos
Antioquia	49	15.1-2	Paulo e Barnabé em veemente disputa com os judaizantes da Judéia
Fenícia		15.3	Relatório da conversão dos gentios.
Samaria		15.3	Alegria.
Jerusalém		15.4-6	Recebem as boas-vindas da igreja
		15.7-21	Questão sobre se Deus aceitaria os gentios. Discursos de Pedro, Paulo, Barnabé e Tiago.
		15.22-29	Problema resolvido. Paulo, Barnabé, Judas e Silas enviados levando uma carta.
		15.30-35	Carta recebida. Pessoas incentivadas e fortalecidas. Paulo e Barnabé ensinam a palavra.

APÊNDICE VII

Segunda Viagem Missionária

Local	Data	Referência Em Atos	Acontecimentos Significativos
Antioquia	49-51 50-52	15.36-40	Início da viagem. Paulo e Barnabé discordam sobre a participação de João Marcos. Barnabé leva João consigo.
Síria e Cilícia		15.41	Paulo leva a Silas
Derbe		16.1	Timóteo une-se a eles.
Listra		16.1-5	
Icônio		16.1-5	

Frigia e Galácia Trôade		16.6-7 16.8-9	Paulo tem a visão de ir para a Macedônia. Lucas começa a usar o pronome na 1ª. pessoa do plural no v 10
Filipos		16.10-40	Conversão de Lídia. A jovem advinha é liberta. Paulo e Silas presos. Terremoto. O carcereiro é salvo.
Tessalônica		17.1-9	Judeus, gregos e mulheres creem. Tumulto provocado por judeus ciumentos. A casa de Jason é invadida.
Beréia		17.1-14	Conversão de judeus, gregos e mulheres. Judeus de Tessalônica vêm instigar o povo contra Paulo.
Atenas	52	17.15-34	Paulo prega sobre o "Deus desconhecido". Algumas pessoas creem.
Corinto		18-1-17	Crispo se converte. Paulo tem uma visão para ficar. Muitos creem e são batizados. Encontro com Áquila e Priscila. Sóstenes é espancado.
Éfeso		18.18-21	Paulo é convidado a permanecer e pregar, mas recusa-se. Afasta-se de Áquila e Priscila.
Cesaréia Antioquia		18.22 18.22-23	

APÊNDICE VIII

Terceira Viagem Missionária

Local	Data	Referência Em Atos	Acontecimentos Significativos
Antioquia	52-56	18.23	Início da viagem
Galácia e Frigia	53-56	18.23	Discípulos fortalecidos
Éfeso		18.24 – 19.41	Milagres. A palavra de Deus espalha-se amplamente e cresce em poder. Tumulto causado pelos ourives.
Macedônia e		20.1-6	Complô para matar Paulo na viagem
Grécia		20.7-12	Êutico cai da janela; Paulo o ressuscita.
Trôade		20.13-38	Paulo se despede dos líderes da igreja de Éfeso. Encorajamento.
Mileto		21.1-16	Agabo adverte Paulo do que lhe
Caminho para			

Jerusalém Jerusalém		21.17-26	aconteceria em Jerusalém. Paulo relata o que Deus estava fazendo entre os gentios. Paulo faz um voto judaico.
------------------------	--	----------	--

Fonte: *O Novo Testamento em Quadros*, Wayne House, Vida.

APÊNDICE IX

Manifestações do Espírito Santo no livro de Atos

1. Som impetuoso. Ele se manifestou como um som de um vento impetuoso. "...de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso" (At 2.2). Não foi um vento, mas o som como de um vento forte.

2. Línguas de fogo. Ele se expressou em línguas de fogo, "distribuídas entre eles" (At 2.3).

3. Línguas. Também há no livro de Atos manifestações do Espírito em línguas, as mais diversas. "Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava" (Atos 2.4). "Pois os ouviam falando em línguas e exaltando a Deus" (At 10.46).

4. Profecias. Em várias ocasiões as pessoas profetizaram (At 2.18 e 19.6; 21.9).

5. O Espírito Santo levava as pessoas a falarem das grandezas de Deus. (At 2.11;10.46).

Jesus nos falou que o Espírito pode ser blasfemado e que a consequência é desastrosa! É sem perdão (Mt 12.31,32).

Paulo nos advertiu de que sua presença pode ser apagada em nós; extinta como a chama de uma vela sobre a qual se sopra (1Ts 5.19).

Ora, somente uma pessoa pode ter tais reações. A água não reage, nem tampouco o óleo, o fogo ou o vento. Mas

uma pessoa reage. E por ser uma pessoa, ele também tem essas reações quando não o tratamos convenientemente.

6. Intrepidez. Esta é uma das características do Espírito em Atos. Ele concede intrepidez ou ousadia (At 4.31; 14.13).

7. Presente na evangelização. Em Atos o Espírito Santo está no comando da evangelização. Indiretamente ele dá uma visão a Pedro e aparece para Cornélio (At 10.1-43). O Espírito ordena a Filipe que se aproximasse do carro (At 8.29). Deus apareceu a Paulo em Corinto e o orientou a permanecer naquela cidade (At 18.9,10).

8. Arrebatamento Físico. O Espírito honrou a obediência de Filipe e o deslocou de forma sobrenatural (At 8.39,40).

9. Demonstração de ressentimento (At 5.3,9; Ef 4.30). Ananias e Safira procederam erroneamente, e o Espírito se manifestou imediatamente desaprovando aquela atitude, e trazendo temor a igreja.

APÊNDICE X

Grego Uncial e Cursivo

Pronúncia	Cursivo	Uncial
alfa	α	A
beta	β	B
gama	γ	Γ
delta	δ	Δ
épsilon	ε	E
dzeta	ζ	Z
eta	η	H
teta	θ	Θ
iota	ι	I
capa	κ	K
lâmbda	λ	Λ
mi	μ	M

Pronúncia	Cursivo	Uncial
ni	ν	N
ksi	ξ	Ξ
omicron	ο	Ο
pi	π	Π
rho	ρ	P
sigma	σ	Σ
tau	τ	T
upsilon	υ	Υ
phi	φ	Φ
khi	χ	X
psi	ψ	Ψ
ômega	ω	Ω

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Revista e Atualizada da SBB

Bíblia, Revista e Corrigida da CPAD

Bíblia, Nova Versão Internacional

Bíblia, Nova Tradução na Linguagem de Hoje SBB

Eusébio, *História Eclesiástica*, CPAD

Eusébio, *História Eclesiástica*, edições em inglês

Hastings, James, *Dictionary of Christ and Gospels*

Hastings, James, *Dictionary of the Apostles*

The Lost books of the Bible (Os livros Perdidos da Bíblia).

A. B. Bruce, em *O Treinamento dos Doze*

Comentário Bíblico Moody, Batista Regular

Panorama do Novo Testamento, Vida

The Companion Bible, apêndices diversos

Introdução ao NT – Vida Nova.

Taylor Caldwell, *Médico de Almas* (Editora Record).

Huberto Rohden, *Paulo de Tarso*, Editora Martin-Claret

H. Wayne House, *O Novo Testamento em Quadros*, Editora Vida.



O ensino teológico além das fronteiras At. 1.8

**Rua Antônio José de Oliveira, 1180
Bairro São Carlos - Cx. Postal 1120**

86800-472 – Apucarana – PR

Fone/Fax: (43) 3426-0003

 **+55 43 99814-9696**

	(43) 99960-0910	(43) 99924-0708	(43) 99960-8886
	(43) 98455-4830	(43) 98455-4831	(43) 98455-4832
	(43) 99133-3953	(43) 99157-1462	(43) 99179-3492
	(43) 98823-7070	(43) 98846-1257	(43) 98806-6976

 **E-mail: contato@cetadeb.com.br**

 **Site: www.cetadeb.com.br**